

CATIVAS DO BERSERKER

CATIVA

MARGOTTE CHANNING



CATIVA

(Cativas do Berserker 01)

Margotte Channing





SINOPSE

Islândia ano 1087

Yvette é acordada numa fria manhã de inverno por um grito longínquo. Mais tarde, ao abrir a porta de sua casa, observa paralisada, a invasão dos vikings contra seu povo. Eles vieram para levar as mulheres. Ela nem sequer tem tempo de pensar em fugir, tudo acontece tão rápido que quando se dá conta, está em um navio a ponto de ser violada.

A história dá uma guinada, e faz com que dois irmãos briguem por ela, como se fosse uma mercadoria. De repente, ela acaba pertencendo ao chefe dos invasores. Agora ela enfrentará um homem, Erik, que não é somente um homem, existe algo mais dentro dele. E ela só conseguirá domar a fera terrível que o possui, sendo ela mesma, já que estão predestinados. Ela é a mulher que aparece na profecia, a única a quem o Berserker¹ escutará.



CAPÍTULO I

Borgarnes, Islândia, ano 1087.

A moça, encarregada da classe, parecia só um pouco mais velha do que os alunos. Vestia-se modestamente, com um vestido de lã, de pescoço alto, que em algum momento havia sido negro, e que, agora, possuía uma estranha tonalidade de cinza. E uma touca, absurdamente, feia. Essa forma de se vestir, assombrosamente, ressaltava sua extraordinária beleza. Possuía enormes e inocentes olhos violetas, emoldurados em um rosto oval e perfeito, com um nariz delicado e lábios generosos. As sobrancelhas negras, ressaltava uma pele branca e imaculada. Era a jovem mais bela da região. Suas mãos, entretanto, estavam cheias de calos produzidos pelo árduo trabalho que realizava todos os dias.

— Vamos meninos, a tabuada do cinco! — Yvette repetia a lição com os oito meninos, de diferentes idades. Todos prestavam atenção, já que preferiam estar ali, quentes, a estar trabalhando com seus pais no campo. Marianus, o monge que

se encarregara de ensinar a ler a todos os adultos que aceitassem fazê-lo, quando chegou ao povoado, agora, começara a ensinar seus filhos, quando conseguia convencer seus pais.

Nas granjas, os meninos começavam a ajudar no campo aos cinco ou seis anos, por isso, para os pais que necessitavam toda a ajuda que pudessem obter, supunha um grande sacrifício enviar seus filhos à escola, privando-se de um par de mãos, embora fossem infantis. Marianus a ensinara como dar as aulas. Ele saía todas as manhãs para visitar os vizinhos do povoado que mais necessitassem.

Ela não o veria, outra vez, até a noite, para o jantar, muitas vezes sem ter comido outra coisa além do café da manhã. Por ser um ancião, frequentemente quando voltava, ele estava tão cansado que tampouco jantava e ia diretamente à cama, mas sempre dizia que era seu trabalho. Yvette ria, dava-lhe o jantar, quando ele deixava, e depois lhe mandava à cama. Na sua idade não deveria fazer nenhum tipo de trabalho. Não sabia quantos anos ele tinha, mas seu cabelo já estava totalmente branco.

Tocou o sino para terminar a aula e os meninos saíram correndo. Levaram para ela os pergaminhos com as tarefas. Corrigiria os trabalhos pela tarde e apagaria tudo com miolo de pão, para voltar a usá-los. Despediu-se deles com um sorriso. Quando eles se foram, tirou a touca e as poucas presilhas que possuía, herança de sua mãe. Embora não gostasse de precisar prendê-lo todos os dias, usar o cabelo solto, em público, era impensável.

Saiu à horta para tirar as ervas daninha e passear um pouco, gostava muito de cuidar das plantas e, como ela estava cercada, não poderiam vê-la. Lançou uma olhada aos animais, embora já houvesse se ocupado deles quando amanheceu. Depois, entrou novamente na casa e tornou a prender o cabelo, logo Marianus chegaria. Afastou o guisado do fogo, e ele chegou alguns minutos depois. Era digno de se ver, um autêntico monge irlandês. Media um metro e setenta centímetros, aproximadamente, sempre usava seu hábito e sandálias, embora fosse pleno inverno, como agora. Seus olhos eram negros e, geralmente, risonhos. Ele nascera em uma família rica, e, por sua fé, tornou-se missionário. Era muito magro, com uma abundante cabeleira branca, e um eterno sorriso em seu rosto. E possuía um grande coração.

Dez meses atrás se apresentou na casa do pai de Yvette, e lhe ofereceu sua casa como solução temporária. Havia chegado a seus ouvidos, que a madrastra dela queria casá-la com o solteiro que oferecesse melhor dote à família. Um deles parecia estar mais interessado do que o restante, Olaf Baardson. Desde que ela se recordava, ele sempre a cortejara. O pai do Olaf era o granjeiro mais rico da região. Yvette conseguira evitá-lo durante anos, mas em sua situação atual, imaginava que não teria mais remédio que aceitar. Era um homem muito cheio de si mesmo, nunca falava com ela, só lhe dava ordens. Eles estudaram na mesma classe, com Marianus, e ela o conhecia bem.

Sentia um pouco de medo dele. Ele queria trabalhar no Alping, o parlamento islandês, por isso, estava estudando leis.

Ela escutara que o pai dele, já havia comprado uma poltrona vitalícia no parlamento para seu filho.

— Não é cedo para jantar?

— Olá, Marianus. É a hora de sempre, anoiteceu faz um momento, o guisado foi feito para que estivesse pronto na hora do jantar.

— Eu deveria ir visitar os Jensen, o pequeno está doente, — o homem não podia ficar tranquilo, nem um minuto.

— Ele já está melhor, o irmão dele me disse isto na aula. Sente-se, deve estar muito cansado, — ele estava com um rosto ruim.

— Sim, bem, é a idade, sou um velho — ele se sentou à mesa com um suspiro. Ela colocou um prato com o guisado de cordeiro e batatas, e um copo de leite, — Preciso dizer que vi o filho dos Baardson, ele virá em um momento, quer falar com você, — ele a olhou sério, com tristeza — já sabe sobre o quê.

Ela mordeu os lábios preocupada, colocou seu prato na mesa, em frente ao ancião. Sabia que era questão de tempo, mas não se sentia preparada, embora a maioria das garotas de sua idade já estivesse casadas. Sentou-se e moveu o guisado para que esfriasse. De repente, passara-lhe a fome.

— Não sei o que fazer Marianus, sei que não deveria mais pensar nisso, é uma boa proposta, e ele é um homem honrado e religioso.

— Sim, ele é, mas não precisa aceitar se não quiser, pode ficar aqui todo o tempo que quiser. — Ela sorriu negando com a cabeça, não queria criar problemas para Marianus depois do quão bom havia sido para ela. Olaf já lhe havia dito que, se não

se casasse com ele e seguisse vivendo com o ancião, seria prejudicial para ele. Sua família era quem pagava, quase totalmente, a manutenção da escola.

— Você foi visitar Christiansen?

— Sim, ele está destrozado. Tentei rezar com ele, mas está muito zangado, fiquei para lhe fazer companhia. Amanhã eu voltarei. Pelo menos sua irmã lhe leva comida todos os dias.

— É horrível, ele gostava muito da mulher, e perdê-la junto a seu filho no parto foi muito duro.

Bateram à porta, Yvette se mexeu para se levantar, mas Marianus lhe fez um gesto para que não o fizesse, e se levantou para abrir. Era Olaf, como imaginavam. Ela se levantou para saudá-lo, ele era um homem atraente, e, como sempre, o mais bem vestido do povoado.

— Quer jantar Olaf?

— Não, obrigado, já jantei em casa, — sentou-se ao lado dela. Ela agarrou a colher e voltou a mover a comida. Colocou um pouco na boca, para tentar adiar o momento que sabia que se aproximava.

— Yvette, precisamos conversar, quase terminei meus estudos e minha poltrona no parlamento já está paga, quer dizer que em algumas semanas irei para Keflavik, para começar meu trabalho. Não quero mais adiar. Já chegou a hora de nos casarmos. — Ela o olhou desesperada, depois se fixou em Marianus. Ele a olhava triste, o monge negou com a cabeça, mas ela não queria que a única pessoa que lhe demonstrara amizade, pagasse as consequências de sua teimosia. Na realidade, não havia mais outra opção, que se casar, então,

tomou a decisão naquele instante.

— Está bem Olaf, casaremos se é o que deseja, quando quer que façamos a cerimônia?

— Preciso arrumar algumas coisas, não posso acreditar que finalmente disse sim! — Os olhos dele brilhavam, agarrou-a pelo punho com força. Yvette reprimiu um gesto de dor, Olaf nunca se controlava. Puxou a mão para que ele a soltasse, mas ele a apertou ainda mais.

— Olaf Baardson! Solte-a imediatamente! — Marianus se levantou indignado.

— Não fiz nada a ela, — ele levantou as mãos em atitude defensiva.

— Ela não vai se casar com você! Você é um bruto! — Ela nunca vira Marianus tão zangado. Aproximou-se dele para tranquilizá-lo.

— Marianus, fique tranquilo, não aconteceu nada.

— Sim, aconteceu! Por que você nunca me contou como ele a trata? — Ele a olhava zangado.

— Não há nada para contar, — olhou para Olaf que estava ficando de uma cor de beterraba, muito pouco favorecedora, — ele não quis me machucar, é porque tenho a pele muito delicada, — ela baixou o punho para que Marianus não visse a marca de dedos que, estava certa de que haveria ali, como já ocorrera em outras ocasiões. E que em algumas horas se transformaria em um hematoma.

Marianus olhou a mulher que havia acolhido alguns meses atrás, e que ele já considerava uma filha. Desejou ser mais jovem, e também que não dependessem da família desse

pomposo que estava em sua cozinha. Rebelou-se ante a imagem de que essa jovem tão tenra e delicada se entregasse a esse caipira para que ele a maltratasse durante o resto de sua vida. Desgraçadamente ele conhecia como funcionava a maioria dos matrimônios por ali, e não queria isso para Yvette. Não era a primeira vez que pensava em levá-la dali e voltar à Irlanda, com sua família. Sabia que o acolheriam com carinho, possuía irmãos e sobrinhos que gostariam de revê-lo.

— Está bem, Olaf, se não se importar, deixe-nos sozinhos, não me encontro bem, pode voltar amanhã.

— De acordo, — ele também estava de pé e se voltou, rígido, à porta, Yvette mordeu os lábios, conhecia as vinganças de Olaf. Temia por Marianus, não por ela. Adiantar-se-ia para falar com ele, e tentar acalmá-lo, mas o monge colocou o braço em sua frente para evitar que ela continuasse andando. Ela o olhou, mas ele estava muito sério. Olaf saiu dando uma forte batida na porta.

— Ele trará problemas, — ela o olhou, mas, Marianus estava pensando algo. Não respondeu.

— Sente-se Yvette.

— Está bem, — ela se sentou em seu lugar, em frente a ele. Estava preocupada, com uma sensação ruim, não gostava da maneira como Olaf se foi.

— Isto não pode continuar assim, não quero que você se case com esse menino. Yvette, você viu como ele a olhou? No dia seguinte de seu casamento ele lhe dará a primeira surra, se não o fizer no mesmo dia. Nunca havia me dado conta do quanto ele está obcecado por você. Ocorreu-me algo, mas

preciso pensar nisso.

— Marianus, se eu não aceitar, você sabe o que acontecerá, a família dele deixará de ajudá-lo a manter a escola, e os meninos precisarão voltar para campo. Não posso consentir.

— Eu me ocuparei disso, vamos embora daqui. À Irlanda, sempre pensei que gostaria muito de voltar, pelo menos de visita. Prepararei tudo para irmos.

— Marianus, não podemos pagar a viagem! Não temos dinheiro.

— Possuo algo que posso vender, guardava para uma emergência.

— Mas, eu não posso ir e as crianças? E os animais?

— Posso pedir à viúva Hobson que se encarregue de tudo até que eu volte. A ideia é que, se você gostar de lá, ficará com minha família.

— Mas não conheço ninguém.

— Não se preocupe, os irlandeses são muito simpáticos, — ela sorriu pela brincadeira, trêmula.

— E o que vai vender?

— Um colar que minha mãe me deu, é muito valioso. Venderemos no porto, lá há um homem que se dedica a comprar joias.

— Ah! Marianus, isto me parece uma loucura, — ela baixou a cabeça olhando às mãos e se negando, preocupada.

— Não se preocupe com nada, preciso pensar, vou dormir.

— Ele levantou-se da mesa. — Você descanse também. Amanhã falaremos sobre tudo isto e decidiremos o que fazer, o que seja

o melhor para você, — o ancião se retirou deixando-a assombrada. Desde que ela se lembrava, ninguém, exceto a sua mãe, preocupou-se pelo que ela pudesse necessitar, ou sentir. Sua mãe morrera fazia muitos anos, ela ainda era uma menina. Seu pai, em seguida se casou com uma jovem, que se sentia incomodada por aquela menina calada com a qual não tinha nada a ver. Ela limpou uma lágrima decidida a não chorar, recolheu os pratos para esfregá-los e depois ir à cama. Havia muito trabalho todos os dias, para não se permitir o descanso da noite.

Despertou com um ruído estranho, um som longínquo, parecia um grito, rapidamente abafado. Esticou os braços para despertar e se levantou gelada, procurando seus sapatos, não possuíam tapetes e inclusive com sapatos, se não se movesse, os dedos dos pés acabavam como pedaços de gelo. Pegaria as presilhas, mas decidiu deixar para mais tarde. Colocou seu cabelo dentro da touca, e a amarrou, como sempre, sob o queixo, com um laço.

Na cozinha, felizmente, havia leite e ovos do dia anterior. Preparou o café da manhã e, quando estava preparado, deu alguns golpes suaves na porta de Marianus, estranhou que ele já não tivesse levantado. Quando ela ia à cozinha, normalmente o encontrava ali. Às vezes com o café da manhã já feito, esperando-a. Ele saiu um momento depois, ela já estava com o fogo da lareira aceso, para que fosse esquentando a estadia.

— Bom dia filha como dormiu?

— Bem, Marianus, embora despertasse algumas vezes por causa do frio.

— Sim, diga isso quando tiver minha idade, verá que há coisas piores do que passar frio. Que lhe doam os ossos passando frio, por exemplo, — ele sorriu tomando seu leite quente. Yvette lhe serviu os ovos como ele gostava e ao lado, uma terrina com um mingau.

— É muito, não posso comer tanto.

— Ontem não jantamos, nenhum dos dois, se não comermos não poderemos fazer nada, — ela se sentou em frente a ele, e começou a tomar seu café da manhã.

— Precisaremos hoje, primeiro ver a viúva e lhe perguntar se ela ficaria alguns meses cuidando de tudo. Acredito que sim, mas precisaremos falar com ela.

— Eu não posso ir, devo me ocupar dos animais. Bem, já sabe, e logo virão as crianças.

— Sim, de acordo, irei eu. Voltarei o quanto antes possível.

Os dois levantaram a cabeça, nesse momento, surpreendidos, e saíram à porta da casa. Havia um grande estardalhaço na rua. Marianus abriu a porta parando um momento na entrada, enquanto tentava assimilar o que seus olhos viam. Yvette, boquiaberta, permanecia atrás do ancião observando aquele pesadelo.

Dúzias de homens cavalgavam pelas ruas. Estavam vestidos como os bárbaros aos quais eles temiam tanto, somente com calças, e algumas peles amarradas ao peito. Todos possuíam barba e cabelos compridos e gritavam ao cavalgar. De repente, dois deles frearam seus cavalos e entraram na casa de seus vizinhos, puxando à rua aos que viviam ali. Yvette observou assombrada, como eles amarravam

as mãos das duas mulheres, a mãe e a filha, e quando o pai se aproximou para socorrê-las, um deles lhe cravou uma espada no ventre. Ela levou a mão à boca assustada. Marianus saiu para ajudar. Yvette estendeu o braço para tentar segurá-lo, conseguindo somente roçar o hábito com a ponta dos dedos. Foi a última vez que lhe tocou.

Outro dos vikings os viu e se aproximou deles. Dirigia-se para Yvette, o ancião não lhe interessava. Quando o monge viu que ele olhava para ela, agarrou-o pelo braço, recebendo uma punhalada no peito. Marianus caiu no lugar como havia vivido, sem um gemido. Ela correu para ele, mas o monstro que o matara, agarrou-a pela cintura sem permitir que se movesse. Ele riu obscenamente ao frear seus intentos de escapar para socorrer o monge. Amarrou as mãos dela com uma corda, e lhe levantou o rosto com uma mão obscurecida pelo sangue. A beleza de Yvette fez com que deixasse de rir, depois, colocou-a no cavalo, e montou atrás dela, enquanto dizia algo ao outro viking que já arrastava às outras duas pobres mulheres.

Durante o breve trajeto até o porto, ela chorou como não chorara em toda a sua vida, pensando em Marianus. Seu captor, de vez em quando, apertava-lhe os seios, até fazê-la se encolher de dor, mas não disse nada. Sabia que seria pior, ela vira o olhar dele, era como o do Olaf. Havia homens que se satisfaziam fazendo mal às mulheres. Ele também beliscou sua cintura em várias ocasiões, até que ela teve certeza de que estaria cheia de hematomas em algumas horas.

Havia dois Drakkars atracados no pequeno porto de seu povoado, entre os barcos dos pescadores. Os navios estreitos e

largos dos vikings, tornados tristemente famosos, por suas incursões para roubar ou para conseguir escravos, sequestrando homens e mulheres. O homem deteve o cavalo e desceu arrastando-a atrás dele. Havia dois vikings vigiando o navio em que subiram. Gritaram-lhe algo, ele respondeu e a sacudiu, o que fez todos rirem com vontade. Ela não se dava conta de nada, continuava recriando em sua mente o momento em que Marianus caíra, uma e outra vez. Desceram por algumas escadas estreitas no interior do navio. Ela tropeçou e quase caiu, ele se voltou e a segurou para que se mantivesse estável, após, deu-lhe um bofetão que fez com que lhe sangrasse a boca. Continuou puxando-a até que chegaram à frente de uma porta. Yvette se retorcia porque sabia o que viria depois. Preferia morrer, a morte para ela seria recebida como uma amiga. Ele esticava o braço para o trinco quando soou um rugido que a fez tremer, o monstro que a mantinha presa ficou rígido voltando-se às escadas.

— Ingvarr! — Quem proferia aqueles gritos horripilantes se apresentou em frente a eles. Ela se virou arrastada pelo monstro e observou o homem ao qual esse selvagem temia.

Era ruivo, com o cabelo penteado com tranças, olhos azuis como o gelo, e, pelo menos, dois metros de altura. Usava calças muita ajustadas às pernas, que eram enormemente musculosas, e seu peito, muito largo, estava coberto com uma capa curta de pele de raposa branca. Sua atitude lhe indicou que ele era o chefe. Ele se aproximou do outro e tirou a mão do punho dela, sem deixar de gritar, com uma atitude muito agressiva. Depois, ele mesmo a segurou, embora não lhe fizesse

mal.

Erik não podia acreditar que seu irmão o tivesse desobedecido depois dele ter ordenado que não saísse do navio, e, além disso, voltava com uma mulher! A culpa era dele por permitir que ele viesse à incursão, ele sabia, sempre, que não era de confiança. Ingvarr tentava provocá-lo, mas começou a andar pelo corredor arrastando à moça com ele.

— Você é um covarde! Não é estranho, pois o que se pode esperar do filho de uma escrava puta? — Fez-se um silêncio terrível. Ele parou, deixando no corredor a mulher que os olhava aterrada, embora ela não os entendesse. Aproximou-se de seu meio irmão e, puxando a espada a uma velocidade incrível, colocou a ponta no pescoço dele.

— Jamais volte a falar de minha mãe! Não sei como me contenho, e não o degolo, aqui mesmo, como a um porco — Ingvarr ao ver os olhos de Erik sabia que desta vez passou do limite. — Está de acordo em que é um porco, boca grande? — O outro homem, teimoso, não disse nada, Erik, então, apertou um pouco a espada, o suficiente para que começasse a sair o sangue.

— Está bem, está bem, sou um porco, boca grande, — ele levantou os braços em atitude de súplica.

— Chegará o dia em precisarei matá-lo, — ele resmungou. — Ingvarr ficou pálido ao escutá-lo.

Voltou-se para seu camarote, quando passou junto a ela, pegou sua mão e entraram nele. Soltou-a assim que entraram, ela ficou de pé tremendo, sem ser capaz de fazer nada mais. Abraçou a si mesma rezando para morrer nesse instante.

Enquanto Erik deixava suas armas e a capa em cima da mesa, tentava se tranquilizar pelo que acabava de ocorrer. Não tivera a intenção de raptar nenhuma mulher para ele, mas seu irmão havia desobedecido a suas ordens de não sair do navio. Houve numerosos mortos por culpa dele, e quis lhe dar uma lição lhe tirando a mulher que ele raptara. Era o chefe, mas Ingvarr sempre poria em dúvida sua autoridade. Voltou-se resistindo à vontade de amaldiçoar, a mulher já parecia bastante assustada. Certamente não aguentaria um inverno em sua terra, encolheu os ombros e se colocou em frente a ela para observá-la. Levantou seu rosto com a mão para observá-la com tranquilidade. Era uma beleza, embora, por sua roupa, parecia uma daquelas monjas católicas, mas isso não lhe importava. Os olhos dela olhavam o chão.

— Olhe-me, — ela se surpreendeu de que ele falasse seu idioma, — sim mulher, minha mãe era uma escrava irlandesa, conheço seu idioma. Mas não pensei que o falassem aqui.

— É um povoado fundado pelos monges irlandeses faz muitos anos, quase todos falam esta língua, — ela tiritava ao falar, todo seu corpo tremia.

Ele não escutou nada do que ela disse, somente observava seus enormes olhos, tristes, desesperançados. Pela primeira vez em sua vida, afetou-lhe a dor que distinguia no olhar de outro ser humano. Os olhos dele se deslocaram para a feia marca dos dedos de Ingvarr. Era o entretenimento preferido dele, agarrar às mulheres. Depois de observar a pureza de seu rosto, continuou pelo cabelo e viu a feia touca, levantou a mão, o que fez que ela se encolhesse.

— Não agarro as mulheres. Quero ver seu cabelo, — ela assentiu. Desatou o laço e tirou a touca. Seu cabelo caiu livre, formando uma massa de cachos negros com brilhos azuis até o meio das costas. Ele agarrou uma mecha como se estivesse hipnotizado, e o acariciou com dois dedos. Ao ver que ela tremia, mais ainda, agarrou sua capa, e a jogou por cima dela, depois, cruzou os braços, olhando-a com o cenho franzido. Assentiu momentos depois e lhe disse:

— Está bem, a partir de agora você é minha, — saiu depois, fechando a porta por fora, ela se deixou cair no chão, soluçando.



CAPÍTULO II

Erik saiu do camarote impressionado. Era a mulher mais bela que ele havia conhecido. Embora não fosse de seu estilo. Ele gostava das muito altas e rechonchudas. Quando se deitava com alguma mulher, não queria precisar ter o cuidado se por acaso as machucaria. Mas esta, embora fosse jovem, pouco mais que uma menina, atraía-o de maneira especial.

Precisava fiscalizar a chegada de todos os seus homens e ver as reféns. Esta viagem era muito importante para eles. Necessitavam de mulheres em seu novo povoado, na Groenlândia. Havia escassez delas, e já haviam começado as brigas, inclusive um assassinato, devido à falta de mulheres. Ele, como o chefe, decidiu solucionar o problema raptando mulheres de outros povoados. Ouvira falar que no povoado de Borgarnes havia muitas mulheres e os homens não eram guerreiros, mas sim, granjeiros. A diferença deles era que eram, antes de tudo, ferozes guerreiros e depois, granjeiros e comerciantes. Ficou no convés de seu Drakkar observando os grupos de mulheres que foram sendo trazidas para serem

inspecionadas, se as achassem muito meninas, negava com a cabeça, e eram devolvidas a terra. Quando terminaram, seu segundo, Jensen, veio para o navio.

— Uma boa colheita não é? — Ele era quase tão grande quanto Erik, mas de cabelo loiro. Aproximou-se dele discretamente para que o resto dos homens não o ouvisse: — Erik, seu irmão está dizendo que você lhe roubou uma mulher que era sua refém. Está deixando os homens nervosos, já sabe o que pensam sobre os roubos.

— Ele me desobedeceu, eu lhe disse que ficasse no navio, já sabe como ele é com as mulheres, não penso enterrar outra por sua loucura.

— Entendo-o, mas possivelmente devesse falar com ele.

— De acordo, — seu irmão de pai, já que a mãe de Ingvarr era a mulher legítima do jarl², enquanto que a mãe de Erik era somente uma escrava, estava, como sempre, vagabundeando, sem fazer nada, e já pegara uma garrafa de hidromel. Erik apertou a mandíbula, farto.

— Ingvarr! — Conseguiu com que ele se sobressaltasse, mas, ele o olhou com ódio, como sempre. O estúpido do seu irmão nunca aceitaria que ele fosse o chefe. O pai de ambos o animava a resolver suas disputas de maneira violenta. A mãe de Erik em numerosas ocasiões lhe curara as feridas chorando e pedindo que não voltasse a enfrentar seu irmão, naquela época, muito maior do que ele. Desde a morte de sua mãe, ninguém demonstrara preocupação com ele, em nenhum sentido. Era estranho que agora pensasse naquilo, enquanto olhava para seu irmão que continuava bebendo da garrafa e lhe

provocando. Com um rápido movimento tirou a garrafa dos lábios dele, e lhe agarrou do pescoço com a mão esquerda, seu irmão lhe olhou assustado, conhecia Erik.

— Por que não ajuda os homens? — Fez isto desejando que ele lhe desse um motivo para dar-lhe um bom golpe, mas Ingvarr assentiu e saiu quase correndo para ajudar os outros remadores. Já estavam se colocando em suas posições. Não havia vento e, naquele momento, precisariam remar.

Jensen se aproximou:

— Vou ao outro Drakkar, sigo vocês. Primeiro sal, — Erik assentiu, e lhe fez uma indicação com a cabeça para o timoneiro, depois, bebeu um gole de hidromel. Seus olhos lançavam chispas, observando o povoado que deixavam para trás, com várias cabanas ardendo, e cadáveres pelas ruas. Ele, realmente, não estava vendo nada daquilo. Pensava na mulher que ele deixara em seu camarote. Continuou bebendo animando-se cada vez mais. Já não se via a terra quando ele decidiu descer. Deixou o timoneiro encarregado de tudo, dizendo que desceria para dormir por um momento. Entrou no recinto, silenciosamente, e fechou a porta atrás dele, apoiando-se nela, pois já notava o efeito do hidromel.

Yvette ficara adormecida no chão, exausta, depois de ter soluçado durante horas. Disse algo entre os sonhos, mas ele não entendeu o que era. De repente, incomodou-o que ela não tivesse consciência de sua presença e estivesse tão tranquila, dormindo. Largou a garrafa, com um golpe na mesa, o que fez com que ela despertasse sobressaltada. Quando ela viu onde estava, ergueu-se ficando de joelhos, levantando-se depois. Ele

voltou a olhá-la, era muito bela. Aproximou-se dela e ela retrocedeu até dar com suas costas na parede de madeira.

— Fique tranquila mulher, não vou lhe fazer mal, — o que ela negou com a cabeça.

— Não, por favor, deixe-me, por favor, — seus olhos voltaram a se encher de lágrimas. Erik sentiu-se incomodado com a sensação de mal-estar que sentiu ao ver a expressão dela.

— Pare quieta, — ele a segurou pelos braços porque tentava escapar. Quando ela ficou quieta, respirando agitada, ele a beijou. Yvette o empurrou pelo peito inutilmente. Ele segurou a cabeça dela, para que não se movesse. Ao ver que continuava resistindo, ele lhe mordeu o lábio inferior como advertência, isso a tranquilizou alguns minutos. Acovardada, ficou quieta, com as lágrimas caindo por suas bochechas.

Ele levantou a cabeça para olhá-la. Perturbado, reparou que tinha sangue no lábio dela, roçou a ferida com o polegar, depois, inclinou-se e a lambeu. Ela tremia. Isso o incomodou. Com o cenho franzido puxou-a para aproximá-la da cama que estava em um canto. Yvette resistia, atrapalhando-o, até que ele a levantou em seus braços e a deixou cair sobre o leito, depois, atirou-se em cima dela, segurou seus pulsos com uma mão por cima da cabeça, e depois, voltou a tentar beijá-la, mas ela afastou o rosto.

— Não importa preciosa, há outros lugares onde quero beijá-la, — ele foi baixando beijando o queixo, seu pescoço onde seguiu dando ligeiras dentadas. Lambeu a união entre o pescoço e o ombro. Ela estremeceu, e ele a olhou, parecia

aterrorizada, — fique tranquila, você gostará.

Continuou tentando-a, beijando, lambendo e mordiscando. Era uma mulher pequena, quase frágil, à força conseguiu lhe tirar o vestido, atirou-o para longe da cama. Acariciou seus braços e suas pernas. Sua mão se dirigiu ao meio de suas pernas e entrou em sua intimidade por baixo da regata.

— Não, não, por favor, saia de cima de mim! — Ela se retorcia como louca debaixo dele. Ele voltou a lhe segurar as mãos, mas estava com medo de machucá-la. Olhou-a com o cenho franzido.

— Pare quieta! — Ele rugiu, e lhe tirou a regata, deixando-a, completamente, nua. Quando parou, viu os hematomas em suas costelas e na cintura. — E isto? Quem foi? — Ela não respondeu, olhava-o sem falar, tremendo. Ele a penetrou com seu dedo indicador.

— Está seca. Você é virgem? — Ela continuava sem falar. Ele ajustou sua mandíbula. Como vingança, começou a colocar e tirar o dedo, ela se moveu incômoda. Tirou o dedo e o chupou para scandalizá-la. Ela arregalou os olhos, ainda mais, quando ele voltou a colocar o dedo dentro dela. Continuou movendo-o e se inclinou, ao mesmo tempo, para chupar um mamilo que o chamava convidativo. Sorveu fortemente, isso fez com que ela gemesse, baixinho, mas sem poder evitar. Ele levantou a cabeça, impressionado, e sorriu ao ver como o olhar dela começava a parecer sonolento. Voltou a dedicar toda sua atenção ao seio, enquanto seu dedo continuava acariciando seu interior. Em seguida começou a notar como ela destilava

umidade, afastando os cachos mais íntimos, ele acariciou seu clitóris, com delicadeza. Ela arqueou com força, era fogosa e ele estava desejando montá-la. Inclinou a cabeça e esmagou sua boca contra a dela, exigindo-lhe que a abrisse para ele. Os lábios de Yvette se separaram recebendo-o com doçura, e sua língua se rendeu aos agressivos ataques e roçar da dele. Erik exalou um gemido e a apertou com mais força. O beijo se tornou frenético à medida que ele a penetrava mais a fundo, desejava-a cada vez com mais desespero. Afastou-se com um grunhido e seu olhar explorou o rosto avermelhado dela. Com a mão direita abrangeu todo seu monte de cachos úmidos e o esfregou com leite. Em seguida, baixou as calças, nervoso e excitado, e colocou seu membro na entrada dela. Empurrou, e conseguiu que seu pênis entrasse nela pela metade. Ao notar sua estreiteza, chupou seus mamilos, até que ela voltou a excitar-se. Só então ele empurrou de novo e entrou inteiro. Ela o empurrou ao sentir dor, para tentar tirá-lo de cima.

— Está me machucando! Tire, por favor! — Ele tentou ficar quieto alguns segundos, para que não lhe doesse muito, mas ela continuava se movendo e conseguiu que ele se excitasse ainda mais. Não pode seguir quieto, moveu novamente os quadris, a um ritmo cada vez mais vertiginoso. Yvette negava com a cabeça, entre lágrimas, novamente rolando por suas bochechas, mas parou de brigar. Apesar de que ele tentasse em várias ocasiões voltar a beijá-la, não conseguiu. Com algumas estocadas mais, ele explodiu dentro dela e se afastou deitando-se de lado, olhando-a. Ela se afastou em seguida deitando-se na beirada da cama, de costas para ele. Ele não a ouvia, mas

por causa de como se movia seu corpo, pareceu-lhe que continuava chorando. Suspirou profundamente, antes de dormir satisfeito.

Yvette se levantou quando escutou os roncos do gigante. Vestiu-se como conseguiu e depois foi à mesa. Ele havia deixado suas armas ali, uma espada, uma adaga, e suas peles. Ela agarrou a adaga entre suas mãos, e tocou com seu dedo indicador a ponta, sem se dar conta, apertou muito, porque saíram várias gotas de sangue do dedo. Estava muito afiada. Muito devagar, colocou-a sobre a parte interior de seu pulso esquerdo, sabia que assim a morte seria muito tranquila. Quando estava aproximando o fio à pele, quase a roçando, alguém agarrou seu vestido por trás e com força a puxou. Sem querer, ela cortou o antebraço, fazendo uma ferida longa e profunda. Caiu ao chão por causa do impulso e observou Erik, que a olhava furioso.

— O que está fazendo? Enlouqueceu? — A adaga havia caído perto dos pés dela. Com um chute ele lançou a adaga ao outro lado do recinto. Depois, agarrou-a pelo braço são e a levantou grunhindo.

— Viu o que você fez? — Ele agarrou a outra mão para olhar sua ferida, mas ela puxava-a pelo braço para resistir. A ferida sangrava abundantemente. Arrastou-a com ele até um baú de onde tirou um tecido branco suave. Em seguida envolveu seu braço no tecido para estancar a hemorragia, brigando contra ela, que não parava de remexer-se.

— Acalme-se! — O grito reverberou por todo o camarote, e fez com que ela se encolhesse de medo, e ficasse quieta. Erik a

segurou pelo pulso, e sem soltá-la, abriu a porta, puxou-a até as escadas e subiu ao convés. Lançou uma olhada por alguns segundos, até que localizou o homem que procurava.

— Hjalmar! — Um homem baixinho, mas muito gordo, foi até eles, Yvette começou a suar e cambaleou. Erik amaldiçoou agarrando-a nos braços, deu algumas ordens em seu idioma ao outro homem e voltou para o camarote. Segundos depois entrava Hjalmar, com uma bolsa feita com diferentes peles de animais que deixou sobre a mesa. Erik se sentou junto à bolsa com ela no regaço, Yvette estava enfraquecida, o braço lhe palpitava e sentiu que desmaiaria.

Os homens falavam entre eles, Erik estava preocupado, a ferida sangrava muito.

— Tome cuidado ao costurar, faça os pontos pequenos.

— O que está dizendo? E o que isso importa Erik? — Ele deixou de perguntar ao ver o olhar assassino de seu chefe. A garota parecia desmaiada, mas ao notar o que fariam começou a retorcer-se.

— Assim não posso costurá-la, dê-lhe hidromel, embebede-a e me chame. Além disso, precisamos jogar o líquido mãe para matar os demônios, — o líquido mãe era feito, tradicionalmente, pelo marinheiro que curava as feridas no navio. Era feito com ervas que fermentavam, e, quando aplicado a alguma ferida, ajudava a cicatrizar mais rapidamente. A dor era insuportável, até os guerreiros mais curtidos não podiam evitar gritar ao serem curados com ele. Sem dizer nada mais, saiu do camarote.

Erik colocou a cabeça da garota na curva de seu braço

para conseguir melhor acesso a ela, e aproximou outra garrafa de hidromel, conectando-o diretamente na boca. Ela quase se afogou, e tossiu para poder respirar. Apesar da dor, tentou se levantar, mas não conseguiu, ele a prendera com força. Ele esperou que terminasse de engolir e que respirasse algumas vezes, e voltou a lhe dar de beber. No terceiro gole, ela já não brigava. Observou-a alguns instantes para avaliar se estava suficientemente bêbada, mas decidiu que se asseguraria com alguns goles a mais. Ela estava tranquila recostada sobre seu braço, olhando-o com atenção.

— Vamos beba um pouco mais, é a única maneira de que não doa, — ela o fez e soluçou, o que o fez sorrir. Deixou a garrafa na mesa e chamou Hjalmar aos gritos, que apareceu em seguida. Sentou-se diante deles e lhe fez um gesto para que apoiasse o braço dela na mesa e a segurasse. Ela virou a cabeça para observar o que faziam, sem se preocupar, aparentemente, ao ver que seu braço estava estendido em cima da mesa, e um viking barbudo e sujo estava enfiando uma linha na agulha para costurá-la.

Erik a olhava admirado, embora supusesse que a valentia que demonstrava procedia do hidromel. Ela estava presa pela cintura com um braço, e com o outro ele segurava seu braço à mesa. Hjalmar o olhou para avisá-lo que jogaria o líquido mãe. A dor fez com que ela tornasse a se retorcer soluçando. Deixaram que desabafasse enquanto o líquido limpava a ferida por dentro, tirando toda a porcaria e sangue meio coagulado para fora. Quando começou a costurar, ela virou a cabeça e fechou os olhos fortemente, ele notou sua tensão e apoiou os

lábios sobre seu cocuruto.

— Fique tranquila, não demorará muito, — fez um gesto a seu homem para que se apressasse. O homem assentiu mordendo os lábios tentando, pela primeira vez em sua vida, que os pontos fossem regulares e os menores possíveis. Ele continuou observando-a até que Hjalmar terminou de costurá-la, recolheu tudo e se foi. Ela continuava sem lhe olhar.

— Venha bichinha selvagem, já está pronto, levante-se, — ela não se movia, olhou o rosto dela por baixo, e escutou um ronco suave. Ele riu, ela estava bêbada.

Deitou-a e aproveitou para despi-la outra vez. Desta vez de tudo, já que ela não podia se queixar. Sentou-se junto a ela, na cama, e observou suas formas perfeitas, e sua pele tremendamente branca. Colocou uma mão sobre sua coxa direita, observando a diferença de cor. Acariciou com suavidade a perna até chegar ao quadril e à pequena cintura. Depois, agarrou sua mão, e a virou para observar a palma, estava cheia de calos. Parecia estranho no corpo daquela mulher. Ela deveria ser tratada como uma rainha, e não fazer os piores trabalhos, como uma escrava. Embora agora ela fosse certamente. E dele. Finalmente ele possuía alguma coisa para agradecer a seu irmão. Ele lhe trouxera aquela deusa. Beijou sua mão e se despiu. Precisava possuí-la outra vez, marcá-la, até que todos soubessem que era dele. Nunca sentira nada parecido, era quase como se fosse um animal. De repente, recordou-se de sua vida, anos atrás, de seu treinamento, brigando sempre com seu Berserker. Possivelmente esta era a única, aquela que poderia conseguir que sua fera interior se

acalmasse. Da qual falava a profecia. Acariciou seu cabelo, admirado pelos cachos negros e brilhantes e separou suas pernas para poder deitar-se sobre ela, suportando seu próprio peso sobre os antebraços. Beijou de novo os lábios, dela, lambendo-os gulosamente. Ela cheirava ligeiramente a uma fruta, não sabia qual. Apoiou brandamente os lábios sobre os dela outra vez, e os moveu com delicadeza, queria que ela despertasse com seu beijo. Depois, separou-os com a língua e explorou sua boca.

Yvette despertou devido a um beijo que estava lhe provocando uma sacudida no mais fundo. Abriu os olhos e viu Erik olhando-a apaixonado. Voltou a beijá-la. Brandamente. Ela, desta vez, queria mais. Estava com uma nebulosa na cabeça que a impedia de pensar, mas seus sentidos haviam se aguçado. O sangue corria quente por suas veias, e fez com que o hidromel terminasse de subir à sua cabeça. Agora lhe parecia muito atraente, e desejava estar mais perto dele. Jogou os braços ao pescoço e se apertou contra seu corpo duro e sólido. Sentiu que ele estremecia pela surpresa e, então, pareceu querer esmagá-la contra ele. Seu beijo se tornou mais exigente, como se quisesse devorá-la inteira. De repente ela se recordou da dor de sua união anterior, conseguiu encontrar forças suficientes para tentar separar-se, mas só conseguiu que ele risse e lhe sussurrasse no ouvido.

— Não se preocupe escrava, às mulheres só dói a primeira vez, eu estava muito excitado para facilitar isso para você, mas agora nos satisfaremos, os dois.

— Não, por favor, deixe-me, — tentou empurrá-lo com as

mãos, até que notou uma dor forte no braço e viu a atadura, não foi um sonho, eles haviam costurado seu braço!

— Precisaré tomar cuidado com esse braço durante alguns dias, eu não gostaria que não fechasse bem, — sua voz soou com autoridade, mas essa sensação se anulou, quando ela notou que ele a penetrava com um dedo.

— Sabe que você tem o cone mais delicioso que eu já entrei? Aperta-me como se não quisesse me soltar. Preciso voltar a montar em você, mas está seca ainda. Espere, — ele se ergueu sentando-se sobre seus calcanhares, era uma visão atemorizante, ela encolheu suas pernas colocando-se para trás, expondo-o totalmente a sua vista. Ela se negou ruidosamente, mas se sentia sem forças. Não sabia o que havia bebido, mas nada do que acontecia lhe parecia muito grave, embora soubesse que em outras circunstâncias brigaria até a morte.

— Você gostará, você verá, — ele se inclinou e puxou seu quadril com suas mãos enormes, depois, olhando-a nos olhos foi aproximando sua boca dela, até que cobriu toda sua vagina. E começou a sorver, ela notou imediatamente uma pressão em seu ventre como se acumulasse ali algum tipo de energia. Não deixaram de se olhar enquanto ele a chupava. Então começou a sorver seus clitoris, o que fez com que ela enlouquecesse. Ela esticou suas mãos para tentar segurá-lo pela cabeça, mas não alcançava.

— Fique tranquila, não se mova, deixe-me, terá o que quer pequena, — voltou a deixá-la sobre a cama, e se inclinou de novo, para continuar prestando atenção a seu clitoris, enquanto, ao mesmo tempo, penetrava-a com dois dedos. Ela

gemia movendo a cabeça para os lados. Quando sentiu o orgasmo, pensou que morreria, que lhe pararia o coração. Enquanto ela recuperava a respiração, Erik voltou a tombar-se sobre ela, e a olhou até que ela voltou seus olhos violetas para ele.

— É a mulher mais bonita que já vi, — ela avermelhou de prazer. Sentia-se satisfeita e relaxada.

— Isto é pecado, Marianus ensinou-nos assim.

— Quem é Marianus?

— O monge que havia em nosso povoado, eu vivia com ele, o homem que me sequestrou o matou, — voltou a sentir as lágrimas em seus olhos.

— Escute-me, não sei seu nome, — ele a olhou surpreso. — Como se chama?

— Yvette, — Ela lhe respondeu com um suspiro, ainda sentindo um tremor de prazer.

— Yvette, escute-me, sinto muito que seu amigo tenha morrido, não eram essas as minhas instruções. Descobrimos uma terra nova, construímos uma boa vida lá, mas faltam mulheres. Sei que pode lhe parecer selvagem, mas viemos para buscá-las, assim se tem feito em meu povo desde que temos lembrança. E seu povoado seguramente foi formado por vikings em seu momento. Falaremos de tudo isso. Agora quero que terminemos o que começamos.

— Há mais?

— Sim, para os dois, se eu o fizer bem, claro, — sorriu travesso, enquanto se introduziu dentro dela sem avisar. Ela arregalou os olhos esperando dor, mas não houve. Passado um

minuto ela relaxou, e começou a aproveitar, agarrou-se a seus ombros como se pudesse cair da cama. Quando terminaram, exausto, Erik se deixou cair em cima dela e se deu conta de que já estava adormecida. Ele sabia que a maior parte de sua boa disposição era pelo fato de ter bebido hidromel. Mas, se fosse necessário, sempre teria um copo da bebida em sua casa, para que ela nunca dissesse que não. Afastou-se dela com dificuldade, e se deitou de lado arrastando-a para ele, para que ela não pudesse voltar a se levantar sem que ele se desse conta. Ele precisava dormir algumas horas. Agarrou com força sua cintura e fechou os olhos. Dormiu em seguida.

Yvette abriu os olhos acalorada, sentia algo pesado em sua cintura que a impedia de se mover, e todo seu corpo ardia, sobretudo embaixo. Tocou com sua mão direita o obstáculo que estava em sua cintura, sobressaltou-se ao apalpar um braço enorme que lhe cobria a cintura e parte do quadril. A mão de Erik se estendia por seu estômago, completamente estendida. Levantou o braço com esforço, era muito pesado, devagar, para que não despertasse. Moveu-se devagar, ficando de pé, quando o moveu, o braço esquerdo lhe deu uma espetada de dor que fez com que tivesse que respirar fundo para não fazer ruído. Olhou seu braço quando estava erguida, sentia que ele latejava, devia ter inchado porque a atadura lhe apertava. Bom, a primeira coisa, era que precisava procurar um banho, não podia aguentar mais. Erik despertou sobressaltado, ele notara que o lugar a seu lado estava vazio. Levantou a cabeça olhando para sua esquerda para observar o recinto. A garota estava sentada com as mãos no colo, e a cabeça inclinada, como se

estivesse rezando. Ele sabia, porque vira sua mãe nessa mesma postura muitas vezes. Tentou ensinar ele a rezar, mas quando seu pai soube deu uma surra nela. Levantou-se sigilosamente e foi até ela, vestiu-se e até voltou a colocar a odiosa coisa que usava na cabeça. Entrou em um compartimento, que era um quartinho com um urinol, e saiu para se encontrar com ela que o olhava nervosa ao lado da porta.

— Não pensava que eu deixaria a porta aberta? — Ele sorriu com maldade, viu que ela sustentava o braço com a mão, agarrou para vê-lo, aparentemente não estava inchado. Colocou suas calças e se virou para ela.

— Venha, vamos para cima, preciso ver como vai tudo, — agarrou seu pulso que estava bom e puxou-a para fora depois de abrir o cadeado. Ela estava com a sensação de que ele sempre a puxava, como se ela fosse um bichinho com o qual ele estivesse passeando.

No convés os homens os olharam interessados, ficaram várias horas encerrados, todos imaginavam o que estiveram fazendo. Ela se ruborizou ao se dar conta.

— Ao trabalho, não têm nada para fazer? — Erik rugia furioso ao escutar alguma falação conforme avançavam, ninguém voltou a se atrever a levantar a cabeça do que estava fazendo, nem a sussurrar, nada mais. O capitão, quando estava com esse humor era temível. Dirigiu-se ao leme arrastando à garota atrás dele. O timoneiro estava há muitas horas sem substituição, normalmente ele o teria substituído várias horas antes, mas estivera distraído. Era estranho nele, todos os seus marinheiros sabiam que, antes do que qualquer

mulher estava seu drakkar.

Atrás do leme havia uma curva esculpida na madeira, que ele utilizava como assento, e fez com que ela se sentasse ali. Não pensava em deixar que ela saísse de sua vista depois do ocorrido. Agarrou o comando para que o timoneiro descesse para descansar.

— Posso beber água? — Ele sorriu negando com a cabeça.

— Não temos água, a viagem é curta, se tiver sede, a única coisa que temos é hidromel, — ele segurou o leme com uma mão enquanto girava a cabeça para vê-la. Ela mordeu os lábios, estava bastante vermelha. Era estranho porque não fazia calor.

— Está bem, onde está? Tenho muita sede, preciso beber, — Erik fez um gesto para Hjalmar, para que ele lhe trouxesse um copo do barril de hidromel que estava no convés. Ele trouxe-o e o entregou.

— Obrigada Hjalmar, — o homem ficou olhando-a esperando o copo, mas ela precisou bebê-lo em goles, porque lhe parecia muito forte. Ele esperou tranquilamente.

— Dói o seu braço, moça? — Ela se surpreendeu ao escutar alguém mais falando em seu idioma. Não sabia que a maioria deles falava, devido a suas numerosas viagens, como invasores, ou como comerciantes.

— Sim, um pouco, é como se queimasse.

— Amanhã precisará trocar a bandagem. Voltarei a colocar o líquido mãe, mas pode beber antes, vejo que você gosta.

— Tenho sede. Erik me disse que não há água, — ela terminou de beber porque sentia vergonha que o homem

estivesse esperando diante dela, e lhe devolveu o copo. Embora ele não parecesse ter pressa de partir, porque a olhava, observando-a, ela não sabia por quê.

— Onde estão as outras mulheres? — Parecia que ele responderia, mas não lhe deu tempo.

— Não tem nada para fazer Hjalmar? — Erik gritou zangado olhando-os.

— Sim, já vou, como você me pede. — Deu a volta para falar com ele, antes que lhe arrancasse a cabeça. Sussurrou junto a Erik, — essa garota deveria cobrir-se com algo, ela está tremendo, — Erik se voltou com o cenho franzido observando-a. Era verdade.

— Está bem, traga algo para ela se tapar. E não fale mais com ela.

— De acordo, de acordo, vou buscar algo, — ele lançou uma última olhada à garota e se foi.

— Onde estão as outras mulheres? — Erik fez como se não tivesse escutado nada, não tinha vontade de falar com ela. Continuou olhando o horizonte, mantendo o leme firme.

— Posso vê-las? Preciso falar com elas, — surpreendeu-se ao vê-la a seu lado, cambaleava, o mar estava começando a crescer. Ele esticou seu braço esquerdo para segurá-la. — O que faz de pé?

— Erik, por favor, deixe-me ver as outras mulheres.

— Não. Sente-se, e se cale, não para em causar a guerra, — voltou a olhar à frente esperando que cumprisse suas ordens, sem pigarrear. Ela abaixou a cabeça e deu dois passos para trás voltando a se sentar. Nesse momento Hjalmar lhe trouxe

uma pele para que se tapasse. Era estranho, às vezes sentia calor, e em outras ocasiões frio. Tocou as bochechas, estavam ardendo, mas não disse nada. Ficou sonolenta assim que se tampou, ao dormir a pele escorregou de suas mãos, caindo a seus pés. Começou a tiritar pela febre minutos depois. O drakkar seguia sulcando o mar escuro e frio, a toda velocidade, enquanto Yvette caía em sono cada vez mais profundo, a somente dois metros de Erik que, inconsciente disso, continuava olhando à frente, zangado.



CAPÍTULO III

Ela ria como uma menina brincando com sua mãe, abraçava-a e a beijava como ela fazia quando estava viva. Depois, montou com ela em sua égua, para dar um passeio pelos campos. As duas estavam com seus cachos morenos ao vento, e estavam descalças. Era pleno verão, geralmente, costumavam ir ao rio para se banhar antes que seu pai voltasse dos cultivos. Voltara a ser feliz.

Erik a olhava fixamente, sentado na cama, junto a ela. Apesar de arder de febre, ela ria. Possivelmente Hjalmar estava certo e ela estivesse enlouquecendo. Voltou a molhar o pano para refrescar o corpo dela. Os hematomas pareciam terríveis em seu frágil corpo, negros, tornando-se amarelo-esverdeado, cobriam toda a cintura e o quadril. Acariciou um deles com a ponta de seu dedo indicador, ela possuía a pele muito fina para esse trato.

— Mãe, não morra, por favor, não me deixe sozinha com papai! — O rosto dela se contorceu a ponto de soluçar. Não conseguiu resistir por mais tempo.

— Yvette, acorde, — ele lhe falou brandamente fora de seu tom habitual, porém, ela continuou soluçando, em silêncio, como se tivesse perdido tudo na vida, — é um sonho Yvette.

Ela continuou falando, de aulas, de crianças, de um tal Olaf com quem se casaria, a quem Erik odiou desde esse instante.

— Como ela está? — Hjalmar, o velho lobo de mar parecia gostar da garota, não se recordava ter se preocupado tanto com uma mulher, nunca.

— Pior, ela está ardendo. Não temos nada que possa lhe dar?

— Não Erik, sabe que não sou curandeiro. A única coisa que faço é remendar as feridas, mas me ocorre que poderíamos jogar o líquido mãe para limpar a ferida. Além disso, precisamos ver como está.

— De acordo, vamos tirar a atadura?

— Sim, vou pegar minhas coisas. Precisarei endireitá-la um pouco, — Erik tentou ver se ela se sustentava, e ao ver que ela não conseguia aguentar sozinha, segurou-a sentada e se sentou atrás dela apoiando-a em seu peito. Ela somente se queixou quando Hjalmar a segurou pelo braço e começou a tirar a atadura. Em alguns lugares estava presa.

— Coisa ruim, isso está supurando, — Erik assentiu sério. Conhecia muitos casos de homens feridos na batalha, e que, depois, suas feridas inchavam e apodreciam. Era uma morte extremamente dolorosa. A maioria das vezes, se houvesse um curandeiro perto, costumavam lhes dar alguma poção para que dormissem e a transição à morte fosse a mais indolor possível.

A ferida estava retorcida e as bordas eram irregulares, como bem dissera Hjalmar, supurava. Para Erik ela parecia bastante feia.

— O que sugere? — Olhou o homem que observava preocupado.

— Tem aspecto muito ruim Erik, não acredito que...

— Cale-se! Não fale.

— Se Helga estivesse aqui, — ele insinuou.

— O que quer dizer, que ela poderia salvá-la?

— Sim, eu a vi curar feridas como esta, possivelmente não tão graves. Mas ela conhece ervas para limpar tudo isto.

— Está bem, iremos vê-la quando chegarmos. Quanto falta para chegar?

— Eu acredito que umas três horas, — Erik assentiu com os olhos sombrios, ele notara que sua mente começava a se dispersar. Tentou concentrar-se para não começar a grunhir como um animal raivoso. — Está bem, limpe-o o melhor possível, e volte a enfaixá-lo.

— Sim, agora mesmo, — ele observou a luz estranha nos olhos de Erik, e, preocupado, começou a trabalhar no braço dela, o mais rápido possível. A garota se queixou assim que sentiu o pano limpando a ferida, abriu os olhos pouco depois.

— Não! Deixe-me, está me machucando, por favor!

— Erik, não deixe que ela se mova, segure-a! — Ela continuou retorcendo-se para escapar.

— Erik! — Ele o olhou.

Erik possuía seus próprios problemas e lutava contra sua fúria interior, não sabia por que estava tomando conta dele

neste momento, até agora somente havia acontecido em combate. O berserker se manifestava, normalmente, em situações de máxima tensão, lutando para se impor sobre a sua condição de homem.

— Hjalmar, acaba logo e se vá, feche a porta com chave, não posso retê-lo muito mais, — sua voz soou sinistra, como se procedesse de algum lugar profundo. Quando ele voltou a banhar a ferida com o líquido desinfetante, ela desmaiou.

— Não deveria levar a garota?

— Não! — Ele rugiu, seus olhos se tornaram incandescentes somente ao pensar que a afastassem dele. Hjalmar saiu correndo, já havia terminado sua bandagem e fechou a porta.

Erik se levantou da cama deixando Yvette cuidadosamente sobre ela, sentia-se tremer, estava a ponto de acontecer. Via tudo azul, seus ossos ardiam, despiu-se, começando a respirar agitadamente. Despiu a sua mulher com cuidado, suas unhas já haviam crescido. Toda sua mente estava concentrada em não feri-la. Poderia utilizar sua essência de berserker para que ela sobrevivesse. Por uma vez, não matar ninguém em um acesso de loucura, sem saber quase quem ele era, mas, sim, utilizar seu poder para salvar uma vida, a mais importante. Seu instinto lhe dizia que era possível.

Ela continuava inconsciente, felizmente. Não queria que ela o visse nesse estado. Fugiria dele para sempre. Abriu as pernas dela com as mãos abertas, e se deitou cuidadosamente em cima dela, colocando suas coxas entre as dela. Ela ardia e agora, ele também. Todos os seus sentidos se intensificaram,

ele conseguia aspirar a enfermidade no fôlego dela. Seu instinto lhe dizia que ela não sobreviveria, a não ser que ele fizesse alguma coisa. Duvidou um momento, não devia machucá-la. Chupou seus lábios de lado a lado, e mordeu seu pescoço durante um momento, conteve-se para não lhe sangrar, embora o que realmente quisesse fosse marcá-la. Lambeu seus seios e colocou um deles inteiro em sua boca. Sorvendo com força. Ela despertou. Continuava muito vermelha e ardia, olhou-o com olhos obnubilados.

— Quem é você? — Ela estava atordoada, não o reconhecia.

— Sou seu, — sua voz era terrível, a ele mesmo soava demoníaca, mas ela não pareceu notar, — você está doente, posso fazer com que melhore.

— Tenho calor, dói-me muito o braço, — a voz dela soou muito baixa, ela estava quase sem forças. Ele se deu conta de que sua força vital estava se apagando.

— Beije-me, preciso estar dentro de você o quanto antes possível, — beijou-a profundamente, sua língua percorreu a boca dela vorazmente.

— Toque-me Yvette, — ela o olhou e levantou seu braço são, pousou a mão em sua bochecha docemente.

— É um sonho, suponho que estou morta, e isto é o céu? — Ele voltou a beijá-la impulsivamente e lhe acariciou os seios, recordava-se do quanto ela gostava. Atacou seus mamilos e os mordiscou.

— Pare! Acredito que não me encontro bem, — Ele levantou a cabeça olhando-a novamente. Agora ela estava pálida, seus olhos começavam a se mostrar frágeis, ele precisava se

apressar. Colocou seu membro na entrada do sexo dela e empurrou, com tanta força, que a impulsionou para trás, precisava segurá-la para que ela não se movesse. Yvette gemeu, com os olhos fechados. O corpo de Erik estava tão suado, que respingava sobre os seios dela. A garota já não se movia. Grunhiu furioso ao vê-la e colocou a cabeça em seu coração para escutá-lo. Pulsava lento e débil, mas ela ainda estava viva. Continuou estocando atrasando seu próprio prazer tudo o que pode. Quando ejaculou, gemeu, porque o prazer se mesclou com a dor, como se o fluido que compartilhava com ela saísse do mais profundo de sua alma.

Desabou ao lado dela, de barriga para cima, notando que voltava a ser ele mesmo, suas unhas retrocederam, e de seu olhar desapareceu a cor azul fluorescente. Aproximou o corpo dela do dele e a agasalhou, ele ficou nu, já que ainda suava, seu corpo demoraria alguns minutos para se recuperar. Voltou a olhar o rosto dela, parecia ter algo mais de cor. Precisavam ir ver a Helga assim que chegassem. Fechou os olhos cansado, já não estava acostumado a possessão, fazia muito que não a tinha. Dormiu em seguida abraçado a seu verdadeiro par. Seu subconsciente a reconheceu como tal.

Hjalmar deu alguns golpes na porta, ao não receber resposta ficou parado, sem saber o que fazer, um pouco assustado, voltou a bater. Erik a abriu, nu, e com jeito de estar furioso.

— O que você quer? — Gritou. O marinheiro pensou que felizmente ele não estava com aquela cor nos olhos...

— Chegamos, estamos atracando, imagino que tem pressa

para levar a garota para que Helga a veja.

— Sim, então peça a Jensen que se encarregue de tudo, não quero problemas com as mulheres. Que as leve para sua granja. Depois veremos como serão repartidas, lembre aos homens que há para todos.

— De acordo, — Erik fechou a porta com um golpe e se vestiu. Depois, vestiu-a. Tentou despertá-la, mas não conseguiu. Carregou-a em seus braços assombrado pelo pouco que ela pesava, parecia-lhe que menos do que quando a pegara pela última vez, e saiu às escadas. O drakkar havia sido conduzido até a areia da praia como ele havia ordenado. Quase todos os marinheiros e as novas escravas haviam desembarcado. Desceu a rampa que dois de seus homens mantinham segura para ele, e se dirigiu a seu cavalo que esperava em um estábulo do porto, desde que ele havia embarcado.

Gullfaxi parecia mal-humorado, como sempre, bufava nervoso e cutucava o chão agora que havia sentido seu cheiro. O dono dos estábulos o olhava preocupado. Ele era tão grande que poderia atirar alguém à parede com uma patada, a qualquer momento. Erik passou a seu lado, precisava deixar Yvette em algum lugar para tranquilizar o cavalo. Somente ele poderia conseguir, era muito temperamental e gigantesco para que alguém mais se atrevesse. Já havia escoiceado dois homens. Era completamente baio, com crinas quase brancas, seus olhos eram azul celeste, e sua expressão malvada. Embora os cavalos, geralmente, não tivessem expressão, este sim, possuía.

Em um banco perto da entrada da baía, onde estava o cavalo, deixou cuidadosamente a garota tapada com sua própria capa. Entrou para ver como seu amigo o receberia. Habitualmente, quando ficavam algum tempo sem se ver, sempre ficava um pouco fanfarrão, até que Erik precisava lhe demonstrar quem mandava. Desta vez ele cheirava o ar como se houvesse algo que o tranquilizasse. Ele se aproximou da parte dianteira, onde Yvette estava deitada, separada dele por uma parede de madeira. Gullfaxi continuou cheirando do seu lado da parede, concentrando-se na parte onde ela estava com as costas apoiadas. Erik se aproximou dele assombrado, nunca o havia visto tão curioso, agarrou-lhe pela crina, o cavalo retrocedeu nervoso.

— Ora! Fique tranquilo amigo, dois dias e já não se lembra de mim? Necessito que se porte bem, não como sempre, — colocou a pele no lombo, e, por cima, a sela, depois agarrou as rédeas para colocá-la, era o que mais custava que ele aceitasse.

Ele ficou bastante tranquilo, deixou-se selar, sem protestar. Erik o deixou preparado, rapidamente, estava com muita pressa. Na realidade, ele não sabia como Yvette se encontrava. Estava muito preocupado, com o que sentia e que não acreditava que fosse capaz de sentir.

Saiu dali e ficou de cócoras diante da mulher e tocou em sua face com o dorso da mão. Ela ainda estava muito quente. Abriu os olhos e o transpassou com eles, seu olhar violeta lhe chegava à alma.

— Como se encontra? — Ele penteou seu cabelo para trás, ela tentou endireitar-se, mas não conseguiu, — fique tranquila,

escute, precisamos ir pra casa a cavalo, mas irei com você, não tenha medo. Deixe-me pegá-la e se agarre com o braço são ao meu pescoço para segurar-se.

— Tenho medo dos cavalos, — sua voz soava rouca, como se quase não pudesse falar.

— Ele não lhe fará nada, não se preocupe.

— É muito grande, — ele a olhou aproximando-a de Gullfaxi para que ele a cheirasse, assim se acostumaria a ela. O cavalo a farejou delicadamente, e a empurrou com cuidado com o focinho no rosto. Ela levantou o braço ferido, um pouco trêmula, e pousou a mão entre as orelhas do equino, enquanto se olhavam. Gullfaxi se inclinou o suficiente para que ela mantivesse a mão ali, todo o tempo que ela quisesse. Quando o braço escorregou, Erik a olhou. De novo ela havia adormecido, ou ficara desacordada, colocou-a com cuidado e, depois, ele subiu atrás.

Sentou-a de lado apoiando-a nele, para poder segurá-la melhor. Gullfaxi estava estranhamente tranquilo enquanto terminava de se arrumar. Uma vez que estava preparado, conduziu o cavalo para sair do estábulo. Ainda faltavam alguns quilômetros para chegar à cabana da curandeira. Parou algumas vezes pelo caminho, já que Yvette se queixava, mas não conseguiu despertá-la. Depois da última vez, colocou o cavalo a galope para chegar o quanto antes possível. O sol estava se ocultando quando eles chegaram junto ao rio, fez com que Gullfaxi fosse mais devagar, já que por ali havia muitas árvores.

Desceu e a agarrou em seus braços. Havia luz na cabana,

bateu à porta, a anciã abriu alguns momentos depois. Ficou olhando-o com o cenho franzido

— Olá Erik, nunca teria imaginado que voltaria a vê-lo bater em minha porta. Essa garota, deve ser importante para você, — ela abriu a porta e os deixou passar, sem lhe pedir nenhuma explicação.

— Venha, deixe-a na cama do meu quarto. Erik entrou atrás dela que iluminava o caminho com uma vela.

— Necessito de mais luz, traga uma tocha de fora, e coloque-a na parede, — seus olhos enrugados olharam à garota e depois se aproximou para ver a bandagem. Quando Erik voltou com a tocha, a anciã olhava Yvette como se fosse um ser estranho ao qual ela não soubesse como tratar.

— O que aconteceu com o braço dela?

— Feriu-se com minha adaga, por engano.

— A verdade Erik, — continuou levantando a atadura devagar.

— Ela queria cortar as artérias, precisei atirá-la ao chão para que não o fizesse, mas não consegui evitar que, por acidente, se ferisse no braço.

— Compreendo, é uma escrava?

— Sim, capturamos ela há alguns dias na Islândia. Sabe que precisamos de mulheres, se não for assim, a colônia não sobreviverá.

— E se é uma escrava, o que você faz aqui com ela? Poderia ter a mandado com um de seus homens.

— Não podia, acredito que ela é minha companheira.

— A da profecia? — Ela parou de desembrulhar a atadura

assombrada, — você não acreditava nisso, sua mãe e eu brigamos tantas vezes com você por isso, e você nunca admitiu que fosse verdade.

— Sei, mas algo aconteceu. Você sabe que desde pequeno não consegui sentir mais nada, além de uma fúria intensa, pensava que não fosse capaz de nada mais. Ela, — ele a assinalou com a cabeça, — faz com que eu sinta. Faz algumas horas me transformei, e pela primeira vez pude controlá-lo.

— É verdade então! É ela! — A mulher sorriu contente olhando a garota.

— Seus olhos são violetas, — Ele afirmou, a anciã havia descoberto o braço e, apesar de sua experiência, sobressaltou-se.

— Erik, isto está muito ruim, o que fizeram?

— Líquido mãe, Hjalmar a costurou e lhe jogou duas vezes líquido mãe.

— Ah! Aquele incompetente, esta pobre menina pode morrer, você sabe?

— Não! Você pode salvá-la! — Ele rugiu furioso

— Tentarei, precisarei abrir outra vez, limpar e colocar um emplastro de ervas, depois, quando conseguirmos que a sujeira saia, voltar a costurar. Ela deve ficar aqui.

— Venha à minha granja, pode ficar lá.

— Quer que eu a cure? Essas são as condições, — ele sabia como Helga agia quando possuía um doente ao seu cuidado. Estaria a disposição a todo o momento dela. Era o melhor que podia fazer, mas ele não gostava que ela desaparecesse de sua vista.

— Está bem, mas virei para vê-la.

— Imagino que sim, mas acredito que terá muito a fazer em sua casa, prepare-se. Os rumores são que aquilo está uma loucura.

— Mas o que aconteceu? Estive fora somente por dois dias, — ele se aproximou de Yvette preocupado por causa da sua imobilidade. Voltou a tocar sua testa, para sentir a temperatura, — continua ardendo.

— Você terá que ficar um momento, para segurá-la, o que vou fazer vai doer.

— Está bem.

— Seria melhor que se sentasse com ela na cadeira, assim colocaremos o braço sobre a mesa, farei o mais rápido possível.

Sentou-se com ela em cima do colo, como no navio, mas desta vez com o outro braço segurou-a na mesa, por cima do cotovelo. Helga a segurou pelo pulso. As bordas da ferida estavam inchadas, ela cortou a costura com uma tesoura, e a infecção começou a sair. Helga apertou para que saísse tudo.

— Não! Dói, por favor! — Ela despertou, Erik se preocupou mais, já que se retorcia com a mesma força que um gatinho recém-nascido.

— Fique tranquila Yvette, — ele a olhou, ela estava com os olhos cheios de lágrimas, nunca a vira rir, prometeu a si mesmo que conseguiria que fosse feliz. Mas antes precisavam conseguir que ela sobrevivesse.

— Soltem-me, deixem-me morrer, por favor, — eles a haviam despertado de um sonho maravilhoso, flutuava em um lago aprazível, cheio de paz, onde não existia dor, e caíra nesse

inferno de sofrimento. — Pensei que havia morrido.

— Não diga isso, salvar-se-á, Helga cuidará de você, ela conseguirá que se cure.

Helga deixou a ferida limpa, e passou a preenchê-la com um emplastro de ervas.

— Isto vai arder, — levava alho entre outras coisas, que limparia a zona, mas lhe arderia.

Ele segurou-a mais forte, ela voltou a remexer-se gemendo.

— Por que você sempre me machuca? — Ele se sentiu magoado, pela primeira vez em sua vida. Não soube o que lhe dizer, Helga o observava atônita. Suavizou sua expressão, desejando que a mãe dele pudesse vê-lo.

—Não quero a machucar, precisa se curar, — sua voz era rouca, mas não por causa do berserker, mas sim porque estava com a garganta oprimida. Aquela mulher já possuía muito poder sobre ele, e não devia saber disso.

Helga voltou a lhe enfaixar o braço, e depois lhe deu uma infusão para que bebesse, precisaram segurá-la, os dois, para consegui-lo. Depois, voltaram a deitá-la, ela dormiu em seguida. Helga o olhou astutamente.

— É verdade então, ela é a sua escolhida.

—Sim. Acredito nisso. Lembro-me algo sobre a profecia, mas não inteira, minha mãe não lhe deixou isso por escrito?

—Sim, guardei o pergaminho, não sabia por que, já que você não acreditava, mas agora parece que fez bem.

—Sim, preciso ler o que contém, — Helga se levantou e foi ao salão para revirar em um baú muito velho, do fundo tirou

uma pele dobrada, dentro havia um pergaminho escrito em nórdico antigo.

— Sabe lê-lo?

— Sim. Recordo-me, está bem, levarei isso para casa para estudá-lo se não se importa.

— Não, pode levar.

Aproximou-se da cama e acariciou o cabelo dela por um momento.

— Helga, ela se recuperará?

— É possível, é jovem, farei o que puder.

— Quando estava com ela no navio, pude sentir que perdia sua força vital. Ela estava se apagando, e senti a necessidade de repassar parte da minha.

— Compreendo, e o que ocorreu quando o fez? — Parecia que ela o compreendia, de verdade.

— Pareceu-me que estava mais tranquila e o coração lhe pulsava mais regularmente.

— Sabe que é muito perigoso que a tome quando o berserker o possui.

— Sei, mas o berserker a adora, notei isto, ele a acariciava. Pela primeira vez tive consciência, durante a posse, do que ele fazia, e tudo o que fiz foi por ela, para tentar que vivesse. Não sabia que um berserker podia ser controlado, acreditei que era uma maldição para toda a vida, — ele encolheu os ombros, — não é em vão, os que não morrem na batalha, suicidam-se.

— Pode ser sua esperança de viver como um homem.

— Sim, por isso ela é tão importante.

— Entendo-o Erik, farei tudo o que puder. Sobretudo, em

memória de sua mãe, sabe quanto a amava, não importa os problemas que tenhamos tido, você e eu. Bom, vá-se, precisamos de tranquilidade.

— Está bem, já vou, — ele se aproximou uma última vez de Yvette e lhe deu um ligeiro beijo nos lábios. Depois, saiu da cabana.



CAPÍTULO IV

Fez Gullfaxi correr como se o mundo estivesse acabando, depois do que Helga havia lhe dito, ele imaginava que, quanto antes chegasse, melhor. O cavalo movia suas enormes patas, pelo simples prazer de fazê-lo, depois de estar vários dias, trancafiado. Quando viu sua casa enquanto anoitecia, puxou as rédeas, para freá-lo, resistiu um pouco.

— Calma amigo, — acariciou-o com força o pescoço, e o cavalo bateu as patas, contente.

Observou o que ele havia construído, muitas vezes com suas próprias mãos, desde que chegou ali, cinco anos antes. Ele deixara a Noruega e fora explorar outras terras, farto da autoridade tirânica de seu pai, e muitos homens lhe seguiram, apesar de que sabiam que ele não fazia nem ideia de aonde iriam. Mas valera a pena, tudo valera. Brattahlid, sua granja, era a maior de todas as que ele conhecera, e produzia abundantes colheitas. Um rio a cruzava, onde no verão se podia pescar, e a alguns metros para o norte, estava o golfo de Tunulliarfik, que era o que fazia com que tivessem um clima

mais ameno. Ele se sentiu contente com o futuro, poderia formar uma família e desfrutar de tudo o que havia conquistado!

— Vamos Gullfaxi, voltemos para casa! Há muitas coisas para arrumar, antes que ela venha, — o cavalo, desejoso de voltar a correr não se fez de rogado e voltou a galopar alegremente.

Sua casa, construída em pedra, possuía uma porta de madeira com duas folhas muito grandes, que estavam abertas, era estranho, eles costumavam fechar as portas ao anoitecer. Entrou e se dirigiu ao salão onde escutou ruídos. Havia alguns homens e mulheres pelo solo, dormindo por causa da bebedeira. A lareira estava apagada, e cheirava muito mal. Procurou por Valeska, mas não a viu por ali. Antes de fazer alguma coisa, dirigiu-se a seus aposentos. O que encontrou ali foi ainda mais surpreendente, Valeska dormia em sua cama, com a roupa atirada pelo aposento, resto de comida em bandejas, e taças pelo chão. Dirigiu-se à janela, afastou a tapeçaria que estava pendurada na parede para evitar o frio, e abriu as folhas de madeira para que o ar fresco entrasse, o ambiente estava irrespirável.

— Como se atreve? — Ela gritou ameaçadora, sem olhar quem a havia despertado. Continuava possuindo pulmões excelentes. Ele cruzou os braços de frente para ela, ereto, olhando-a surpreso, de que, tempo atrás, parecesse-lhe uma das mulheres mais belas que ele conhecera. A escrava, amante de Erik, era ruiva, com olhos verdes muito claros. Era muito alta, quase tanto quanto ele, qualidade que lhe parecera

imprescindível em todas suas amantes até que conheceu Yvette, e com um corpo perfeito. Agora, enquanto a observava, perguntava-se o que ele vira nela.

— Querido! Que vontade eu estava de que você chegasse, estávamos muito aborrecidos, — ela se levantou aproximando-se dele.

— Já vi Valeska. Quem são aqueles que estão atirados pelo salão? — Ele precisou aguentar que ela lhe desse um beijo, embora tenha virado a cabeça para que ela não acertasse na boca e tenha lhe dado na bochecha. Ela franziu o cenho, preocupada, se por acaso desta vez não conseguisse que lhe passasse o mau humor.

— Não é nada, dei uma festa faz alguns dias, e ainda não se foram para casa, mas venha à cama, está com cara de cansado.

— Sim, estou cansado, mas não vou dormir nessa cama enquanto não troquem a roupa. É estranho que as criadas não tenham vindo não acredita?

— Não sei, — ela colocou o vestido por cima, sem nada mais, começando a se preocupar. Ela se embebedou todos os dias, e estava com uma tremenda dor de cabeça. Não sabia exatamente o que havia feito, embora seguramente fora algo que ele não gostaria.

— Vá e desperte seus amigos e que se vão, mas já! — Ele rugiu — Se não quiser que eu os expulse daqui, e comece a recolher toda a porcaria do salão, já falaremos do que você esteve fazendo Valeska.

Dirigiu-se à cozinha, onde seguramente estivessem as

criadas, mas ela também estava vazia. Saiu da casa preocupado e se dirigiu à cabana dos escravos. Quando entrou, estavam ali Seren e Osma. Ele estranhou que há essas horas elas não estivessem na casa.

— O que fazem aqui?

— Amo! — Elas se aproximaram contentes, as duas faziam uma cara feia.

— O que aconteceu? Por que não estão na casa?

— Senhor, Valeska nos expulsou da casa no mesmo dia que vocês foram, disse-nos que podia fazê-lo, porque ela possuía autoridade como senhora da casa, já que era sua concubina. Ontem tentamos pegar comida ou água, mas ela voltou a nos expulsar. Peguei Osma e viemos. Depois disso estivemos bebendo água do rio, e encontrando os ovos das galinhas. Mas nos encontramos um pouco fracas. — Erik começou a ficar furioso.

— Está bem, venham comigo, — ele as acompanhou à cozinha, e assinalou a despensa com a mão.

— Comam o que quiserem, mas depois quero que limpem toda a casa de cima abaixo. E onde estão Gerd e Thorlak? — Eles eram seus outros escravos.

— Ela queria que Thorlak estivesse na festa, mas acredito que eles estão escondidos.

— Onde?

— Nos estábulos.

— Está bem, — ele se voltou, — comam.

Saiu para os estábulos, primeiro olhou nas baias dos cavalos. Na última baia, que estava vazia, estavam os dois

criados, cada um com as costas contra uma das paredes. Gerd era o pai de Thorlak, este havia nascido sendo escravo, a mãe havia morrido no parto, por isso estavam sozinhos.

— Gerd, Thorlak, despertem, — ele tentou não gritar para que não se assustassem. Thorlak era um menino simples, sem maldade, mas muito assustadiço. Sempre que via Erik ele se escondia assim que podia. Era muito grande fisicamente, não tanto quanto ele é obvio, mas agia como um menino, e se acreditava que ele nunca melhorasse.

Levantaram-se em seguida, embora ele se fixasse que Gerd custava um pouco ao fazê-lo. Thorlak esfregava os olhos como um menino quando estava com sono.

— Gerd, venha aqui um momento, quero falar com você, — fez um gesto para que ele não viesse com seu filho.

— Thorlak, espere, fique aqui um momento.

Saiu dali seguindo seu amo, que caminhou até a entrada. Esperou-o na porta do estábulo.

— Gerd o que aconteceu? — O velho parecia indeciso sobre lhe contar.

— Não lhe acontecerá nada, conte-me a verdade, encontrei Seren e Osma em sua cabana, não comeram nada em dois dias. E vocês?

— Amo, não sei, Valeska disse que nos expulsaria daqui se disséssemos alguma coisa.

— Isso não vai acontecer, não se preocupe, diga-me o que aconteceu.

— Era tudo muito estranho, ela não deixava que as criadas estivessem na casa, e, entretanto, queriam que Thorlak lhes

servisse as mesas, e estivesse todo o dia com eles. Ele estava desorientado, já sabe que é um bom menino, mas é lento. Valeska me disse que eu não fosse, que já me mandaria buscar quando necessitasse, mas fazia muitas horas que não sabia nada dele, estava preocupado. Eu havia estado todo o dia no campo trabalhando, e quando voltei, entrei na casa, todas essas pessoas estavam brincando com ele no salão. Eles o despiram, e o tocavam, — Gerd parecia angustiado.

— Ele é como um menino, não entendia o que estava acontecendo. Estavam bêbados senhor, tirei-o dali e pensei em fugir, mas tive medo de que algum animal selvagem nos matasse, ou morrêssemos de frio.

— Está bem, passem pela casa e vão comer, vão à cozinha, Seren e Osma já estão lá, depois podem ir à sua cabana e descansar, amanhã já irão trabalhar. Eu me encarrego do resto Gerd.

— Sim amo.

Entrou novamente no salão, continuavam todos atirados pelo chão. Começou a distribuir chutes nos homens, para que se levantassem.

— Vamos! Fora de minha casa! — Conforme eles foram se levantando, correram a despertar às mulheres e fugiram pela porta, assustados, ao lhe ver o rosto. Ele notava que o berserker estava a ponto de se manifestar. Respirou fundo e pensou em Yvette. Os batimentos do seu coração, pouco a pouco, foram se normalizando. Foi até seus aposentos para começar a colocar ordem em sua casa, e em sua vida.



Yvette despertou pela primeira vez em muitas horas, sem uma dor aguda em seu braço. Levantou a cabeça para olhar ao redor, havia uma tocha em uma argola da parede que iluminava a habitação. Uma anciã dormia em uma cadeira a seu lado, roncando ligeiramente. Vestia-se completamente de negro e usava um colar com uma pata de raposa, típico das curandeiras. Tentou sentar-se na cama, já que precisava fazer as necessidades urgentemente. A mulher a escutou, e abriu os olhos sorrindo.

— Olá moça! Quanto me alegro de que tenha despertado, isso é muito bom sinal! Gostaria de fazer suas necessidades, desgraçadamente, precisa ir lá fora para fazê-lo. Mas estamos no campo, não precisa se afastar muito. Acompanharei você pequena, vamos, — fez um gesto com sua mão deformada pela idade, para que ela se levantasse. Yvette o fez, mas cambaleou ao fazê-lo.

— Não se preocupe, apoie-se em mim, sou forte, embora não o pareça. — Agarrou-a pela cintura para estabilizá-la até a porta, e depois desceram os degraus.

— Vamos ali à frente, onde estão as árvores, — deixou-a ir sozinha alguns metros mais à frente, para que tivesse intimidade, e ficou esperando. A anciã se voltou de costas olhando a lua e as estrelas, tentando identificar a cor do céu há essas horas, “a cor do céu estrelado”, sim, dessa cor ele parecia negro, mas não era, possuía os olhos dessa jovem. Seus olhos se encheram de lágrimas ao se lembrar da mãe de Erik, que

não poderia compartilhar sua felicidade com o moço.

— Já terminei. Posso lhe perguntar como se chama? — Além disso, era educada. Por ali eles teriam muito que aprender.

— Sou Helga, e você... Yvette? — A garota assentiu, estava com olheiras escuras, mas conforme pudera comprovar, já não estava com febre, embora estivesse fraca alguns dias. Fora uma cura muito rápida, parecia-lhe que teria mais a ver com o tratamento que Erik lhe dera, do que com o seu.

— Onde está ele? — Ela sorriu voltando a agarrá-la pela cintura.

— Foi à sua casa, queria levá-la, mas foi melhor que a deixasse aqui por alguns dias. Você precisa se recuperar, e ele precisa colocar ordem naquilo, antes que você vá. Além disso, temos muito a falar.

Ela a fez se sentar junto à lareira, jogou um par de galhos a mais para avivar o fogo para que ele esquentasse. Precisava voltar a lhe dar a infusão.

— Enquanto a água esquentar, eu lhe contarei a história de Erik, e que papel você possui nela.

— Eu não tenho nada a ver com a história dele, não pode ser, além disso, quem me sequestrou não foi Erik, foi seu irmão, — ela sussurrava, não tinha forças para falar.

— Ora, aquele animal. Estranho que não tenha lhe feito mal. Não a pegou? Porque é sua especialidade, — ela murmurou enquanto se sentava a seu lado.

— Está escrito, em uma profecia quando Erick nasceu. Ele não acreditava nela, até que a conheceu.

— Uma profecia?

— Sim, em seus delírios, no navio, não viu algo estranho?

— Estranho como o quê? E por que você fala meu idioma como se fosse o seu?

— Por aqui quase todos falam. Muitos descendemos de escravos celtas, — ela a olhou fixamente porque notou a intenção dela de mudar de assunto. — E bem? Alguma coisa estranha que não saiba como explicar?

— Sim, quando eu estava com febre, uma das vezes em que despertei, sentia-me muito fraca, como se estivesse morrendo, — olhou a bandagem estranhando que não lhe doesse o braço e olhou a lareira em seguida. Envergonhava-a falar daquilo com a anciã, — e vi algo, parecia Erik, mas ao mesmo tempo não era. Era maior e ameaçador e me olhava com olhos azuis incandescentes, suas mãos eram garras, e fez algo mais estranho ainda.

— O que ele fez? — A anciã foi à frente tentando captar as palavras da jovem.

— Colocou sua cabeça em meu peito, com o ouvido junto a meu coração, fez aquilo para escutar o batimento do meu coração. Isso me tranquilizou. Apesar de que eu sabia que era um sonho. Sabia que ele não me faria mal, — ela mordeu os lábios.

— Continue moça.

— Lembro-me de que ele disse algo como que precisava me dar sua força vital ou algo assim, porque se não eu morreria, e que eu não tivesse medo.

— Notou melhoria?

— Sim, quando... bom, quando fez aquilo, — ela se ruborizava toda, Helga sorriu enternecida por sua inocência, — senti-me com mais força, e, em seguida, dormi.

— Compreendo, certamente, com isso ele salvou a sua vida. Não sabemos bem como funciona a energia dos berserkers, já que, até agora, não podiam ser controlados, — falava mais para ela do que para a garota.

— E o que diz a profecia? Conhece-a?

— Sei de cor, eu a li muitas vezes tentando interpretar seus sinais, sem saber que era uma perda de tempo, já que não havia sinais nem duplos sentidos, era literal. Recitarei isso de cor:

PROFECIA DO BERSERKER

E, nascerá de uma escrava um menino com o berserker em seu interior. Será um bravo guerreiro que liderará seu povo e conquistará novas terras, onde será rei.

E seu berserker, escolherá uma mulher, com o cabelo como a noite e os olhos como um céu estrelado.

E sua voz será a única coisa que ele escutará dentro dele, quando o berserker se apossar do seu corpo.

E quando, ao final de suas vidas, cavalgarem para o Valhalla³, sobre seu cavalo de crinas douradas, terão guiado seu povo à paz e à abundância.

E os filhos de seus filhos falarão deles com respeito e admiração.

E serão, uma lenda.

Helga a olhou como se não houvesse mais nada a falar.

— Mas essa não pode ser eu, é impossível, além disso, eu tenho os olhos claros, não como o céu estrelado, o céu quando noite, é negro.

— Seus olhos se tornam de uma cor mais escura, dependendo de suas emoções. Ontem à noite, por causa da dor e do desespero, eram quase negros. Como o céu estrelado.

— Eu preciso voltar para minha casa, por favor, preciso... — mas ela não possuía uma casa para onde voltar, Marianus não existia mais, e seu pai, se continuasse vivo, não queria saber dela. As lágrimas deslizaram por suas bochechas, silenciosamente, ao se conscientizar, de maneira definitiva, de que não possuía ninguém no mundo.

— Você não está sozinha filha, sei que agora tudo lhe parece horrível, mas Erik será um bom par para você. São cada um, a metade do outro em tudo. Logo compreenderá.

— Pelo menos poderei visitar as escravas de meu povo? Eu gostaria de ajudá-las, se eu puder, — ela observou como a anciã mesclava ervas em uma terrina, e depois acrescentava água quente. Depois, colocou um pouco de água em um emplastro, e que cheirava muito mal, mesmo de onde ela estava.

— Eu preciso tomar isso aí que cheira tão mal?

— Felizmente para você não, — ela deu muitas gargalhadas, — é para seu braço, agora eu trocarei sua bandagem. E agora beba isto e tome cuidado que está muito quente, é para a febre, e lhe tirará a sede, imagino que tem a boca seca.

— Sim, — ela bebeu um pouco e reprimiu a careta de asco, estava muito amargo.

— Vejamos essa ferida, — ela levantou a bandagem com eficiência, apesar de suas mãos deformadas. A ferida parecia estar melhor, mais saudável.

— Incrível, faz algumas horas e eu estava convencida de que teríamos que cortar seu braço para que você pudesse sobreviver. Isto não é obra das ervas que eu lhe dei, embora tenham ajudado. O instinto daquele homem funciona bem, — ela limpou a área, Yvette notava uma ardência, mas nada parecido à dor de algumas horas antes, e ela lhe colocou o cataplasma que cheirava tão mal, que fez com que ela enrugasse o nariz.

— Cheira mal não é? — A anciã voltou a rir contente, aproximavam-se bons tempos. Terminou de untar bem o braço, e o envolveu com outro pano limpo.

— Você pode me levar onde estão as escravas?

— Certamente estarão na granja de Jensen até que se faça a partilha. Em nossa sociedade, primeiro escolhem os que foram nos navios com Erik. Os outros, podem comprar as que sobrarem, e eles repartirão o dinheiro.

— Entendo. Como quando compram animais.

— Filha, o mundo funciona assim. Mas você tem sorte, se aceitar seu destino, pode fazer com que a vida delas seja mais fácil. Erik é um bom homem, o que acontece é que, desde pequeno, não conheceu mais do que golpes. Por mais que a mãe dele tentasse lhe transmitir seu carinho, ele não o aceitava, seu pai havia lhe ensinado bem. Sim, Thorvald, — ela

fez um gesto como se cuspiasse no chão, depois de dizer seu nome, — ele teve muitos filhos, mas só conviveu com Erik, filho de uma escrava, minha melhor amiga, e Ingvarr que era filho da mulher dele. Durante toda sua vida ele os manteve se enfrentando. Certamente manteve Erik em sua casa por causa da profecia, se não fosse isso, teria deixado que sua mãe lhe desse de comer como pudesse, ou que morresse de fome, como ocorreu a vários de seus filhos. Vivíamos na Noruega, era uma zona muito pobre, a terra já quase não dava colheitas. A infância de Erik foi terrível. Se alguma vez aparentasse debilidade, nesse dia não lhe davam de comer e lhe encerravam com os cães de caça, — ao ver a face horrorizada da garota se calou.

— Está bem, não contarei nada mais. Quando Erik cresceu, era evidente, para todos, que ele era um líder, embora seu pai continuasse tentando manipulá-lo. Ele decidiu ir embora dali, para procurar outras terras mais prósperas e se afastar da má influência. Viemos para cá faz alguns anos, mais de cem pessoas o seguiram. Apesar de que não sabíamos o que encontraríamos, e ele insistia que não sabia o que aconteceria, mas esta é uma boa terra. Lá, no último inverno, muitos morreram de fome.

— Existe um conselho para resolver as disputas?

— Sim, organizaram um no ano passado, o chefe é o Erik. Eu nunca fui, mas, no momento, parece-me que o fazem no celeiro, é enorme, a granja daquele homem é a melhor do país. Bom, a melhor que eu tenha visto, e ele a levantou com seu esforço. Seu irmão não pode suportá-lo, é claro. Ele não

consegue se encaixar em nosso povoado, sempre está indo e vindo. Fazendo das suas. Erik, no final, precisará tomar a decisão de lhe parar os pés. Acabará mal.

— Como um pai pode tratar assim a seu próprio filho, por isso agora ele é tão duro.

— Sim, e por isso, nunca se permitiu sentir ternura por ninguém, nem sequer para com sua mãe. Ele precisará lutar contra seus medos, mas, ele verá que a recompensa vale a pena.

— Eu não acredito que eu seja capaz, — ela mordida os lábios nervosa.

— Será menina, não a escutei falar de sua família em nenhum momento, por isso, imagino que não há nada que a ligue a sua terra. Este pode ser um bom começo, somente precisa se entregar a ele. Precisaré lutar muito, brigar contra ele na maioria das vezes, mas ao final, será muito feliz. Eu sei. Eu gostaria que você me respondesse uma pergunta. Como se sente quando está com Erik? — Yvette ficou rubra, sem responder. A anciã a olhou e assentiu.

— Entendo.



CAPÍTULO V

Erik estava sentado junto ao fogo, Seren e Osma limpavam o salão, em silêncio.

— Seren, venha aqui um momento, — a garota se aproximou assustada, ele bebeu um gole antes de falar, — Diga a Valeska que venha.

Sua antiga amante apareceu diante dele praticamente nua, ele surpreendeu-se por ter convivido com ela já fazia meses, nem se lembrava de quantos, e que não a conhecesse. Ela se apresentou com a roupa de baixo para que ele esquecesse o castigo que devia impor.

— Valeska, atribuíste a você mesma uma autoridade que não lhe corresponde. Seren e Osma praticamente não comeram por dois dias por sua culpa. Expulsou-as daqui, e você não é ninguém para fazer isto, — observou como as outras servas tentavam sair do salão sem que ela as visse.

— Não, não vão! Quero que escutem isto, fiquem aí, — Valeska as olhou com ódio, e elas olharam para o chão, — não olhe para elas Valeska, isto é sua culpa, não delas. E o pior de

tudo é o que você fez com Thorlak. É asqueroso como você entregou um menino a toda essa gente. Quero que vá à cabana que está vazia, se eu souber que causa algum problema ao resto dos escravos, expulsarei você ou a julgarei no conselho. Pense muito bem sobre isto Valeska, porque não tenho certeza de que não deva levantar a pele de suas costas a chicotadas. Vá e leve todas as coisas que tenha no dormitório, não voltará a entrar lá.

— Erik, meu amor, é somente um mal-entendido, não sabia o que fariam. Fiquei adormecida em meus aposentos.

— Valeska, não vou discutir com você. Somente se recorde que estou sendo muito brando com você. Não voltará a acontecer, leve suas coisas à cabana, agora, — Valeska lhe lançou um último olhar prometendo vingança, e se foi. Ele sabia que não agira bem, Valeska se vingaria cedo ou tarde, mas não estava com cabeça para isso, somente podia pensar em Yvette. Abaixou-se na cadeira apoiando a cabeça sobre as mãos. Precisava se tranquilizar, estava muito angustiado. Pegou o pergaminho que Helga lhe entregara e o colocou sobre a mesa de madeira, larga, onde costumava comer. Alisou-o e aproximou uma vela para poder lê-lo melhor, ele era da sua mesma idade, e muitas letras estavam quase desgastadas.

Leu-o com dificuldade, já que fazia muito que não lia a língua antiga. Um momento depois, reclinava-se na cadeira pensativo. E acima de tudo assombrado. Sempre lhe falaram sobre a profecia, sobretudo sua mãe, mas não chegara a lê-la. Diziam-lhe que seria rei, e que descobriria uma nova terra. Mas que sua profecia vaticinasse que seu berserker seria manso

como um gatinho com uma mulher, era incrível. Era verdade, Yvette era seu par. Por isso ele se sentia mal assim estando longe dela. As primeiras horas, estando ocupado, ele se distraiu, mas não poderia dormir assim. Levantou-se decidido. Escreveu uma nota para Jensen e avisou Thorlak para que a levasse, depois disse a Osma que sairia, e não voltaria essa noite, e que Jensen viria para levar a Valeska à cabana, pois ele não queria que, quando Yvette viesse, ela causasse mais problemas.

No estábulo preparou Gullfaxi e montou-o com um salto. Começou a galopar assim que saiu da granja, estava com pressa.

Felizmente na cabana havia luz, Helga, pelo menos, estava acordada. Entrou e se surpreendeu ao ver Yvette em uma poltrona junto à lareira, adormecida. Aproximou-se dela sem fazer ruído notando que o batimento do seu coração entrava em compasso ao de sua mulher. Ficou de cócoras a seu lado, e olhou-a. Yvette dormia como uma menina, estava com uma cor melhor e sua cabeça, inclinada, estava apoiada no respaldo do assento. Seu fôlego lhe chegava a rajadas, inclinou-se um pouco e respirou o ar que ela expulsava, durante um momento. Depois, sem poder evitar a beijou ligeiramente, ela gemeu baixinho e abriu os olhos, lentamente, seus olhos nesse momento, estavam escuros. Sorriu para ele adormecida, ele se sentiu como se lhe tivessem presenteado com algo muito valioso.

— Olá Yvette, como está?

— Muito melhor, quase não me dói, — ela levantou o braço

com sua nova bandagem para que ele visse que ela o movia melhor.

— Onde Helga está?

— Deitada, convenci-a de que estava melhor na poltrona, para que ela fosse dormir.

— Deveria descansar em uma cama.

— Ela é uma anciã, precisa mais que eu, — ela esticou o pescoço, doía por causa da postura. Olhou a seu redor, mas não havia nenhum outro lugar onde pudesse dormir.

— Pegue as mantas e venha, — ele se levantou e se dirigiu a uma parede próxima à lareira. Sentou-se com as costas contra a parede, e puxou-a para que ela se sentasse em cima dele. Sentou-a atravessada sobre seu colo, e a abraçou para que ela tivesse onde se apoiar e estivesse cômoda. Depois, cobriu-a com as mantas, ele não sentia frio. Nunca sentia.

— Está cômoda? — Ela se moveu para colocar-se melhor e gemeu assentindo.

— Sim Erik, estou muito bem, e você?

— Nunca estive melhor, — abraçou-a com força por um momento, e depois pousou a cabeça sobre seu cocuruto, encantado de não dormir por toda a noite para velar o sono dela. Estava feliz a seu lado, sentindo o coração dela e cheirando-a.

Helga se levantara preocupada ao escutar o ruído, e ficou na soleira para que não a vissem, depois voltou para sua cama com um sorriso feliz nos lábios.

O sol entrava pela janela ainda timidamente, Erik observava como os raios arrancavam reflexos azuis do cabelo

de Yvette. Ela continuava dormindo tranquilamente, nem sequer estranhara ao vê-lo, estava se acostumando com ele. Sorriu ao pensar naquilo, feliz. Helga saiu do quarto e parou, observando os enormes braços de Erik, sustentando à moça com todo o cuidado.

— Imagino que queira levá-la.

— Sim, não posso deixá-la aqui, preciso que ela esteja perto, não consegui dormir em casa, não posso lhe explicar porque, — negou com a cabeça, ele próprio não entendia.

— Não importa, eu o entendo. Você pode trazê-la para o tratamento.

— Helga, eu gostaria que você fosse lá conosco. Pelo menos por alguns dias e você poderia ajudá-la, ensinando-lhe os costumes.

Helga a olhou pensativamente.

— Está bem, eu irei, será bom mudar de ares alguns dias.

— Mandarei Thorlak com a carreta para que você leve as coisas que quiser, terá seus próprios aposentos.

— Está bem, mas somente por alguns dias, — ela lhe assinalou com o dedo. Erik assentiu contendo um sorriso. Helga continuava resmungona como sempre.

Yvette abriu seus olhos sentindo-se bem, pela primeira vez em dias. Sentia-se acalentada e satisfeita, abriu os olhos ao notar que alguém lhe acariciava o cabelo, pela extremidade dos olhos observou como Erik esticava uma mecha de seus cabelos, brandamente e depois o soltava, parecia fascinado.

— Olá, como você está? — Ele havia notado que ela estava acordada.

— Bem, muito obrigada, — Ela tentou se endireitar, mas ele a segurava.

— Erik, deixe-me, — mas ele sorria.

— De acordo, em troca de um beijo.

— O que diz? — Ela escutava à anciã recolhendo coisas em seu quarto, certamente preparando o que levaria à visita, — deixe-me, ela virá e vai nos ver.

— Felizmente para mim, isso não importa, mas se a incomoda, dê-me esse beijo e eu a solto, — ela o fez, uma bicada rápida. Ele riu, todo seu corpo, e o dela, por estar sobre ele, moveu-se pelas gargalhadas que ele emitia.

Helga saiu do quarto surpreendida ao escutar o som, nunca o ouvira rir, nem sequer sabia que ele fosse capaz de fazê-lo. Observou estremecida como o gigante brincava com a moça que parecia uma boneca no colo dele.

— Erik! — Yvette o repreendia como se ele fosse um menino travesso, e ele estava feliz com isso. Ele nunca havia brincado com ninguém em sua vida, nem tivera vontade de fazê-lo. Deixou que ela resistisse um momento mais, pelo simples prazer de tê-la um momento mais em seus braços. Depois, beijou-a com força e a deixou se levantar. Ela o fez com pressa e se afastou até a outra ponta da sala. Erik a olhava como se lhe tivessem arrebatado o bolo que comeria para o café da manhã. Helga falou para tentar baixar a tensão.

— Erik, possivelmente deveriam sair já, para que Thorlak venha me buscar o quanto antes, prefiro chegar o mais cedo possível para organizar minhas coisas lá.

— Claro, vamos.

- Yvette precisará de um vestido.
- No momento, ela pode usar algum de minha mãe.
- Ela precisará comprar algum, não?
- Sim, compraremos roupa nova para ela. Possivelmente amanhã. — mas Helga estava certa de que ele não sabia do que ela estava falando, pois continuava olhando à garota como se ela fosse algo comestível.
- Para onde vamos?
- Para casa. Deixei você aqui porque estava muito doente.
- Erik, falando sobre isso, ela precisa descansar, — Helga lhe fez um gesto para que se aproximasse e pudesse falar com ele, Yvette prudentemente ficou junto à lareira.
- Erik, esta garota não é como outras que você costuma tratar, ela é delicada, sua constituição é mais frágil, ainda precisa se recuperar.
- Você quer dizer que não posso me deitar com ela? — Ele franziu o cenho preocupado.
- Não, não é isso, é só que ela precisa se recuperar, e não acredito que esteja preparada para aguentar os castigos físicos que vocês dão, às vezes, às escravas.
- Não precisarei castigá-la. Eu sei.
- Não vai libertá-la? Eu pensei que possivelmente você o faria.
- Não. Se eu fizesse ela seria livre, e poderia escolher. Ir embora, por exemplo, não posso fazer isso. Estaremos sempre juntos, para mim será igual a um casamento.
- E acredita que ela será feliz?
- Sim, e por que ela não seria? — A anciã o olhou

assombrada pensando o quão idiotas os homens podiam ser. A garota não nascera escrava e, além disso, era culta, soube disso quando falou com ela, inclusive dera aulas para crianças, em uma escola de sua terra. Decidiu não continuar perguntando, ele logo encontraria, por ele mesmo, a incongruência de seu raciocínio.

Desta vez Yvette aproveitou muito mais a viagem naquele maravilhoso cavalo, com as crinas douradas. Quando ela saiu da cabana e o encontrou sob as árvores pastando, dirigiu-se para ele seguida por Erik. Sem que ela falasse o cavalo levantou a cabeça e a olhou. Seus olhos amarelos pareciam convidativos, inclinou a cabeça, como se lhe desse um sorriso, e relinchando brandamente, como se lhe desejasse bom dia. Cavalos sempre lhe deram medo, mas este parecia tão carinhoso, que ela ficou somente a dois passos dele, enquanto Erik vigiava, bem atrás dela. Esticou o braço com um pouco de medo, e acariciou seu focinho, ele se aproximou um passo e deixou que o peso de sua cabeça repousasse na mão dela.

— É muito bonito. E muito tranquilo, — Erik olhou o Gullfaxi assombrado com ele, nunca o vira agir com ninguém como se fosse um cachorrinho carinhoso. Era um cavalo temperamental, que ninguém, exceto ele, conseguia montar, e com um caráter dos demônios, mas ali estava ele ganhando o coração de Yvette, como se nunca houvesse feito estripulia. Erik moveu a cabeça tendo certeza de que o cavalo, se pudesse, iria com ela, e o deixaria ali.

— Bem, já está bom Gullfaxi, deixe de se mostrar, vamos, — Gullfaxi levantou a cabeça e o olhou indignado e se voltou de

frente para ela, para não ver seu amo de frente, — pouco me importa que você se zangue. — Vamos Yvette, — ele a elevou e a agarrou pela cintura, depois, aproximou sua boca à orelha do cavalo atraindo-o para si, puxando as rédeas e lhe disse, — não pode fazer nada companheiro, ela é minha, procure uma égua, — Gullfaxi bufou e moveu a cabeça várias vezes como se espantasse às moscas até que Yvette perguntou:

— O que está acontecendo? — Ela acariciava o pescoço do cavalo e ele parecia olhando Erik como se o desafiasse a responder.

— Nada, é que ele é um pouco peralta, mas eu o sou mais, — deu um sorriso maligno que fez com que Gullfaxi abaixasse a cabeça, sabendo que seu momento havia terminado. Ele relinchou feliz porque sabia que agora poderia correr. Erik subiu atrás dela com um impulso e esticou os braços passando-os por sua cintura para agarrar as rédeas.

— Coloque-se mais para trás, não tenha medo, apoie-se em mim, — ela voltou a cabeça e o olhou fixamente, — eu não deixarei que você caia, apoie-se, ficará mais segura.

— Está bem, — ela se acomodou como se estivesse em uma poltrona, embora continuasse rígida.

— Relaxe, senão amanhã lhe doerão todos os ossos.

O cavalo começou com passo tranquilo enquanto saíam do bosque, e ele o deixou galopar assim que chegaram a campo aberto. Ela se agarrava às coxas dele assustada, embora Erik a mantivesse fortemente agarrada pela cintura. Ele se inclinou sobre seu ouvido para que ela o escutasse.

— Fique tranquila, relaxe, se quiser se agarre ao chifre da

sela, — ela o fez, sentindo-se um pouco melhor agarrando a sela com o braço bom, embora estivesse envolvida pelo enorme corpo de Erik por todos os lados. Alguns minutos depois ela estava um pouco mais tranquila observando a paisagem passar a toda pressa: a montanha em todo seu esplendor coberto de neve; o mar, de onde subia a névoa que ia tomando conta dos campos. Apesar de tudo, a temperatura era mais quente do que em sua casa na Islândia. Helga lhe dera uma capa para que ela não passasse frio e lhe recomendara que não movesse o braço.

Era um dia lindo, o sol brilhava sobre os campos cultivados, o cavalo diminuiu a marcha. Imaginou que já estavam nas terras de Erik. Ao longe se viam várias edificações, Erik fez com que o cavalo trocasse tranquilo até chegar lá, para ter tempo de conversar com ela.

— Aquela que você vê de frente é minha casa, onde você viverá agora, à esquerda estão as cabanas dos escravos, há duas, uma para os homens e outra para as mulheres. À direita, as duas construções grandes, são os estábulos e o celeiro, e atrás da casa está o depósito, assim nos protegemos do frio da montanha.

— E por que não vou viver, na cabana com as escravas? — A pergunta foi feita em um sussurro. Ele a abraçou mais forte contra seu corpo de maneira instintiva.

— Porque não, você viverá na casa, comigo.

— Entendo, — ela inclinou a cabeça observando as mãos dele segurarem as rédeas, tão fortes, acostumadas a tomar o que queriam. Não podia lutar contra ele, pelo menos, não por meio da força física. Ele amaldiçoou por não saber falar

melhor, por não poder transmiti-lhe seus sentimentos, ele pensou no que será que a preocupava, possivelmente, o trabalho.

— Se quiser, não precisará ajudar na casa. Aqui você viverá bem Yvette, juro-lhe isso, teremos uma boa vida.

Ela continuava calada quando eles chegaram aos estábulos. Não havia nenhum dos escravos ali, por isso ele a tirou do cavalo e depois o levou à baia. Tirou-lhe os arreios e as rédeas, Gullfaxi o olhou meneando a cabeça, assombrado por sua estupidez. Erik lhe devolveu o olhar indignado, não pensava seguir os conselhos de um cavalo que supervalorizava a si mesmo. Acreditava que estava com a razão. Ele arrumaria tudo, só precisava conseguir que ela entendesse que esta era a melhor solução.

Quando entraram na casa, o ambiente estava quente, e cheirava a flores, Seren e Osma foram recebê-los.

— Estas são Seren e Osma, e ela é Yvette. Osma, preciso que procure algum vestido de minha mãe para Yvette, — as duas escravas se olharam confusas, já que pensavam que ela era outra escrava, e ele jamais agira dessa maneira com uma delas. Mas, nesse momento, Yvette demonstrou que ele não a conhecia, absolutamente.

— Não é necessário, usarei a mesma roupa que elas, certamente vocês tem vestidos sobressalentes, se por acaso o amo trazer mais escravas. — Erik apertou a mandíbula tentando se controlar para não rugir furioso. Não podia discutir com ela diante das outras escravas, um amo nunca se rebaixaria a discutir, solucionaria a discussão com alguns

golpes com a mão, ou com o chicote.

Ela o olhou provocadora, parecia que desejava que ele a castigasse. Ele lhe lançou um último olhar fulminante e saiu da casa para evitar começar a rugir, furioso como um animal.

Ela esperou que ele saísse, e olhou às duas mulheres que a observavam admiradas, depois que fora capaz de contrariar seu amo e ele não a havia golpeado, nem sequer gritara.

— Bem, importar-se-iam de me dar o vestido? — Ela se deu conta de que as duas mulheres usavam o cabelo a mostra, — e será que terão algo para tapar o cabelo?

— Sim, — Osma, a mais velha, respondeu enquanto fez um gesto para que ela a seguisse, — venha comigo. Seren, fique preparando a mesa do salão para o amo, imagino que ele gostará de tomar o café da manhã quando voltar. — A garota saiu correndo à cozinha, tinha muito medo do amo.

Dirigiram-se ao fundo da casa, que era a maior que Yvette estivera, havia uma área de lavagem, e onde estavam guardados os artigos de limpeza e dos escravos, entre outras coisas. Osma entregou uma pobre imitação de vestido, que eram apenas dois quadrados costurados, grosseiramente, com um buraco para a cabeça. Além disso, deu-lhe um pano grande para cobrir cabeça, ensinou-lhe a colocar como se fosse um turbante. Ficou sozinha e ali mesmo, tirou o vestido e a touca, que eram a única lembrança física da pessoa que ela fora antes, e que não voltaria a ser nunca mais. Quando estava vestida, notou uma intensa coceira no corpo, mas se conteve de coçar. Demorou muito a ajeitar o turbante, inclusive com suas presilhas, ela usava o cabelo muito comprido, depois veria

como solucionaria. Ela se manteve um momento de pé e inclinou a cabeça, fazia dias que não rezava, desde que se separara de Marianus, estava um pouco zangada com Deus.

— Marianus, espero que esteja no céu, se alguém o merece é você. Ajude-me, por favor, como você fez enquanto esteve aqui, — ela piscou para evitar as lágrimas, — sinto falta de você, quem dera tivesse conseguido estar mais tempo com você. Bendito seja.

Saiu dali com o ânimo mais acirrado, tal como estava vestida lhe parecia que não traía a ninguém. Era uma escrava, fora-lhe repetido continuamente, então, vestir-se-ia como tal, e faria o que fazem as escravas. Procurou Osma, perdeu-se algumas vezes até que localizou na cozinha onde a mulher se encontrava.

— Osma, diga-me, no que posso ajudar? — A mulher a olhou nervosa ao vê-la com o vestido. Aquela roupa não parecia adequada para ela.

— Osma! — Seren entrou correndo, assustada.

— Acalme-se moça, — ela lhe agarrou as mãos já que ela parecia a ponto de chorar, — o que aconteceu?

— É o amo, está muito zangado, não grita, mas seu rosto dá medo!

— Bom, é possível que tenha fome, prepararei uma bandeja, e você lhe levará o café da manhã.

— Ele não me quer! Quer que ela o leve! — Assinalou Yvette com o dedo trêmulo, — mas tem a cara de demônio, — ela olhou para Osma, — você já sabe como fica quando está assim.

— Sim, é melhor que se esconda moça, tentarei falar com

ele, se estiver tão zangado... — Yvette se adiantou tranquila, ela não sentia medo.

— Eu a levarei, dê-me a bandeja, por favor. É melhor que se apresse.

Dirigiu-se ao salão seguindo as indicações de Osma sobre como devia servir o café da manhã, como era preferido por seu amo. Devia se acostumar a essa palavra, embora, agora também lhe parecesse odiosa. Ninguém tinha direito de possuir outra pessoa, ninguém! E se faziam isso com ela, que não esperassem, agora que ela estava com os cinco sentidos intactos, que ela recebesse com um sorriso, e, além disso, agradecesse. Aguentaria o melhor que pudesse até que Deus lhe oferecesse uma oportunidade para sair dali, embora isso significasse deixar parte de seu coração com ele.

Erik estava bebendo alguma coisa de uma jarra, o que não parecia que lhe tivesse acalmado, mas, sim, justamente o contrário. Olhou-a de cima abaixo furioso, e ficou muito vermelho, como se estivesse a ponto de explodir. Ela respirou fundo e continuou caminhando tranquila. Não conseguiria nada se se acovardasse.

— Que seja a última vez que me faz esperar escrava!

— Sinto muito, amo, — esse jogo poderia ser jogado pelos dois, teve consciência do sobressalto que produziu nele que ela o chamasse assim.

Colocou tudo o que levava na bandeja sobre a mesa, com dificuldade, já que o braço ferido lhe incomodava. Quando a bandeja ficou vazia, ela se virou para voltar para a cozinha.

— Aonde vai?

— À cozinha, disseram-me que quando lhe servisse a comida, que voltasse para lá.

— Fique aí de pé, se por acaso eu precisar de algo.

— É claro amo, — ele começou a comer lhe dando as costas, já que ela se colocara detrás dele.

— Fique diante de mim, quero vê-la. — Ela seguiu suas ordens, tranquila.

— Que porcaria você colocou no cabelo? É ainda pior do que o que você usava antes.

— As escravas daqui usam para cobrir o cabelo. — Ele franziu o sobrecenho indignado, os dois sabiam que nenhuma das duas escravas da casa usava aquilo.

— Yvette! — Ele deixou os talheres junto a seu prato incapaz de comer, — deixemos desta tolice, tire esse vestido, sabe que não é somente uma escrava.

— Não, amo, não sei. Escutei quando você falava com Helga, disse-lhe que eu sou uma escrava. E eu sou, estou de acordo. Enquanto estiver aqui.

— O quê? — Ele gritou, — espero que você não esteja pensando que pode escapar daqui, primeiro, não poderia cruzar a montanha sem morrer, e, depois, para onde iria?

— À minha casa.

— Aquilo já não é sua casa, se fizesse um esforço, esta poderia ser.

Foram interrompidos por Jensen, o segundo de Erik, que era o capitão do segundo Drakkar.

— Erik, menos mal que o encontro. Estive ontem à noite o procurando, os homens estão muito zangados, — ela se virou

para sair, e de novo Erik a parou, com um grito.

— Pare, o que aconteceu Jensen?

— Precisar  repartir as escravas, os homens já não aguentam mais. Podemos organizar o conselho para amanhã?

— Erik olhava os olhos de Yvette que não baixava o olhar e maliciosamente ele respondeu:

— Melhor, diga-lhes que venham o quanto antes e traga as escravas aqui. Hoje deixaremos a mercadoria repartida, — Jensen pareceu estranhar um pouco que ele falasse assim. Mas assentiu e saiu rápido. Yvette não conseguiu evitar lhe lançar um último olhar indignado, antes de ir à cozinha, depressa, ele, desta vez, não tentou det -la.



CAPÍTULO VI

As três mulheres estavam na cozinha, imersas em um silêncio sepulcral. Yvette ficara parada olhando o fogo, assombrada de que tivesse se equivocado tanto com ele.

— Bom dia a todas, e que caladas estão! — Ela havia esquecido que Helga viria. Não estava com vontade de falar, deixou que as duas mulheres lhe explicassem o que acabava de acontecer. Continuou olhando o fogo atentamente, tentando esvaziar sua mente. A anciã se aproximou quando teve uma ideia do que havia acontecido.

— Mas o que aconteceu Yvette? — Ela encolheu os ombros muito aturdida para falar. Sentiu a mão de Helga em seu braço.

— Diga-me filha, deixe que eu lhe ajude.

— Não sei, ele se zangou tanto! Acredito que sou a culpada de que todas aquelas mulheres vão ser distribuídas, como se fossem prêmio. Que Deus me perdoe! — Ela inclinou a cabeça derrotada.

— Refere-se a que vai haver reunião do conselho? — Ao ver

que ela não respondia, olhou às outras duas mulheres que assentiram vigorosamente, — você não tem culpa Yvette, nem sequer Erik, é um antigo costume viking. Não digo que esteja bem, somente que foi sempre assim. Normalmente ele não a trata mal, e com o trabalho que realizarem durante parte de sua vida, podem comprar sua liberdade, ou também, se um homem livre quiser se casar com uma delas, pode comprá-la e liberá-la.

Ela continuava concentrada no fogo, não fez nenhum sinal de que a tivesse escutado. Erik entrou nesse momento. Com algumas passadas largas, aproximou-se delas e agarrou Yvette pelo pulso, levando-a com ele. Puxou-a até seus aposentos e fechou a porta atrás deles.

— Yvette, você irá ao conselho comigo, quero que você veja, — a voz dele soava furiosa, — mas não posso permitir que não obedeça minha autoridade lá. Nestas terras, no conselho, eu sou o juiz, mas sei que não posso ameaçá-la com nada que tenha medo. Conheço-a, embora acredite que não, inclusive você gostaria que eu lhe batesse, para ter outro motivo para me odiar. — Ele a olhou esperando sua resposta, ela não conseguiu evitar que ele visse sua surpresa. — sim, já estou conhecendo-a. Por isso, advirto-a, se fizer qualquer gesto que dê a entender que não me respeita, qualquer um Yvette, — ele salientou, — não será você quem pagará, mais sim, outra das escravas. Sei que isso seria pior para você.

— Você não seria capaz!

— É claro que sim! — Ele rugiu, — pode ser que assim você contenha um pouco seus impulsos.

Ela levantou o nariz o olhando, indignada, mas hesitou, ela não podia discutir quando ele estava assim.

— Está bem, serei uma escrava obediente. Não se preocupe com nada.

Ele ajustou sua mandíbula, em uma de suas amostras de aborrecimento, preferida, e assentiu.

— De acordo então, siga-me.

Saíram, ela usava somente o vestido, que fazia seu corpo coçar cada vez mais, e que não a resguardava do frio. Ele a olhou para ver se ela se queixava, mas ela continuou andando como se estivesse confortável.

Entraram no celeiro, era um edifício de madeira muito largo e alto, ao final dele havia várias cadeiras e uma mesa, em frente a qual já se encontravam várias pessoas. Erik se dirigiu ao centro da mesa e se sentou. Fez um gesto para que Yvette se colocasse atrás dele. Jensen entrava nesse momento com as escravas, e com os vikings que haviam participado da incursão. Yvette aguçou a vista para observar às mulheres, a maioria não era conhecida, embora estivessem sujas e despenteadas, e se mantinham com a cabeça abaixada. Ela não podia se aproximar mais. De repente, viu uma menina a quem dera aula até o ano passado.

— Kaira! — Ela sussurrou, Erik a ouviu e se virou para observá-la, seus olhos faiscaram ao ver sua expressão.

Kaira estava com as bochechas molhadas, ela se recordava bem, deveria ter uns treze anos, olhava à frente e estava com as mãos amarradas. Ao reconhecê-la, o olhar dela se iluminou, e tentou se aproximar, mas um dos homens que

as controlavam a segurou.

— Yvette! — Ela não conseguiu ficar quieta vendo como a menina chorava, aproximou-se correndo dela e a abraçou. O mesmo homem que havia segurado Kaira, empurrou Yvette atirando-a ao chão. Ele se colocou ao lado dela, e levantou a mão para castigá-la. Yvette elevou a cabeça esperando o golpe, que nunca chegou. Erik afastou o homem e lhe deu um murro que o mandou vários metros longe deles, depois se aproximou dela e a levantou.

— Você está bem? — Ela assentiu e seguiu seu olhar, da atadura saía um pouco de sangue, não muito, mas ele empalideceu.

— Estou bem Erik, — ela cobriu a atadura com a outra mão para que ele se esquecesse da ferida. Ela tentara se segurar ao cair, e caíra mal, sobre o braço dobrado. Mas ela queria que ele se concentrasse em seu pedido.

— Não, onde está Helga? — ele olhou para os lados procurando à anciã.

— Escute-me. — Ele levantou a mão para tocar seu rosto, todos os presentes os observavam assombrados, por causa da docilidade repentina de Erik, — eu quero ficar com a Kaira, por favor, farei o que você quiser.

— Verdade? O que eu quiser?

— Sim, Erik, por favor, farei o que você quiser, — ela mordeu os lábios com medo de que ele não desse importância.

— Está bem, ficará com ela. Mas tem certeza de que cumprirá?

— Sim, já lhe disse isso.

— Somente quero deixar claro, não quero mal-entendidos. Não discutirá comigo de agora em diante...

— Estarei de acordo com o que você quiser, não discutirei, de acordo? — Ele assentiu com o olhar tranquilo pela primeira vez, em horas. Depois, colocou a mão em seu ombro antes de se dirigir ao restante dos vikings que estavam presentes na assembleia. Sua voz ressonou forte por todos os cantos.

— Esta mulher é minha, e qualquer um que a tocar, que se prepare para perder a cabeça. Alguém quer disputar meu direito? — Como ninguém estava com vontade de ter sua cabeça arrancada, nenhum dos assistentes disse nada.

Erik a puxou pela mão e a levou novamente para seu lugar, atrás dele, sentando-se em seguida. Jensen começou a detalhar as escravas que haviam capturado dizendo seus nomes. Quando nomeou Yvette, todos moveram os pés e olharam para outro lugar. Ao nomear cada uma delas, a nomeada deveria dar um passo à frente. Kaira não parava de olhá-la enquanto soluçava como uma criança, Yvette não podia tranquilizá-la no momento, somente a olhava tentando lhe transmitir todo seu carinho. Quando Jensen terminou a apresentação. Chegou o momento de que, cada um dos presentes diria em qual, ou em quais mulheres estava interessado. Erik falou primeiro, como chefe, adquirira direito.

— Reclamo Yvette e à escrava Kaira para minha casa, — Yvette olhou para todos os homens que assistiam. Estranhou vê-los, sem armas pareciam granjeiros normais.

Ao que parecia ninguém se oporia. O *langman*, o homem que estudara a lei e a quem faziam as consultas, estava a

ponto de escrever o título das duas escravas para Erik, quando se escutou uma voz discordante.

— Reclamo à escrava Kaira para minha casa, você já ficou com Yvette, é injusto que fique com duas, quando outros nem sequer escolheram uma, — olhou os outros para que o apoiassem, mas ninguém se atreveu a fazê-lo.

— Ingvarr! — Erik resmungou o nome de seu irmão sabendo que ele era o único que se atreveria a se opor a ele nesse lugar. — Segundo a lei, posso escolher quem eu quiser, antes que outro, e compensá-lo por isso.

— Estamos de acordo, — Ingvarr não olhava para Erik, mas sim para Yvette que baixou os olhos e tentou se esconder da sua vista, colocando-se atrás das costas de Erik. Este estava com o corpo rígido ao também notar como ele a olhava, — mas eu quero que a compensação seja em sangue. Não preciso do seu ouro.

— Está bem, depois solucionaremos, terminemos com a distribuição. Yvette tremia interiormente, enquanto continuava sentindo os olhos daquele homem sobre ela. Com sangue? O que aquilo significava? Ela não sabia o que era, mas não queria que Erik saísse ferido. O restante do tempo transcorreu rapidamente, o *langman* escrevia sem parar em suas tabuletas, até que todos haviam escolhido e saíram dali contentes com as escravas que lhes correspondiam. Kaira ainda estava de pé, segura por Jensen, e olhava com ódio para Ingvarr. O *langman* também esperava à resolução daquilo, já que deveria escrever o que aconteceu. Além dele, estavam no celeiro somente Erik, Ingvarr, Jensen, Kaira e ela. Erik se levantou e foi até Ingvarr.

Olharam-se nos olhos, como dois inimigos.

— Ingvarr, se você fizer isto, declarou a guerra, não o protegerei nunca mais, — o outro sorria maldoso.

— Não necessito seu amparo. Roubou-me ela sem nenhuma razão, e não penso em ficar quieto, — ele se aproximou de seu irmão, que era mais alto uma cabeça, elevou o olhar desrespeitoso para ele, — aconteça o que acontecer, ela acabará sendo minha.

— Jamais! — Ele sussurrou furioso. Conteve-se como pode para não esmurrá-lo.

— Monstro! — Ele disse, mas esse insulto referindo-se ao berserker, mas já não o machucava. Quando eram crianças, este era o insulto preferido de Ingvarr e sua turma de valentões, felizmente agora, ele sabia que o irmão era motivado pelo medo e pela inveja.

— Terminemos com isto, o que você quer?

— Tudo o que você tem, mas enquanto eu não consigo, conformo-me tirando de você, um pouco de carne e sangue a chicotadas. — Erik assentiu tirando a camisa de couro que usava e ficou unicamente com as calças justas. Dirigiu-se para o *langman* que esperava a resolução do conflito.

— Estou de acordo em que o pagamento seja em chicotadas.

— Sim, dez, ficará como novo irmãozinho, — Ingvarr se aproximava arrastando seu chicote pelo chão, o *langman* o olhou indignado.

— Segundo a lei, não serão mais de três, e isso se fosse uma escrava muito valorizada. — Erik levantou a mão olhando

para Yvette. Ela estava aterrorizada.

— Está bem, então três, — ele se dirigiu até um par de argolas que havia na parede a sua esquerda e se agarrou a elas.

— Estou pronto. — A visão era impressionante, os músculos de suas costas se esticaram, seguindo os contornos de seus braços, formando um triângulo perfeito. Ingvarr, antes de dar o primeiro golpe, voltou-se para ela e lhe disse maldosamente:

— É por você linda. — Ela estremeceu quando viu quando as pontas do chicote impactavam naquelas costas espetaculares que estremeeceram de dor, embora o dono não emitisse nenhum som. Ela sabia que ele não o faria. Quando deu o primeiro golpe, Ingvarr voltou a olhá-la, ela não conseguia deixar de ver como os cortes sangravam começando a jorrar pelas pernas.

— Bonito não é verdade? Este chicote é meu preferido, e tenho muitos! — Sem que ninguém esperasse, voltou a golpear, desta vez em um lado. O chicote se abraçou à cintura de Erik como se fosse um amante, ele continuou agarrado às argolas sem se mover. Ingvarr lançou o último no mesmo lugar que o primeiro, para tentar fazer o maior dano possível. Yvette chorava angustiada com uma mão na boca para não emitir nenhum som que pudesse preocupar Erik. Quando Ingvarr terminou, pareceu que levantaria o chicote de novo, mas Jensen ficou diante dele.

— Pare, seu maldito mulherengo, — Jensen o olhou com ódio nos olhos.

— Ingvarr, até agora você escapou que tudo, porque você é irmão dele, mas você ouviu que isso terminou. Faço uma última advertência, não fique em meu caminho. Vá embora daqui agora! — Esperou que ele saísse, e se voltou para seu amigo. Yvette e Helga já o seguravam. Aproximou-se.

— Pode andar? — Era um espetáculo terrível vê-lo sangrar daquela maneira. Os cortes eram finos, mas profundos, deviam doer terrivelmente.

— Sim, veja que ele vá embora daqui Jensen, se for necessário eu lhe darei um pouco de dinheiro para que pegue um navio com marinheiros. Não acredito que eu consiga evitar matá-lo se voltar a vê-lo.

— De acordo, — ele observou como seu amigo se apoiava na velha Helga e em Yvette, que chorava desconsolada. Ao vê-la, Erik franziu a testa.

— Acalme-se, Helga me dará um pouco de suas poções de bruxa e eu me recuperarei, — apesar de sua fortaleza, ele estava pálido.

— Sinto muito Erik, não sabia que isto aconteceria, — ela se sentia culpada.

Foram andando para casa. Jensen e Kaira atrás, fechando a comitiva. Jensen decidiu ficar um momento se por acaso Erik precisasse de algo. Lamentou não poder pedir satisfação de Ingvarr, mas sabia que Erik não queria que ele fizesse nada contra seu irmão. Os dois sabiam, porque haviam conversado, que cedo ou tarde ele o mataria.

Yvette ainda estava assustada, até que não viu como o chicote de Ingvarr lacerava, não estava consciente do sacrifício

que Erik fizera por ela. Estavam em seus aposentos, ele sentado na cama, ela ajoelhada entre suas pernas limpando brandamente o sangue com um pano e uma bacia com água. Helga fora buscar seus unguentos.

— Como você está Erik?

— Estou bem, não se preocupe, outras vezes tive feridas muito piores, sou forte minha pequena, — ela se ruborizou ante o apelido carinhoso. Ele era dedicado às meninas queridas no lar, como os recém casados para suas esposas. Olhou-o atentamente, ele estava pálido e falava devagar como se custasse se concentrar.

Helga entrava nesse momento seguida por Osma.

— Como ele está?

— Não sei, parece um pouco distraído, — Erik estava com os olhos fechados nesse momento.

— Estou bem, — ele sussurrou. Yvette se levantou deixando espaço à anciã, que secou docemente as feridas, e aplicou um unguento que fecharia os cortes o mais rápido possível. Além disso, tiraria bastante a dor. Quando terminou, ajudada por Yvette colocou uma bandagem ao redor do torso para que as feridas se mantivessem limpas. Depois Helga pediu a Osma que lhe desse a infusão que fizera na cozinha para que ele bebesse. Aproximou-a dos lábios de Erik, mas ele abriu os olhos e afastou o rosto.

— Não, não quero nada.

— Erik, por favor, ajudará você a descansar para recuperar o sangue. É o melhor.

— Não quero dormir, — Helga olhou para Yvette pedindo

ajuda. Ela assentiu pegando a taça e pediu, com o olhar, que a deixassem a sós com ele. Erik a olhava sorrindo, um pouco amortecido.

— Erik?

— Sim?

— Você não gostaria que eu me deitasse um momento com você na cama?

— Sim, — toda sua face era um sorriso.

— Bem, pois somente precisa me fazer um favor, tomar isto que Helga preparou para você. De acordo? — Ele não disse nada, esticou a mão para que ela lhe entregasse a taça e a bebeu de um gole, depois estremeceu.

— Como sempre, as infusões dela são asquerosas. Venha à cama. — Ele se levantou para deitar-se, fazendo caretas de dor.

— Espere que levante os lençóis, — ela o ajudou a se deitar sobre o lado que doía menos, e ela se deitou atrás dele. Mas ele não estava de acordo com a posição.

— Deite-se na minha frente, quero abraçá-la.

— Erik, não faça esforços com os braços, — ela mordeu os lábios.

— Acreditei que você queria que eu descansasse, se eu não abraçá-la não conseguirei. — Ela se levantou sabendo que estava sendo asquerosamente chantageada, mas sorriu ao pensar que ele era como um menino pequeno.

— Está bem, mas isto valerá somente enquanto você se curar, — ela se deitou cuidadosamente diante dele, para não machucá-lo, uma vez na cama, ela se virou para ver o rosto dele, ele já fechava os olhos e sorria como se fosse o homem

mais feliz do mundo.

Ela esperou bastante tempo escutando sua respiração regular, enquanto acariciava brandamente a mão que ele depositara em seu ventre, em sua postura favorita. Depois, como já fizera outra vez, levantou o braço com esforço e saiu debaixo dele para se levantar. Agasalhou-o quando se levantou e saiu dali com os sapatos na mão, fechando a porta com cuidado.

A cozinha estava aquecida, e as três mulheres conversavam emocionadas, por isso ela conseguiu ouvi-las, antes que se calassem ao vê-la. Quando Kaira a viu, correu para abraçá-la. Osma estava lhe dando comida, bendita fosse sua alma. Yvette tranquilizou a garota acariciando suas costas com suavidade, escutando seu relato entre soluços. Eles a pegaram sozinha, quando saía para recolher os ovos para o café da manhã, e não conseguira se despedir de seus pais, nem de seus irmãos. Ela chorava sem consolo.

— Acalme-se Kaira, sente-se e termine de comer, você verá como tudo se soluciona. — Helga se aproximou quando ela conseguiu que Kaira se sentasse.

— Você tomou o café da manhã? — Ela negou com a cabeça, — pois coma e depois eu olharei a sua ferida, está com a bandagem com sangue seco.

— Sim, machuquei-me ao cair, sangrou um pouco, mas logo parou, — ela se sentou esgotada à mesa. — Osma colocou um prato com ovos mexidos, carne de porco e uma papa. Ela começou a comer, estava com uma fome voraz. Helga se sentou a seu lado.

— O que aconteceu afinal? Foram muitas chicotadas? — Osma parecia surpreendida de que seu amo tivesse consentido.

— Três, mas o chicote possuía pontas de metal, por isso ele tem tantas feridas.

— Sim, aqui todos conhecem os chicotes de Ingvarr, matou uma escrava de uma surra com esse mesmo látego, por isso é tão surpreendente que Erik aceite pagar com sangue, por uma escrava, — as outras duas mulheres olharam para Kaira, mas Helga sabia por que ele havia dado seu sangue pela escrava. — Tenha paciência com ele moça, como verá não pode ter dúvidas dos sentimentos dele, — ela sussurrou para que as outras não as ouvissem.

— Bem, termine de tomar o café da manhã para que eu possa ver a ferida.

As outras mulheres continuavam o intercâmbio sabendo que, a entrada de Yvette como escrava na casa, produziria muitas mudanças na mesma.



CAPÍTULO VII

Yvette, com a bandagem, recém-colocada, outra vez convenceu Osma para que ela a deixasse trabalhar na horta. Kaira a seguia como um cãozinho. A horta estava muito mal organizada. Ela arregaçou o vestido e observou, surpresa, as bolhas que ela tinha nos braços e que começavam a expurgar uma espécie de água, Kaira viu aquilo, assustada:

— O que é isso? — ela roçou com o dedo uma das chagas.

— Nada, é que eu tenho a pele muito delicada. Depois pedirei a Helga que me de algum unguento para que não arda tanto. Não se preocupe. Sabe tirar as ervas daninha? — Kaira assentiu, — muito bem, então, se quiser, tire-as com isso, vai deixando em um montão, depois veremos se fazemos um fogo com elas. Isto está descuidado, não é de estranhar, grande como é e com tantos animais que tem, precisa de pelo menos, uma pessoa todas as manhãs. Elas já têm bastante com a casa. Começemos, eu vou ordenhar as vacas. Kaira assentiu, e Yvete olhou enquanto ela se dirigia à área cultivada com verduras e ervas aromática. Parecia mais tranquila agora que

possuía algo para fazer.

As vacas estavam em um abrigo meio fechado, de onde saía um calor muito agradável, olhou os úberes e decidiu ordenhá-las antes de limpar o lugar e trocar a palha. Também se sentiu bem com o som relaxante do leite no balde. Não estava acostumada a ordenhar três vacas e quando terminou de fazê-lo estava suando. Levou o leite à cozinha, e voltou a sair para limpar, ajudada por Kaira que terminara na horta. Cada uma agarrou um ancinho e foram afastando a porcaria. Quando acabaram isto, preencheram tudo com palha limpa. Ela jogou feno no comedouro e trocou a água que era pouca e estava suja. Continuando, passaram para o galinheiro, que foi o mais rápido, recolheram os ovos e saíram correndo, fugindo de um galo malévolo que queria bicá-las. Riram como duas crianças, esgotadas, já que o pegarem os ovos as fizera correr, continuamente, diante do galo. Uma delas o distraía e outra agarrava os ovos. Apoiaram-se uma na outra respirando agitadamente e rindo, quase sem ar.

— Mas que mau ele é! — Yvette ria ante a bravura da ave, nunca conhecera uma assim.

— Sim, nota-se que é viking.

— Já vejo que estão passando bem por isto, terminaram?

— Helga as olhava sorridente. Saíram dali sorridentes, ainda sem fôlego.

— Sim, Helga, já vamos, precisamos ajudar Osma com a casa não?

— Não, bastam as duas para arrumar a casa, o que não lhes cai muito bem é a cozinha, e você sabe cozinhar?

— Sim, além disso, ela faz bolos muito bons! Às vezes ela os levava à aula. Quando ela pensava que alguma criança não comia o bastante, sempre tentava levar um pouco de comida, ou um bolo, ou bolos para que todos comêssemos. Minha mãe sempre dizia que ela tem um bom coração, porque o monge e ela eram tão pobres como qualquer um.

— Bem, falemos de outra coisa, — ela acariciou a cabeça da menina com ternura enquanto entravam pela porta de trás na moradia. Foram outra vez à cozinha.

— Onde está Osma?

— Eu lhe disse que, ficassem com a limpeza, e que nós, ou seja, você, faria a comida. Assim, se nos organizarmos, podemos ter os trabalhos terminados perto da tarde e poderemos fazer outras coisas.

— Está bem, mas primeiro vou ver como Erik está. — A anciã assentiu sentando-se à cozinha.

— À volta olharei a despensa para ver o que faremos de comida, venho em seguida, — pareceu que Kaira queria segui-la, mas lhe fez um gesto para que ela não o fizesse.

Erik se mexera, removendo os lençóis e as mantas, ela se aproximou para arrumar as mantas e agasalhá-lo, embora lhe parecesse um pouco estranho agasalhar um homem tão grande e forte. Quando se inclinou sobre seu lado da cama para arrumar o lençol, ele esticou o braço e a segurou atraindo-a para ele.

— Venha aqui trapaceira, — era como um menino travesso.

— Erik, comporte-se, por favor. Preciso fazer a comida.

— Soltarei você, mas já sabe o pagamento, — sim, ela se

lembrava perfeitamente, o ruim é que ela gostava muito dos beijos dele, embora tentasse esconder. Deu-lhe um rápido toque nos lábios.

— Viu o que eu disse, uma trapaceira, não importa, cobrarei eu mesmo, — ele a beijou apaixonadamente, fez com que abrisse os lábios e colocou a língua em sua boca, procurando a dela. Quando ela o acariciou com a dela, ele gemeu, apertando-a fortemente. Enquanto isto, a mão direita acariciava com força seu seio, excitando-a até que ela quase esteve a ponto de se despir. Mas repensou a tempo, quando o acariciou e notou a bandagem entre seus dedos, precisariam ter alguns dias de cuidado, afastou-se dele que continuava tentando aproximá-la.

— Erik, não posso, agora não, tenha paciência.

— Não posso, maldita seja! Faz muito tempo da última vez.

— Escute, se esta noite você estiver melhor, prometo que estarei com você com minha mais boa vontade, disse que eu faria o que você quisesse. Eu cumpro minhas promessas, mas você não está bem, e não quero que se abram as feridas, — pareceu que ele protestaria, mas ela pediu, — por favor, — isso fez com que a cor de seus olhos se esfriasse um pouco. Acalmou-se. Ela lhe deu um beijo, desta vez na bochecha e se levantou para continuar com suas coisas.

— Mas não penso em continuar na cama.

— Imagino que pode ficar no salão lendo, por exemplo, contanto que não faça esforços.

— Bem. Então vai fazer a comida. E você sabe cozinhar? — Ele parecia muito interessado.

— Ninguém se queixou, — ela encolheu os ombros.

— Tenho muita vontade de comer bem, ia procurar uma cozinheira, Osma cozinha muito mal,... — fez uma careta de asco, o que a fez sorrir enquanto saía do aposento.

Helga, ela e Kaira exploraram a despensa, havia muitas coisas, arroz, legumes, mas nada de carne, nem de pescado.

— Helga, não há outro lugar onde guardem pescado ou carne, uma despensa talvez? — A anciã sorriu negando com a cabeça.

— Isto é uma granja de cultivo, não existem animais para o consumo, excetuando as vacas para o leite. Precisarei ir ao mercado, mas não acredito que tenha ninguém encarregado de comprar.

— Há um mercado perto? — Enquanto esperava a resposta, pensou em fazer seu arroz com verduras, que Marianus gostava tanto. Sentiu nostalgia ao pensar nele. Voltou a olhar tudo o que havia na despensa.

— Sim, há um muito grande em Narsarsuaq, mas não acredito que ninguém desta casa vá comprar lá.

— Mas onde conseguem a carne e as demais coisas? — Yvette estava assombrada. Helga encolheu os ombros.

— Imagino que algum vizinho, de vez em quando, venda a carne de sua granja.

— Entendo. E esse mercado está muito longe?

— Não, a cavalo acredito que está há uma meia hora, mais ou menos.

— Está bem, pois precisaremos ir comprar. Bem, diga a Kaira que, por favor, saia ao pomar e traga verduras para fazer

arroz. Ela saberá o que é preciso, é um costume de nossa terra.

— Aonde vai?

— Vou falar com Erik para perguntar se alguém pode me levar para comprar amanhã. Além disso, precisarei levar uma carroça, imagino. Para trazer as compras. Serão muitas.

— De acordo. Vou dizer à Kaira.

Erik estava no salão lendo um pergaminho que estava estendido na mesa. Levantou o olhar ao vê-la se aproximar, e lhe sorriu com ternura, durante um momento ficou parado respirando fundo já que seu coração se acelerou. Somente por um sorriso, ele estava cada vez mais patético.

— Erik, preciso lhe pedir algo, — ele lhe assinalou a cadeira que havia junto à dele, — preciso ir fazer compras no mercado, Helga me disse que há um grande em Narsarsuaq.

— Sim, fica bem perto do porto, têm de tudo, pescados, carne, verduras, e roupas. Será bom ir, você precisa de roupa, — ela não pigarreou porque sabia que esse momento chegaria cedo ou tarde, — muito bem, pense no que necessitamos, e iremos amanhã. Hoje já é tarde para ir, quando chegássemos já estaria tudo fechado.

— Tem uma carroça para ir?

— Eu não vou de carroça, — ele respondeu indignado.

— Eu imagino, mas não importa, eu posso levar a carroça. Que alguém me acompanhe já será suficiente.

— Eu irei com você, ou você acredita que eu a deixaria ir sozinha? — ele parecia indignado pela suspeita.

— Irá à carroça?

— Sim, irei na maldita carroça. Mas você precisará trocar

de roupa se quiser ir.

— Está bem. Colocarei meu vestido.

— Agora? — Ele sorriu ao ver que ela o ouvira.

— Sim! Por Deus você é mandão. — Ela se levantou para ir colocar sua roupa e passou pela cozinha para que Helga a acompanhasse. Fazia um tempo que já não suportava a dor que sentia no corpo. Desde que colocara o vestido das escravas ela começara a sentir uma ardência e agora ela se transformara em uma dor intensa. Helga a seguiu sem perguntar, no depósito ela fechou a porta, e tirou o vestido para que ela visse as chagas.

— Mas filha, por todos os deuses! Como conseguiu aguentar a dor? — Ela estava com feridas por todas as partes onde o tecido estivera roçando. Ela mordeu os lábios.

— Helga pode fazer algo? — A anciã movia a cabeça enquanto murmurava alguma coisa em voz baixa.

— Helga que não conte para Erik, já sabe como ele ficará.

— Deveria correr e contar, só por você não ter se queixado antes. Vou dar um líquido para que você limpe toda a pele com ele, o melhor seria que se banhasse. Eu direi a Osma, você precisa ficar pelo menos meia hora de molho no que vou lhe dar e água muito quente. Arderá, mas passará, com isso e o que vou sair para procurar na beira do rio, ficará curada em seguida. Amanhã só terá algumas rodela rosa, espero, e não doerá quase nada.

A porta se abriu de repente, Erik entrou muito zangado e a segurou pelo pulso, já que ela tentava tapar o corpo com o vestido. Olhou-a furioso quando viu as feridas que cobriam

todo o corpo dela.

— O que aconteceu? — Yvette não se sentia com forças para discutir outra vez.

— Não sei, — ela pigarreou, — acredito que é pelo tecido de saco, — ela assinalou para o chão onde ele havia caído. Erik franziu o cenho ao ver que ela estava arrepiada.

— Sente frio? — Ele tirou-se a túnica e colocou nela, ficando ele somente com as calças e a bandagem.

— Helga eu a ouvi, precisa ir procurar algo, o que é? Precisa que alguém vá com você?

— Precisamos de cominho negro. Prefiro ir sozinha porque tenho que reconhecer a planta, mas sempre tem na beira dos rios. É importante que ela tome um banho com uma tintura de ervas que tenho em minha bolsa misturada com água muito quente. Depois, vou misturar azeite com o cominho negro para que ela passe sobre a pele. O banho arderá, mas é muito eficiente. Direi a Osma que esquite água.

— Sim, em meu dormitório tem uma banheira, que levem os baldes para lá. Ele entrelaçou seus dedos com os de Yvette, sentia vontade de gritar com ela, por não ter dito nada antes, mas sentia sua dor. Apertou sua mão enquanto a levava ao dormitório, ali a sentou junto à janela, e foi até a banheira, que estava escondida atrás de um dos tapetes que estavam pendurados na parede para reduzir o frio. Levou-a junto à lareira, e avivou o fogo. Pela extremidade do olho via que sua mulher sentia calafrios, e mantinha os olhos fechados, respirando fundo.

Quando o fogo estava alto, aproximou-se de sua cadeira e

se ajoelhou diante dela. Pegou as mãos dela e apoiou a cabeça em seu colo, colocando as mãos dela em cima de sua cabeça. Ela acariciou seu cabelo com suavidade.

— Eu gostaria de vê-lo uma vez com o cabelo solto, — a voz dela estava rouca devido à dor.

— Soltá-lo-ei esta noite e você também.

— Está bem, parece-me justo.

— Vai ter sorte, porque penso em me banhar depois de você.

— Não continue, que me vou desmaiar de emoção, — ela brincou sem vontade. Bateram à porta. Osma entrou seguida por Seren, cada uma com um par de baldes que fumegavam.

Osma, além disso, levava um lençol que pôs primeiro na banheira, antes de jogar a água. Olharam para Erik que as observava de pé.

— Amo, temos outro caldeirão de água quase fervendo, trazemos mais água?

— Sim, quanto mais cheio melhor, tem o líquido da Helga?

— Sim, tome, — era um frasco de aparência inocente com um líquido alaranjado dentro. As duas criadas saíram dali para buscar mais água. Ele o destampou e o cheirou antes de jogá-lo na banheira.

— Cheira a algum tipo de frutas, — ele o aproximou dela para que o cheirasse.

— É laranja, provei-as uma vez, Olaf me deu uma de presente, — Erik levantou o olhar, alerta.

— Olaf?

— Um rapaz do povoado.

— Você gostava dele? — Seus olhos já estavam com aquele brilho estranho, outra vez. Ela já havia lhe falado de Olaf, embora ele não se recordasse.

— Do que serve falar disso?

— E por que ele tinha naranças em seu poder?

— Laranjas, não naranças. É uma fruta muito rica, que se cultiva em países quentes. Por exemplo, na Espanha. Ele as comprou no mercado. Eram muito caro.

— Então ele era rico.

— Sim, seu pai era o mais rico do povoado.

— Queria se casar com você? — Aquela conversa não conduziria a nada bom. Felizmente apareceram as duas mulheres para trazer água. Derrubaram dois baldes e voltaram a sair para buscar água fria. O olhar que Erik lhe lançou a fez ter certeza que ele continuaria com as perguntas assim que ficassem sozinhos.

Depois de que a água ficou no ponto, as mulheres deixaram as toalhas e saíram quase correndo. Erik lhe fez um gesto e ela se levantou, queria somente que passasse aquela dor. Despiu-se totalmente, o mais rápido possível para que Erik não pudesse fixar-se muito nas feridas, mas não teve êxito, ela viu seu olhar de tristeza. Ela sentiu seu coração se encolher ao vê-lo, preferia que ele a repreendesse, grunhisse ou a ameaçasse, do que vê-lo triste, e menos ainda, por causa dela.

— Não se preocupe Erik, verá como melhora em seguida, — ela ia se afundando na água quente, com cuidado, devida à mudança de temperatura. Sua primeira sensação foi agradável ao deixar sua pele em contato com a água. Mas, quase em

seguida, suas feridas começaram a ferver, olhou a pele, não era ardência, nem nada parecido, mas era uma dor semelhante a uma queimadura. Tentou sair, mas Erik não a deixou.

— Helga me disse que doeria muito, mas eu precisava evitar que você saísse, — seus olhos estavam desesperados, selvagens, enquanto segurava seu corpo sob a água.

— Nãoooooooooooooooooooooo, por favor, Erik, não consigo suportar. Deixe-me sair.

— Não posso, — seus olhos demonstravam que ele estava a ponto de perder a prudência devido ao sofrimento de Yvette. Ela respirou fundo tentando se concentrar só nele, esquecendo sua própria dor.

— Beije-me Erik, por favor, preciso pensar em outra coisa ou enlouquecerei, — ele obedeceu desesperado, porque senão também lhe aconteceria a mesma coisa. Ele segurou-lhe a cabeça apertando-a com força, e esmagou seus lábios contra os dela. Com fome e desespero. Depois, abraçou-a embalando sua cabeça contra seu peito. Parecia um pouco mais tranquila. Ela havia fechado os olhos e sua respiração ia se acalmando gradativamente. Afastou-a um pouco dele para ver seu rosto com mais atenção. Ela o olhou com os olhos entrecerrados.

— Já está passando, não dói tanto Erik, é quase como uma ardência nada mais. — Ele assentiu tranquilo. Passou-lhe o sabão para o cabelo.

— Quer que eu o lave?

— Não, depois, se puder, joga-me um dos baldes para me enxaguar.

— Está bem, — ele agarrou um de seus braços para ver as

feridas, já estava um pouco mais rosada, embora o aspecto fosse de que devia doer muito.

— Já quase não dói Erik, de verdade.

— Não voltarei a consentir isso, — ele a olhou com o cenho franzido.

— Não o entendo.

— Não permitirei que você faça mal a si mesma, como isto, — assinalou uma das chagas, — foi por sua culpa, é muito teimosa. E eu não permitirei.

— Você não pode decidir sobre isso.

— Acredita mesmo que não? Recordo-lhe que aceitou ser minha em todos os aspectos, já está dando para trás? — Ele se inclinou ameaçador, mas ela não se assustou.

— Está bem Erik, você tem razão, — ele a olhou surpreso.

— Como saiu essa frase de sua boca?

— A de que você tem razão? — Ele assentiu, — Com dificuldade, se quiser que eu lhe seja sincera, — ela admitiu sorridente — não sei o que me acontece, mas quando você banca o autoritário, dá-me vontade de te contrariar.

— Ora, pois você assim faz, e muito bem, — ele se levantou para buscar uma das cadeiras que havia junto à janela, aproximou-a da banheira para conseguir falar com ela, — como você precisa ficar um pouco aí, podemos aproveitar para terminar a conversa.

— Qual? — ela continuou esfregando o longo cabelo, depois afundou a cabeça para enxaguá-lo.

— Esse Olaf, você ia me contar que era seu noivo, — ela o olhou de esguelha voltando a ensaboar seu cabelo.

— Ele pediu minha mão, mas isso não importa agora, não? Ou vai me devolver para ele para que possamos nos casar?

— Claro que não! Mas sempre posso ir cortar o pescoço dele.

— Erik, se finalmente decidi casar foi porque eu não tinha outro lugar para onde ir, meu pai praticamente me expulsara de casa, e fui acolhida por Marianus. Mas vivíamos da ajuda da família de Olaf, não queria que Marianus sofresse por minha decisão, se não me casasse com ele. Eu teria continuado muito feliz vivendo com o monge e dando aulas para as crianças, — ela ficou olhando suas mãos, que ainda retinham o sabão entre elas.

— Olaf insistia sempre, por isso decidi aceitar, mas, — ela se calou, não sabia se era correto que dissesse o que estava pensando.

— Continue.

— Bom, ele estava acostumado a me machucar, acredito que ele gostasse daquilo, — olhou-o nos olhos, — mas estava convencida que quando me casasse com ele, finalmente ele me mataria de uma surra, — Erik estremeceu. — Quando conheci seu irmão, ele me lembrou de Olaf, são o mesmo tipo de homem, só são felizes batendo nas mulheres. Há homens assim. Se alguma vez seu irmão conseguir me levar com ele, tenho certeza de que também me matará, se ele não o fizer, eu o farei. Não estou disposta a suportar esse tipo de vida. As mulheres não são animais, — ela manteve a cabeça inclinada para trás enquanto ele derramava o balde de água sobre a cabeça dela.

— Escute, — ele segurou seu rosto entre suas duas fortes mãos, para que ela o olhasse, — se alguma vez alguém a levar de meu lado, por mais longe que o faça, encontrarei você, somente precisa se manter com vida, — ela sorriu tristemente.

— Não pode pensar somente em você. Se você morrer, me condena a uma vida de solidão, ou acredita que eu poderia ficar com a próxima mulher que eu encontrasse? Não importo nada para você? — Ele olhou no fundo de seus olhos violeta, para tentar adivinhar a verdade que ela lhe escondia. Mas ela não deixou que ele o fizesse. Voltou a olhar à porta, visto que voltavam a chamar. Era Helga com o azeite de cominho negro.

— Precisamos esfregá-la com ele, faço eu? — Ele negou com a cabeça esticando a mão para que ela lhe entregasse a terrina que ainda fumegava.

— Eu o farei.

— De acordo, não aperte muito, depois do banho ela estará com a pele muito sensível, — ele assentiu, Helga se aproximou da banheira para falar com Yvette.

— Estive pensando no que aconteceu com sua pele. Esse tecido tem algo que seu corpo não aceita. Nunca mais, sequer o toque. Tente se vestir com algodão e lã, nada mais.

— Amanhã compraremos vestidos para ela, — ele pegou a toalha e a abriu para ela que saísse. — Obrigado Helga, — a anciã o olhou surpreendida porque nunca o escutara agradecer a ninguém, e quase se esqueceu de lhes dar a roupa que também tinha levado.

— Ah, por certo, trouxe uma camisola de sua mãe, Osma me deu isso. É algodão, não deverá ter problemas.

— Obrigada Helga, — a garota começou a se levantar e a anciã saiu do aposento sorridente ao saber, com certeza, que havia esperança para Erik, e para todos eles.

Erik a secou com cuidado, tentando não se concentrar em suas curvas, perfeitas para ele. Fez com que ela ficasse de pé diante da lareira, junto à banheira, e passou o azeite por toda a pele com suavidade. Ele se sentia tranquilo, como se sua besta soubesse que precisava se controlar porque ela estava dolorida. Dava-lhe um imenso prazer simplesmente saber que podia fazer com que ela se sentisse melhor. Quando terminou de passear suas mãos por todos os cantos de sua pele, vestiu-a com a camisola. Depois, fez com que ela se deitasse. Só então se meteu na banheira, derramando outro balde quente porque a água estava gelada. Lavou-se rapidamente, sem esquecer-se de soltar seu cabelo e lavá-lo, como ela queria. Secou-se com a toalha que usara nela, deitou-se a seu lado e a abraçou pela cintura, como sempre. Ela dormiu em seguida, ele não, seus olhos brilhavam como estrelas azuis na escuridão.



CAPÍTULO VIII

Ela dormiu durante horas, e despertou descansada e alerta, não sabia por quê. O aposento estava às escuras, excetuando o fogo da lareira que, ainda, continuava acesa. Imaginou que Erik teria se levantado durante a noite para colocar algum tronco. Olhou sua cintura, ali estava a mão dele, em sua postura preferida, e ele atrás dela, colado a seu corpo. Levantou-se com cuidado, precisava fazer suas necessidades. Andou sem fazer ruído, mas, não o suficiente.

— Precisa de algo? — Aquele homem dormia com um olho aberto.

— Não, agora mesmo volto, — quando voltou, ele estava de pé, esperando-a.

— Vamos à cozinha, tenho fome, precisamos comer.

— Por Deus! — Ela ia fazer a comida, mas com toda a confusão do banho, se esqueceu. — Vamos fazer um arroz?

— Não vai demorar muito? — Ele parecia não poder esperar muito tempo.

— Pode comer algo enquanto cozinho, se você quiser. Eu

gostava muito de fazer arroz. Eu o fazia muitas vezes em casa, porque aproveitávamos as verduras.

Saíram do aposento, havia ruído na cozinha. Helga estava colocando algo em uma panela na lareira. Não cheirava muito bem.

— Bem-vindos! Está com uma cor muito melhor Yvette, — ela os olhou sorridente.

— Onde está Kaira? Vocês comeram?

— Se a isso se pode chamar de comer. Osma cozinhou algumas verduras e nos deu, com o caldo, — ela se inclinou para lhes dizer o seguinte em um sussurro: — Na verdade, eu cozinho mal, mas comia melhor em minha casa. Kaira foi com Seren e Osma à cabana, e vão lhe mostrar aquilo para que vá se instalando. Deixou, para você, as verduras que pegou na horta, estão sob a janela.

— Muito bem, vou fazer uma comida para que chupem os dedos, — Erik estava sentado à mesa, observando às duas mulheres. Yvette procurou na despensa, e encontrou umas amêndoas que lhe serviriam, e um pouco de hidromel.

— Aguarde com isto, não se arrependerá, — limpou as verduras e as cortou em cubos, pegou uma panela e fritou-as devagar até formar uma base que desse sabor ao arroz que colocou posteriormente, junto com o caldo que havia em demasia do experimento de Osma. Vinte minutos depois estava servindo-o em pratos, e os três, comeram, ali mesmo. Quando provaram o primeiro bocado, os três fecharam os olhos saboreando-o.

— Por Odin! Se soubesse que você sabia cozinhar assim,

não teria deixado que Osma se aproximasse da cozinha, — ela encolheu os ombros.

— Eu gosto de cozinhar e de que as pessoas comam satisfeitas. O que mais gosto na cozinha é fazer bolos, mas aqui não posso. — Erik, que arregalara os olhos redondos como os de um peixe, quando ela falara sobre fazer bolos, olhou-a surpreso.

— E por que não pode?

— Precisamos de um forno, não sei como é possível que em uma cozinha tão grande como esta não tenha um. Alguma vez pensou em fazê-lo?

— Não fazia nem ideia que se podia colocar um na cozinha de uma casa. Acreditava que os bolos só eram comprados dos padeiros.

— E ainda mais tendo leite e ovos como temos aqui, assim aproveitaríamos o leite que não se beba no dia, antes que estrague. Também poderemos fazer mingau, pudins, bolachas...

— Terá seu forno, não se preocupe. Amanhã nos encarregaremos.

— Não há problema, — olhou o prato do Erik que estava já vazio, possivelmente tenha colocado pouca quantidade, era um homem muito grande. — Quer mais?

— Há mais? — Ele parecia surpreso.

— Pois é claro, sobrou bastante. Helga, você também? — Voltou a servir um prato um pouco mais cheio para Erik, Helga lhe fez um gesto para que no dela colocasse muito menos, e ela, também, repetiu com outro pouco. Não se dera conta da

fome que sentia, até que comeu.

— Não acredito que Erik tenha se sentado na cozinha até conhecê-la — Helga olhava para Yvette travessa. Erik não deu importância, pois estava atordoado com a comida.

— Que pena que não tenhamos pão. Erik o forno é muito importante — ele assentiu, embora seu cérebro seguisse em funcionamento, e agora mesmo o utilizava somente para o que queria.

— Bom, eu não havia tido a oportunidade de comer aqui tranquilamente. Eu sempre comia na cozinha. É bem mais quente. O salão, frequentemente, é mais frio. De toda a maneira, onde eu vivia, com Marianus, não havia salão, nem nada, éramos muito pobres, mas muito felizes, — ela acrescentou. — Mas nesta cozinha tão grande, poderíamos colocar outra mesa para comer, e esta deixar para se trabalhar nela: fazer a comida, amassar, cortar verduras, o que precisasse.

Pelo silêncio deles notou que não gostavam de falar, por isso se calou e terminou seu prato. Depois de recolherem as coisas, foram ao salão. Helga disse que ia se deitar um momento porque lhe dera sono e foi para seus aposentos. Yvette achava que ela possuía alma de casamenteira.

— Venha, quero que você veja a profecia. Tenho lido ela várias vezes — ela olhou o pergaminho, mas não conhecia o nórdico antigo.

— Não entendo Erik, mas Helga me recitou, pareceu-me incrível.

— Sim, verdade? Eu não a havia visto, até agora, não quis

ler o pergaminho, minha mãe insistiu, mas antes de eu encontrar você não acreditei na profecia. — Estavam sentados junto ao fogo, em duas poltronas muito cômodas. Olharam-se nos olhos. E ficaram em silêncio.

— Como sua mãe morreu Erik?

— Por causa de uma febre, estava grávida de outro filho, não se pôde fazer nada.

— Quantos anos você tinha?

— Doze anos, já fazia anos que meu pai não me deixava viver com ela. Eu dormia no salão de seu castelo, no chão, como um cão, — ele sorriu, mas não era um sorriso de felicidade. — Eu lhe asseguro que, nessas circunstâncias, ou nos tornamos fortes, ou morremos. E mais ainda quando seu irmão e seus amigos são tão grandes e maus quanto ele, e lhe dão uma surra todos os dias.

— Meu Deus! E seu pai não fazia nada?

— Sim, animava-nos para que brigássemos, fosse como fosse. Com os punhos, com armas, pouco importava, queria ver qual dos dois era o mais forte. Quando cresci, e vi que eu ultrapassava seu filho, comecei a ser importuno, no fundo ele pensava que Ingvarr sempre ganharia, sem ter que levar em conta que é mais velho cinco anos. Ele não queria que fôssemos iguais, Ingvarr possuía seus próprios aposentos e vivia como o filho mimado do jarl.

— Isso é horrível Erik.

— Não quero mais falar disso, não sei por que lhe contei isso. Tenho a intenção de não me lembrar, nunca, mas quero que você me conheça, de verdade, — ele sussurrou olhando-a

intensamente. Ela lhe respondeu emocionada, sentiu que alguma coisa, uma energia poderosa, tocava seu coração, uma suavidade inundava seu ser, preenchendo os vazios que sempre haviam estado ali, e pela expressão dele, notou que lhe acontecia o mesmo. Ela se levantou e lhe estendeu a mão, ele a agarrou. Pela primeira vez, ela o puxou até o aposento.

Despiram-se tranquilos, ajudando um ao outro, com ternura, dando-se de presente beijos e carícias. Comunicavam-se com o olhar. Haviam descoberto uma forma de comunicação nova e emocionante. Caíram na cama entre sussurros de devoção. Ela foi seguindo com a ponta dos dedos a estrutura de sua face, ele fechava os olhos para sentir mais. Depois, acariciou seu cabelo e sua cabeça com força, pousou as duas mãos na base do pescoço por trás e seguiu para cima, ele se arqueava como um gato, gemendo. Ele se inclinou para beijá-la.

— Não, deixe-me continuar Erik, quero conhecê-lo, deite de barriga para cima, por favor, — ele o fez. Faria tudo, qualquer coisa para que ela continuasse lhe acariciando.

Ela lhe transmitiu seu amor com suas mãos, já que não se atrevia a fazê-lo com sua voz. Não era paixão, ou, pelo menos, não só paixão, era a necessidade que ela tinha, de que ele sentisse dentro do seu coração e da sua alma, que não estava sozinho.

Beijou-lhe as pálpebras fechadas como se ele fosse um menino cansado que sua mãe coloca para dormir. Depois a testa. Acariciou outra vez o rosto dele, não se cansava disso. Depois, quando ele estava tranquilo e com um sorriso de

felicidade instalado no rosto, decidiu deixá-lo um pouco mais nervoso. Já que não possuía experiência, ao menos, sabia do que ela própria gostava, experimentaria o mesmo com ele. Agarrou seu mamilo direito entre os lábios e sorveu com toda sua força, depois o lambeu, ele se arqueava na cama retorcendo os lençóis com as mãos. Olhou-a com os olhos incandescentes.

— Preciso entrar em você, — a voz dele já havia mudado fazendo-se muito mais rouca, ela sorriu.

— Espere um momento, — ele não a deixaria dirigir a situação por muito mais, por isso decidiu ir ao ponto. Moveu-se, ainda de joelhos na cama, para baixo até situar-se junto aos quadris deles, e colheu com a mão direita o membro dele, ele emitiu um som de dor, ela o olhou.

— Machuquei você?

— Não, eu gosto.

— Ah, entendo, — ela baixou sua cabeça e o meteu na boca, o que pode, já que era muito grande, ele gemia dizendo palavras que ela não entendia. Continuou durante um momento, chupando e lambendo, depois o tirou de sua boca e começou a dar beijos pela extensão. De repente, ele a agarrou pela cintura, com força, e deitou-a debaixo dele, para penetrá-la no mesmo momento.

— Nossa! Eu não podia aguentar mais, você vai me matar, — ele disse. Ela acariciou sua bochecha, sorridente e, pela primeira vez em sua vida, totalmente feliz.

Ele beijou-a e continuou fazendo amor até que os dois acabaram suados, doloridos, e satisfeitos.

Adormeceram por um momento, abraçados, com os corpos grudados, nus e sorridentes. Erik colocou uma perna sobre as dela e os braços rodeando seu corpo. Ela se sentia como em um casulo no qual estava protegida e quente.

Voltou a despertá-la para fazer amor, outra vez, com lentidão e olhando-a, suas mãos se enlaçaram, sempre se olhando. O berserker estava tranquilo e feliz, e lhe dava forças para agradá-la sem parar. Ela notava a energia que emitiam seus olhos azuis e estava feliz com o que via: uma alegria em seu amado que ele não havia sentido antes, igual a ela.

Dormiram poucas horas, Yvette, acostumada a despertar ao amanhecer, levantou-se e se aseou na bacia, colocou seu velho vestido e saiu. Pelo corredor escutou ruído de pratos, as quatro mulheres preparavam o café da manhã. Voltaram-se para saudá-la.

— Bom dia a todas. Como dormiram? — Estavam todas de pé junto à lareira. Ela se aproximou de Kaira que lhe estendeu os braços e lhe deu um beijo. Não conseguiu evitar se sentir feliz, se não ficasse com vergonha daria saltos. Se pensasse, não entendia porque, já que continuava sendo uma escrava, isso não havia mudado, mas não podia evitar seus sentimentos. Muito no fundo dela, embora não tivessem falado, sabia que não era uma escrava para ele, nem sequer, uma mulher normal, sentia-o em sua pele, era tão importante para ele, como ele para ela. De momento, isso era suficiente. Sorriu alegremente ao se dirigir às mulheres.

— Preciso fazer uma lista das coisas que precisamos. Vamos hoje ao mercado. Osma, há pergaminho em algum

lugar, tinta e pena, não?

— Sim, Erik o guarda na sala das ferramentas, Seren traga os instrumentos do amo para escrever.

— Kaira, se quiser você pode escrever, para que possa praticar, eu não gostaria que você perdesse o costume, — recordava-se que ela gostava muito escrever e o fazia realmente bem, mas, as pessoas normais não tinham dinheiro para comprar pergaminho e tinta, por isso sabia que ela não conseguia praticar.

Fizeram uma lista. Enorme. Todas contribuíram, sentadas à mesa: farinha, levedura, frutas (se encontrassem), carne, pescado, especiarias, sal, açúcar. Quando viu o pergaminho escrito depois que Kaira o preencheria, assustou-se um pouco pelo tanto que custaria. Falaria com Erik. Este apareceu pouco depois e fez um gesto para que ela saísse atrás dele. Parou a poucos metros, no corredor, e, abraçando-a suavemente, beijou-a com ternura.

— Bom dia, — ela sorriu sabendo que estava com cara de tola.

— Bom dia. Quer tomar o café da manhã?

— Sim, mas eu gostaria que o fizéssemos sozinhos, vamos ao salão? — ela assentiu

— De acordo, vá para lá, direi a Osma.

Voltou para salão com o pergaminho, enquanto chegava o café da manhã dos dois, decidiu dizer o que a preocupava.

— Erik, isto é o que precisamos comprar, bem, é muito, não é necessário tudo, — ele estendeu a mão para que ela lhe entregasse, mas ela resistia, tentando justificar-se. — Podemos

comprar somente carne e pescado, e outro dia...

— Deixe-me ver Yvette, — ela o entregou, mordeu os lábios enquanto esperava, ele leu tudo de cima abaixo e depois deixou o pergaminho na mesa. Nesse momento chegou o café da manhã, ovos, leite e mingau.

— Osma, Kaira pode se encarregar da horta e dos animais hoje?

— Sim, ela já saiu, gosta muito. Pediu-nos para se encarregar daquilo, diz que gosta mais do que limpar, — as duas sorriram, e os deixaram sozinhos.

Atacaram o café da manhã com vontade. Quando estavam sozinhos, Erik continuou sua conversa.

— Falando da lista que vocês fizeram.

— Sim?

— É que não sei por que a assusta tanto, se necessitarmos de tudo isto, compraremos, e roupa para você, sapatos, o que precisar, — ele continuou comendo tranquilo.

— Não é muito dinheiro?

— O dinheiro não é problema, não se preocupe, — ele deixou sua colher dentro da tigela do mingau e esticou sua mão para ela, — e quero que você tenha coisas bonitas, todas que quiser. E compre tudo o que necessite para fazer sobremesas, você me prometeu, — ele sorriu peralta, — não me esqueci do forno.

— Está bem, — continuou tomando seu café da manhã, tentando se acostumar com a ideia de que podia comprar o que quisesse.

— Quando quiser, poderemos ir, — ele se levantou. — Vou

engancha os cavalos, levaremos a carroça grande.

— Gullfaxi irá? — Ela adorava aquele cavalo.

— Aquele peste? Não posso juntá-lo com nenhum outro cavalo, para ele é uma indignidade. Acredita-se superior a todos os outros, além disso, admite somente que eu cavalgue, nada de puxar uma carroça. — Ele sabia que ninguém mais do que ela entenderia o que ele queria dizer, ao falar assim de seu cavalo.

— Acredito que ele me deixaria montá-lo, — ela sorriu travessa. Essa mulher sabia muito.

— Sabe no que eu acredito? No mesmo. Vou, senão não sairemos nunca, — ele saiu do salão para os estábulos. Não gostava da ideia de conduzir a carroça. Na casa de seu pai, era trabalho de mulheres ou de servos. Mas iria com Yvette, as compras no mercado. Não podia acreditar que estava contente de ir às comprar no mercado, ele negou com a cabeça rindo de si mesmo e começou a preparar a carroça para a viagem.

Yvette pegou uma capa que Osma lhe deu e saiu para os estábulos, quando ia entrar, escutou ruído dos cascos. Afastou-se da entrada, e viu Gerd e Thorlak siando e atrás Erik conduzindo uma carroça. Era muito grande, e alta, ela se fixou no lugar onde deveria apoiar o pé para subir, não sabia se alcançaria. Gerd se aproximou para ajudá-la, mas Erik desceu de um salto com o cenho franzido.

— Não Gerd! Eu a ajudo, — com um impulso a colocou no assento e a olhou quando ela estava acima. Ela se ajeitou no assento, e deixou sua bolsa de tecido a seus pés. Enquanto Erik subiu no lado do condutor, impulsionando-se com seus

músculos.

Começaram a viagem em seguida, os cavalos eram fortes, e estavam frescos. O dia amanhecera ensolarado e o caminho para Narsarsuaq costeava a montanha. Era uma paisagem linda. Enquanto Erik conduzia ela podia ver o mar.

— Olhe, barcos que saem para o mar.

— São pescadores, com um pouco de sorte, hoje traremos pescado fresco para casa.

— Que felicidade poder comprar tudo o que necessitamos!

— Ela lhe lançou uma olhada sorridente, não era muito difícil fazê-la feliz.

— E lembre-se de que compraremos roupa.

— Queria pedir algo para você Erik, — uma ideia lhe ocorrera desde que tornara a ver Kaira.

— Diga.

— Eu gostaria de ensinar às pessoas, os que quiserem, a ler e escrever, pelo menos para que possam ler. Ler é maravilhoso, um presente para toda a vida. Parece-me tão triste que as crianças pequenas trabalhem nos campos em vez de aprender. Vai me deixar fazê-lo? Eu poderia cozinhar, além disso, e me encarregar da horta, já fiz isto antes.

— Cale-se Yvette, — ele a interrompeu brandamente, — não quero que trabalhe para mim. Não havia pensado que você fizesse grande coisa, mas deveria saber que você, nisto, como em tudo, surpreender-me-ia. Se for o que você quer, pode ensinar a quem quiser. Procuraremos um lugar, mas pode ser difícil convencer os vizinhos para que mandem a seus filhos.

— Eu sei, posso começar ensinando os adultos para que

vejam os benefícios. Assim fez Marianus, — voltou seu olhar para o mar, triste, como sempre lhe acontecia quando se lembrava do monge. Erik esticou a mão para apertar a dela que estava no colo.

— Sinto muito. Eu gostaria que ele não tivesse morrido, — ela assentiu e respirou fundo, não deixaria que nada estragasse o passeio. A beleza da paisagem era impressionante, a sua direita estavam deixando a face da montanha que dava para o penhasco e que estava toda nevada. A vereda do caminho era margeada por árvores gigantescas, sem folhas, que permaneciam firmes, como se fossem as guardiãs do caminho.

Mantiveram uma conversa alegre, Erik estava de um humor estranhamente travesso, o que lhe indicou que ele estava gostando da viagem. Ela não podia lhe negar nada, quando estava assim, quando ele usava seu encanto, ela estava perdida. Ele não era inconsciente de que o possuía, mas quando relaxava e estava tranquilo, era um homem encantador.

Muito cedo para seu gosto chegaram à cidade. Erik fez com que os cavalos fossem mais devagar, para descer pelo caminho da montanha. Alguns minutos depois, atravessavam a ponte que cruzava o rio, para entrar na cidade. As casas, perto da entrada, estavam pintadas de tons pastéis: rosa, azul, verde, lilás, todas as moradias se ressaltavam por seus tons suaves, além disso, havia árvores pelas ruas, e vasos de barro com plantas em todas as portas.

Erik deixou a carroça em uma praça onde havia outras

estacionadas, e a desceu depois dele. Ela estava emocionada olhando para todos os lados. Alguns metros mais adiante começavam as bancas dos comerciantes que vendiam todo o imaginável. Erik a agarrou pelo braço e começaram a aventura.



CAPÍTULO IX

Ela passou por todas as bancas, seguida por Erik, emocionada como se fosse uma menina. Compraram de tudo, o que havia na lista e o que não havia. Cestas de vime para as frutas, pratos de cerâmica, estavam acostumados a comer em pratos de madeira, copos de vidro. Presuntos, verduras desconhecidas, frutas, carne, pescado, pão, farinha, levedura, sal, açúcar, açafrão, pimenta, páprica...

Bastava que Erik visse que ela se fixava em algo, para que, depois de um ligeiro regateio para não insultar o vendedor, ele o comprasse e o metessem em uma das cestas. Precisaram fazer várias viagens à carroça, onde deixaram um menino cuidando. Depois das compras de comida, falaram com o ferreiro, que estava perto, Erik lhe explicou o que queria, e perguntaram para ela, como queria o forno. O ferreiro assegurou que o teria pronto, em uma semana. Depois foram a outro comércio que lhes fora recomendado no mercado, onde se vendia roupa e tecidos se por acaso quisesse costurar sua própria roupa. Ela não sabia costurar, nunca aprendera. Ela

ficou no vidro da entrada olhando os vestidos que estavam estendidos na janela. De lã e veludo, de cores escuras e alegres. Nunca tivera um vestido de uma cor assim, todos os seus eram negros. Estendeu as mãos encostando-se ao vidro como se pudesse tocá-los, ele pousou uma mão quente em sua nuca com carinho.

— Você gosta deles? — Ele perguntou com ternura, ela assentiu sem olhá-lo, embevecida.

— Pois entremos, — ele a agarrou pelo cotovelo, suavemente, para afastá-la do vidro e entraram na loja.

Duas horas depois, saía uma nova Yvette, com roupa interior de algodão com fitas e bordados. Sapatos forrados, e até botas, que mantinha apertadas contra o peito. Ela se cobria com uma capa de lã grossa que não permitiria que ela passasse o frio, com o pescoço alto que era fechado com um botão e lhe tapava as orelhas. Usava luvas, porque Erik lhe havia dito que ela precisava cuidar das mãos e ela o olhava, apaixonada. Quando saíram, ela estava com as bochechas avermelhadas de felicidade e excitação. Ela o agarrou pela roupa e lhe deu um beijo rápido nos lábios, ele a olhou assombrado.

— Obrigada Erik.

— Vamos, há uma hospedaria nesta mesma rua, onde se come bem.

Saíram assim que comeram, porque começou a nevar. Todos os compradores do mercado, montaram em seus cavalos, ou em suas carroças, para voltar para suas casas. Erik amaldiçoou baixinho, a tempestade de neve era forte, ele perguntara na hospedaria, mas lhe disseram que não

encontraria alojamentos livres, já que as pessoas ao verem o tempo, alugaram todas que havia disponíveis. Ele olhou o céu, negro e pesado de nuvens carregadas de neve. Enquanto subiam a costa da montanha ele observou Yvette de soslaio e franziu o cenho, ela estava assustada.

— Fique tranquila, nós chegaremos, os cavalos são fortes e o caminho ainda não está ruim.

— Não se preocupe comigo Erik, conduza com cuidado.

— Ponha o capuz, vai esfriar, — ela o fez, felizmente, levava suas botas novas, colocou-as como deu, sem parar, não podiam permitir-se. Olhou Erik, mas ele não parecia sentir frio, estava ereto em seu assento, concentrado de que os cavalos fossem o mais depressa possível, sem que supusesse um perigo para eles. Os dois cavalos possuíam uma pelagem densa, apropriada para o clima. E as patas gordas e fortes, com um cabelo comprido e negro ao redor dos cascos. Pareciam encantados com a neve que caía sem piedade ao redor deles e que estava deixando um véu branco por todo o campo.

Os cavalos escorregaram algumas vezes, e ela se aproximou de Erik, não se atreveu a agarrá-lo pelo braço para que ele tivesse liberdade de movimentos. Finalmente terminaram a subida, e iniciaram a maior parte do trecho que era plano. Os cavalos e eles emitiam vapor ao respirar, o céu se obscureceu bastante, mas ainda conseguiam ver por aonde iam.

— Erik, chegaremos?

— Sim, não se preocupe, ocorreu isso porque eu estava distraído, — ele a olhou, — sinto muito, se não tivéssemos

comido na hospedaria, já faria tempo que estaríamos em casa, quentes junto ao fogo.

— Não parecia que fosse ter uma tempestade de neve hoje, não é culpa de ninguém. — Como o terreno era plano e o caminho amplo, Erik esticou seu braço direito e o passou sobre o ombro dela, e lhe deu um beijo na têmpora, depois, voltou a prestar toda sua atenção aos cavalos. Fez com que fossem a mais velocidade do que antes, sem chegar a trotar. Quando Yvette viu a casa ao longe, suspirou aliviada.

— Já estamos quase lá.

— Sim, vamos entrar diretamente nos estábulos. Depois eu a levarei para casa, — o vento ali era muito mais forte, fazia com que fosse difícil se entender. Não soube como, mas Thorlak pareceu adivinhar que chegavam e saiu dos estábulos abrindo os dois portões para que pudessem passar. Quando entraram, ele os fechou atrás deles. Ela se virou para olhar tudo o que levavam atrás, as coisas continuavam em seu lugar, com um pouco de neve em cima, mas estavam ali. Esperou, gelada, até que Erik a desceu. Agarrou-a nos braços e saiu para levá-la a casa.

— Não se preocupem com as coisas, amanhã as levaremos para casa. Vão à cabana para se resguardarem, — Gerd e Thorlak assentiram abrindo uma das folhas da porta para que ele pudesse sair. Erik tentou protegê-la com seu corpo tudo o que fosse possível, e lutou contra o forte vento até chegar à porta de sua casa. Uma vez que entraram a deixou deslizar-se por seu corpo até que ela ficou de pé no piso da entrada.

— Está com muito frio?

— Não, estou bem, a capa e o vestido são muito quentes, e uso as botas, — ela levantou seu pé direito para que ele o visse. — Mas Erik o resto de meus vestidos estão na carroça! — Ela enrugou o nariz como uma menina. Aquilo o enlouquecia.

— Amanhã pegaremos todos, não se preocupe, vamos nos esquentar junto ao fogo, — foram para o salão. Helga apareceu quando eles estavam tirando as capas e as deixando em uma cadeira.

— Menos mal! Eu estava muito preocupada, bem, todas estávamos. Pensávamos que talvez, ficassem dormindo lá.

— Não conseguimos, não havia aposentos livres em nenhum lugar.

— Farei um chá, — a anciã saiu com pressa à cozinha. Eles se sentaram diante do fogo, agradecidos.

— Não consigo acreditar que tenhamos chegado Erik, eu estava assustada.

— Sei, mas eu lhe disse que chegaríamos, — ele pegou a mão gelada e a esfregou contra as dele, quentes.

— Ai, que bom, você está quente!

— Sempre, — ele sorriu com malícia, ela se ruborizou. Mas não retirou a mão. Quando ele a esquentou ela lhe deu a outra para que a esquentasse.

— Sabe jogar Halatafi? — Aquele era um jogo de mesa que ele gostava muito, agradável, um dos jogadores era uma raposa e o outro, treze gansos. É claro, a raposa devia tentar capturar os gansos, sem que eles a agarrassem. Era um jogo viking típico. — Jogava-o quando jovem, eu gostava muito, — ele encolheu de ombros.

— Eu também, jogava com Marianus. Gostava muito, e do xadrez também.

— Do xadrez eu gosto menos. Jogamos uma partida depois do jantar? — Ele parecia seguro que ganharia.

— Claro. Possivelmente eu o surpreenda.

— Com certeza que sim, você sempre o faz, — ele sorria seguro de si mesmo, seria bom que ela lhe desse uma quebrada. Marianus lhe ensinara todos os truques para fazê-lo, esperava que Erik não soubesse também.

Helga lhes trouxe o chá e beberam enquanto Yvette lhe explicava tudo o que havia visto nesse dia no mercado.

— Se voltarmos lá, precisa ir Helga, é incrível, que cores! Existe tecido de todas as cores, e cestos cheios de frutos secos, azeite da Espanha, vinho da França, tudo o que você imaginar. Trouxemos especiarias para poder cozinhar, e pratos e copos novos.

Helga olhou Erik que observava Yvette tagarelar, como se fosse uma menina que tivesse voltado para casa depois de brincar com seus amigos. Ele estava enfeitiçado por ela, voltou à cozinha para dizer a Osma que não se preocupasse se o jantar estava bom, porque aqueles dois nem se dariam conta do que houvesse.

Depois do jantar, Erik posicionou o tabuleiro e as fichas sobre a mesa colocando em posição, as que correspondiam a cada um. Sentaram-se um em frente ao outro. E atiraram os dados para saber quem começaria o jogo. Tocou para Erik ser a raposa, por isso ela se preparou para defender seus treze gansos. A princípio se via claramente que ele acreditava que

seria fácil ganhar dela, até que ela rechaçou vários movimentos seus, destinados a comer suas aves. Inclusive precisou retroceder algumas vezes já que pulava as regras.

— Você é um trapaceiro! — Ela disse e ele arqueou as sobrancelhas com ar de inocência, que não convenceu, é claro, — não consigo acreditar nisso!

— Não sei a que se refere, — ele voltou a atirar os dados e contou as casinhas, aproximando-se de uma das peças de Yvette. Ela conseguiu voltar a escapar por um triz. Ele era bom, ela o olhou, ele não retornara a fazer tranças desde que, depois do banho no dia anterior, ela pediu-lhe que o deixasse solto. Agora o usava com uma presilha, e no aposento ele o soltava. Era liso e suave, ela se encantava de acariciá-lo quando estavam na cama.

A desorientação lhe custou outro ganso. Os quatro restantes caíram em menos de quinze minutos.

— Está se deliciando, — ela o recriminou.

— Não estou me deliciando, estou sorrindo porque você não quer perder, é orgulhosa.

— Não tenho problema em perder! — Ela baixou a voz ao notar que estava gritando sem se dar conta, sim ela tinha, Marianus sempre dizia. Erik riu a gargalhadas, como um menino, e se aproximou dela, puxando sua mão para levantá-la.

— Vamos resmungona, à cama! — Agarrou-a nos braços rindo ao ver sua cara zangada.

— Coloque-me no chão! Agora mesmo! — Ele voltou a rir, com mais graça do que antes, saiu do salão com poucas

pernadas e a levou ao aposento como um conquistador que tivesse ganhado uma batalha importante, e levasse seu troféu entre os braços. Entrou fechando a porta com o pé e, chegando junto à cama, atirou-a em cima dela. Ela se ergueu tentando se levantar, mas ele deitou em cima dela, segurando-a entre risadas. Yvette estava zangada, ele parecia um menino brincando.

— Agora repita comigo, Erik joga Halatafi melhor do que eu.

— De maneira nenhuma! Não vou dizer por que não é verdade!

— Está bem, você pediu, — ele baixou sua cabeça, e a beijou com voracidade, parecia ter fome dela. Yvette deslizou suas mãos pela cabeça dele até que encontrou a fita e soltou seu cabelo. Depois, acariciou seu pescoço e se concentrou no que deveria, que era beijar como é devido, o trapaceiro que lhe roubara o coração.

O dia seguinte amanheceu tranquilo, e ensolarado. Embora fizesse um frio terrível, todo o campo estava coberto de neve. Os homens colocaram em casa todas as compras. Yvette ia colocando coisas na despensa, entusiasmada. Levou toda sua roupa nova ao aposento de Erik, dobrou-a com cuidado, para que não se enrugasse, e as guardou em uma arca, que ele lhe comprara. Era de madeira, com algumas flores pintadas. Acariciou as flores com o indicador, entusiasmada, nunca tivera coisas tão bonitas. Saiu do aposento para ajudar a guardar o resto. Na cozinha, tomaram o café da manhã, e depois, ela saiu com Kaira para cuidar dos animais. Dividiram

as tarefas, embora a verdade fosse que a garota não precisasse de nenhuma ajuda, desempenhava-se igual ou melhor do que ela. Entrou, depois que ela rechaçou duas vezes sua ajuda para ordenhar e foi procurar Erik, antes que ele saísse, ele sairia para os campos de cultivo, com Gerd e Thorlak. Estranhou ao ouvir vozes no salão, ela pensava que estava sozinho, parou na entrada quando viu Jensen que falava com Erik, os dois estavam de pé junto à janela.

— E Valeska?

— Também desapareceu. Acredito que estão juntos nisto.

— Nunca aconteceu nada parecido, precisamos encontrar quem foi e detê-lo, — ela os olhou assombrada. Haveria algum bandido na área?

Decidiu entrar, não lhe parecia bem ficar escutando sem que eles soubessem, os dois homens se voltaram ao escutá-la.

— Erik, o que houve? — Erik a olhou com o cenho franzido, parecia preocupado. Aproximou-se dela e, agarrando sua mão a beijou, depois se aproximaram de Jensen que continuava de pé esperando.

— Olá! Jensen, — se o segundo de Erik estava surpreso com a nova atitude que os dois apresentavam, não demonstrou. Yvette olhou questionando Erik.

— Houve um assalto a uma granja, ao que parece foi Ingvarr, — ele fez uma careta. — Roubaram o que havia de valor e queimaram a casa e os estábulos. Mataram o dono. A mulher e os filhos correram para o celeiro, felizmente não foram procurá-los. O assaltante estava acompanhado por uma mulher, era Valeska, porque Jensen me disse que ela escapou

faz alguns dias. — Yvette se sentou em uma das poltronas que havia atrás deles assustada, nunca escutara nada igual. Erik lhe contado recentemente sobre Valeska, ela imaginava que ele fizera isto, porque era muito provável que alguém fizesse um comentário sobre ela.

— Mas por quê? Não acredito que em uma granja haja muitas coisas de valor, não entendo Erik, — ele ficou de pé junto a sua cadeira e colocou a mão no ombro dela para tranquilizá-la. Ela se endireitou na cadeira e juntou as mãos no colo.

— O que você vai fazer? — Olhou-o, sabia que ele se sentia responsável pelo que seu irmão fizera. Lia em seus olhos o remorso por tê-lo trazido, por ter sido fraco com ele em tantas ocasiões. Ele falou com Jensen sem responder-lhe diretamente.

— Jensen, prepare-se, coloque um homem de confiança em sua granja e que todos os donos estejam armados, faça com que corra a notícia. Peça para Arnold, ele é o melhor cavaleiro, que avise a todos sobre o que aconteceu, e que estejam preparados. E se meu irmão aparecer em qualquer das granjas, que o detenham ou o matem, o que seja mais fácil, — Yvette sentiu um calafrio.

— Está bem, vou organizar as coisas em minha casa, voltarei em uma hora, aproximadamente. — Erik assentiu sério e ficou olhando para onde ele havia saído. Voltou-se para ela. Yvette negou com a cabeça sabendo o que ele diria.

— Não, Erik, por favor, suplico-lhe isso, não vá. Acontecerá algo, eu sei. Não posso perder mais ninguém. Eu não suportaria, — ela inclinou a cabeça enquanto lágrimas

silenciosas rolavam por suas bochechas. Ele respirou fundo e andou os poucos passos que os separavam e deixou-se cair de joelhos diante dela.

— Preciso ir, não posso permitir que ele continue por aí solto, é como um animal raivoso, — ele agarrou as mãos dela. — Preciso que entenda, não posso ir preocupado com você. Olhe para mim, querida. Voltarei, meu coração ficará aqui.

Ela o olhou sorrindo entre lágrimas.

— Amo você Erik, eu não pensava em dizer isso ainda. Queria que você me dissesse primeiro, mas se acontecer alguma coisa, quero que você saiba que, — ela encolheu os ombros, — eu amo você, não sei dizer de outra maneira.

— Eu lhe disse isso antes, você sabe que é minha companheira, a escolhida pelo berserker, e por minha parte humana, também, não haverá, nunca, outra mulher para mim, — ele a abraçou procurando sua boca com desespero. Depois se levantou.

— Vou procurar Gerd e Thorlak, são muito bons com as espadas. Eles as protegerão.

— Está bem, não se preocupe conosco. Não tenho medo por mim, mas sempre que quis alguém em minha vida, eu o perdi.

— Eu não sou uma pessoa normal, você sabe melhor do eu.

— Sim. — Ele se ergueu outra vez e sorriu limpando as bochechas dela. — Está bem, precisa que eu faça alguma coisa?

— Somente que não se preocupe, — ele lhe deu um beijo na testa, — vou sair, demorarei alguns minutos.

— De acordo, — Quando ele saiu, Yvette foi correndo à cozinha para procurar Helga. Contou-lhe o ocorrido, as outras mulheres a escutavam assustadas. A anciã moveu a cabeça negando.

— Esse Ingvarr é uma coisa ruim. Ninguém queria que ele viesse, mas, apesar de todos, Erik deixou que ele viesse, não acredito que nem ele tenha consciência do porque seu irmão veio com ele nesta viagem.

— Por que ele veio?

— Aquele rapaz odeia Erik desde que eles eram pequenos, pensava que era superior a ele em todos os aspectos, e seu pai piorou as coisas. A inveja é o pior sentimento que pode haver entre dois irmãos. Assim quando Erik anunciou que buscaria outras terras, ele não concordou em ficar lá sem a única coisa que o fazia viver, o objeto de sua inveja. Veio com todos outros, e fomos testemunhas de como amargurou a vida de seu irmão após isso. Erik o protegeu, apesar de tudo, enquanto pode, mas eu sabia que chegaria este momento no qual Erik precisaria decidir, ou seu irmão, ou o resto.

Escutou o ruído da porta e saiu para recebê-lo. Erik voltava com o Gerd e Thorlak, todos carregavam entre os braços, várias armas que deixavam no arsenal. Depois, percorreram a casa fechando as portinholas das janelas. Erik decidiu que os dois se colocassem na entrada principal, junto ao salão, já que era impossível que, qualquer pessoa, que chegasse à granja não fosse vista dali. Por trás da casa a algumas centenas de metros, atrás do celeiro, estava o penhasco da montanha.

Erik foi a seus aposentos, uma vez que terminou de dar instruções, seguido por Yvette para se vestir. Ele colocou uma roupa muito parecida com a que usava na incursão em que ela foi sequestrada. Ela o ajudou a se preparar à batalha, prendeu sua capa de peles, aberta nos braços para ter liberdade de movimentos. E lhe amarrou o cabelo vermelho para que não o incomodasse na luta. Quando ele estava pronto, manteve-se firme diante dela, com a espada pendurada em seu quadril, um par de adagas no cinturão. O machado e as correntes esperavam na cadeira para que ele as recolhesse. Puxou-a pela cintura, abraçando-a junto a seu corpo.

— Voltarei Yvette, — ela a olhou nos olhos, um momento antes violetas, e agora, negros. — Se algo me acontecer... — não pode continuar, porque ela tapou os lábios dele com sua mão.

— Não diga! Você jurou voltar.

— Sim, eu voltarei. — Ele a beijou outra vez e depois, quase com rudeza, afastou-a de seu corpo. Recolheu o restante de suas armas e saiu dali com rapidez, se não fizesse assim, não conseguiria se separar dela.

Jensen esperava na entrada. Sem falar entre si, os dois homens saíram para pegar suas montarias. Ela correu antes que ele pudesse montar, e se abraçou ao pescoço de Gullfaxi, que baixou a cabeça carinhoso, ela aproximou a boca do ouvido dele para sussurrar:

— Cuide dele para mim, amigo. — O cavalo assentiu com a cabeça várias vezes, o que fez com que ela sentisse as lágrimas. Erik se aproximou e pousou sua mão no braço dela que continuava abraçada ao equino.

— Yvette, — ele lhe disse com ternura. Ela assentiu e se afastou levando suas mãos às costas, para evitar abraçá-lo e não lhe soltar nunca. Erik montou preocupado e a olhou de cima. Deu de presente um sorriso de orelha a orelha para que ele visse que ela estava bem. Ele correspondeu com um sorriso triste e a olhou com amor, antes de açular seu cavalo para galopar seguido por Jensen. Yvette continuou olhando os dois cavalos e seus cavaleiros, até que eram somente manchas na distância.

— Entre, por favor, senhora, — Gerd lhe fez gestos para que entrasse. Os homens fecharam a porta atrás dela e se colocaram cada um em uma das janelas do salão, sentados com uma espada em cada uma nas mãos.

Ela vagou pelo corredor atordoada, muito emocionada para chorar, ela estava com um mau pressentimento. Foi à cozinha, precisava fazer algo ou enlouqueceria.

Helga fervia água para alguma de suas infusões. Osma e Seren estavam limpando, ela as vira levando baldes de água daqui para lá, estava claro que todas preferiram estar ocupadas. Kaira não estava ali.

— Onde está Kaira? — Helga a olhou, apesar de ter visto rastros de lágrimas em seu rosto, mas não fez nenhum comentário.

— Acredito que está na horta.

— Está bem, sairei um momento com ela, preciso fazer algo.

— Está bem.

Saiu para a parte de trás, mas não viu a garota, parecia-

lhe tarde para ordenhar, mas podia ser que tivesse se complicado pela manhã. Foi andando até o abrigo com uma sensação estranha, mas ela a desprezou, já que estava muito nervosa por todo o ocorrido. Quando entrou, no início não viu nada, até que uma mão a agarrou pelo braço com um aperto brutal, e um rosto que ela esperara não voltar a ver em sua vida, saboreava-se de tê-la de novo em seus braços. Ingvarr estava com o fio de uma adaga apoiado em seu pescoço, antes que ela se desse conta. Fez com que ela entrasse até o fundo do abrigo, onde viu uma mulher que mantinha Kaira capturada, do mesmo modo, teve a certeza, sem nunca tê-la visto, do nome da desalmada que estava fazendo chorar, aterrorizada, a pobre menina: Valeska.



CAPÍTULO X

Valeska, apesar de sua brutalidade, estava muito nervosa. Discutia com o Ingvarr, já que cada um possuía uma ideia diferente de como sair dali. O que ficou claro para Yvette era que os dois temiam Erik, e o odiavam também. Ela olhava para Kaira para tentar lhe transmitir tranquilidade.

Ingvarr, finalmente, enganchou o braço esquerdo sob seu pescoço, apertando-a de maneira que ela, quase não pudesse respirar. Depois babou em seu ouvido enquanto lhe falava:

— Se sequer suspirar sem que eu permita, sua amiguinha morrerá. — Ele fez um gesto para Valeska que cortou um pouco a pele do pescoço de Kaira, para que ela sangrasse.

— Não! Deixem-na! Farei o que me disserem.

— Está bem, vamos sair daqui por onde entramos, vamos ao celeiro e sairemos a cavalo. — Ele fez com que retrocedessem saindo atrás dela, enquanto a prendia, totalmente, a seu corpo. Aproveitando que a orelha dela estava disponível, não conseguiu evitar lhe dar uma dentada. Ela se queixou baixinho, já que não se atreveu a gritar apesar de que lhe

parecia que ele lhe arrancara um pedaço, — quando acabar o dia terá sangrado muito mais cadela.

Yvette tinha medo, por ela e por Kaira, mas, pelo menos Erik estava a salvo. Ela continuou avançando seguindo as ordens de Ingvarr, a golpes ou apertando mais a faca. Por fim chegaram ao celeiro, sem que se cumprisse sua esperança de alguém da casa as verem. Felizmente, ao sair, Gerd e Thorlak os veriam já que estavam colocados nas janelas dianteiras.

Ingvarr a subiu ao cavalo e a amarrou com uma corda que estava preparada, amarrou primeiro, suas mãos e depois a amarrou na sela. Ao que parecia, fez o mesmo com Kaira no outro cavalo. Depois, Ingvarr e Valeska, subiram atrás delas, para que elas servissem como escudo.

— Valeska, se não for capaz de seguir meu ritmo, ficará para trás, não vou esperá-la, — ele disse, olhando por cima do ombro. A mulher lhe respondeu:

— Ingvarr! Você é um porco, — e cuspiu no chão. Depois açularam os cavalos para sair galopando. Ladearam a casa, e em seguida tomaram o caminho de saída da granja. Quando se afastaram alguns metros da casa que já considerava seu lar, Yvette escutou quando gritaram para que parassem, mas Gerd e Thorlak não se atreveram a disparar flechas com medo de acertá-las.

Ingvarr estava convencido de que Erik nem saberia o que ele roubara, antes de pegar o navio que o esperava, no porto.

Helga estava parada fora da casa junto a todos outros, com a mão tremendo, cobrindo sua boca. Tentava pensar rapidamente e voltou-se para Gerd.

— Gerd, escute, pensa muito bem o que eu vou perguntar, sabe para onde o amo ia procurar o irmão dele?

— Não senhora.

— Mas não os escutou falar entre eles, sobre aonde iniciariam?

— Bem, sim, escutei que olhariam primeiro nas cabanas de caçadores, que há no alto da montanha, mas não sei em qual primeiro.

Helga assentiu e olhou a todos, mas não havia ninguém mais a quem pedir.

— Gerd, terá que ser você a avisá-lo, — o homem assentiu, sem dizer nada, voltou-se para seu filho e lhe disse algo ao ouvido, depois entrou nos estábulos para pegar um cavalo. Saiu galopando minutos depois sem voltar a olhar para trás. Thorlak parecia um cachorrinho que tivesse sido abandonado. Helga lhe agarrou pelo braço para colocá-lo na casa.

Gerd perdeu uma hora na primeira cabana, não estavam ali. Precisou retroceder e mudar de direção, para chegar à segunda, que ele conhecia. Ali encontrou, no meio da paragem nevada, e ao lado da cabana, os dois homens, montados outra vez, a ponto de sair dali. Gritou até ficar sem forças, para que o escutassem. Erik voltou a cabeça freando seu cavalo, girou totalmente e se aproximou rapidamente do escravo.

— Gerd! O que faz aqui? Quem protege às mulheres? — Viu a resposta no olhar do homem que baixou a cabeça, assustado, ao ver o rosto de seu senhor. Erik se atirou do cavalo indo até ele, enganchou-o pela roupa atirando-o ao chão, dali, interpelou a gritos, segurando-o pela camisa.

— Onde está Yvette?

— Amo, eles as levaram, Yvette e Kaira, sinto muito.

— Erik colocou as mãos em sua garganta perdendo a razão. Jensen o puxou sem conseguir nada, depois, deu-lhe um murro no queixo que fez com que ele se virasse para ele, furioso.

— Erik! Escute-me! Precisamos buscá-las, raciocine! — Gullfaxi se aproximou e se colocou à força entre os dois homens, se não fosse assim, Erik o teria matado, era impossível fazê-lo raciocinar. Quando viu o cavalo pego a seu nariz, este lhe deu um pequeno empurrão e relinchou, olhando-o. Erik deixou cair a cabeça no lombo do animal, desesperado, agarrando-se à sela.

— Está bem Gerd, nos diga para onde eles se dirigiram.

O homem explicou para Jensen olhando de esguelha para seu amo que parecia que respirava um pouco mais tranquilo, abraçado a seu cavalo como se estivesse esgotado.

— Foram para o porto, levam muita vantagem. — Jensen se virou para Erik, mas ele já havia montado em Gullfaxi, e cavalgava como um louco procurando o caminho mais rápido para descer a montanha. Jensen montou seu cavalo e o seguiu. Correram pelo caminho sem falar. Erik se inclinava sobre o Gullfaxi sem necessidade de lhe gritar para que fosse mais depressa, a Jensen custava segui-los a esse ritmo. Gullfaxi percorria os campos nevados com a velocidade do cavalo mitológico de qual levava o nome, suas patas nunca se moveram tão rápido, nem sua passada havia sido tão enorme. Parecia que voava. Chegaram ao mirante natural de onde

podiam divisar o porto. Havia um Drakkar ancorado, e a essas alturas do inverno era estranho. Erik forçou a vista, olhando pelo caminho que costeava a montanha e viu, ao longe, dois cavalos se movendo, não conseguia ver quem eles levavam, mas estavam muito rápidos. Observou à costa da montanha, era muito inclinada, mas se fosse pelo caminho normal, não chegaria a tempo. Quando conseguisse chegar ao porto, já a teriam levado, tinha certeza. Analisou por alguns segundos por onde seria melhor descer e escolheu um lugar que parecia menos escarpado.

— Erik, não está pensando a sério. É impossível que o cavalo desça por aí. Vocês morrerão. — Erik o olhou com os olhos flamejando com azul impossível, Jensen se voltou para trás na sela, sabendo que o corpo de seu amigo agora, não estava sendo dirigido pelo humano.

— Se não conseguir salvá-la, é melhor para o mundo que eu morra também. Adeus Jensen. — Este pensou que Gullfaxi retrocederia e não haveria jeito de que ele descesse a ladeira da montanha. Erik se inclinou sobre ele e lhe sussurrou algo ao ouvido, depois soltou as rédeas e se segurou fortemente ao pomo da sela. Gullfaxi deu um salto incrível, que o lançou vários metros mais abaixo. Jensen o seguiu com o olhar, eles aterrissaram perfeitamente, e, sem chegar a pousar as quatro patas, ele continuou correndo para baixo, escolhendo o melhor caminho a cada momento. Erik se segurava como podia à sela, o cavalo em nenhum momento vacilou, era quase como se estivesse se preparando para aquela descida. Fazia um zigue zague sem parar, saltando os penhascos e as valas que

pudessem destroçar suas patas. Gullfaxi relinchou ao ver os cavalos que eles perseguiam, já estavam quase chegando ao caminho por onde os outros iam. Saltou outra vez, atravessando vários metros de ar, até pousar com elegância, no fim do caminho. Eles estavam há vários metros de vantagem. Erik agarrou as rédeas.

— Vamos amigo! Esta é a parte mais fácil. — Gullfaxi relinchou e redobrou sua velocidade. Erik agarrou seu arco, deixando outra vez as rédeas, colocou uma adaga entre seus dentes e se preparou para a batalha.

Valeska olhou para trás aterrorizada, animou o cavalo, mas o animal não conseguia correr mais, Erik ficou a sua altura e, apontou para ela com a flecha. A mulher tentou se esconder atrás da menina. Ao ver que se apontasse para o corpo podia ferir Kaira, ele apontou mais para cima e lançou uma flecha que lhe atravessou o pescoço. Valeska caiu sobre Kaira, que começou a gritar desesperada.

Demorou alguns segundos preciosos desamarrando-a e tranquilizando o cavalo. Depois voltou a subir no dele e galopou para Ingvarr. Este olhava, a cada poucos segundos, para trás, tentando ampliar a distância, tendo a certeza que morreria nesse dia. Mas se conformava enquanto levasse aquela mulher. Ele vira na face de seu irmão quanto ela era importante para ele, sabia que a falta dela o deixaria destroçado. Isso era suficiente. Seria sua única vitória sobre ele. Queria ver a cara dele quando ele cortasse o pescoço da garota, mas precisava de alguns segundos para fazê-lo. Voltou a olhar e viu que ele parou para desamarrar à outra mulher,

ele continuava sendo um idiota. Adiantou-se um pouco mais e depois desceu, perto de algumas árvores. Agarrou sua machadinha, além da adaga. Cortou as cordas dela, e a atirou ao chão, ela o olhou assustada, mas não disse nada. Ao longe ele escutou o galopar daquele maldito cavalo. Agarrou-a pelo cabelo e fez com que ela ficasse de joelhos. Sem soltá-la, expôs seu pescoço ao ar e aproximou a adaga rapidamente. Então, caíram sobre ele, dois metros de um homem demente e disposto a tudo. Caíram juntos, brigando como dois cães raivosos. Murros, patadas, dentadas, tudo era admitido naquela briga. De repente, eles começaram a escutar um zumbido. Yvette, ainda de joelhos, virou-se como pode para ver o que acontecia. Erik estava de joelhos sobre o peito de Ingvarr, que brigava tentando cravar sua adaga no peito de Erik. Ela evitou gritar para não distrair Erik. Este tirou a adaga de Ingvarr e a afundou no coração dele. Olhou-a. Seus olhos ardiam e seu corpo vibrava de alguma estranha maneira. Ele se levantou com rapidez e caiu junto a ela. Olhou-a com uma expressão estranha. Ela estranhou que ele não a abraçasse, precisava dele.

— O que, o que está acontecendo? — Ela gaguejou

— Sinto muito. — Ele estava com os olhos cheios de lágrimas, — é minha culpa, devia ter imaginado que ele a buscaria para me machucar.

— Você não tem culpa Erik, — ela levantou sua mão, ainda trêmula e envolveu a bochecha dele. — Leve-me para casa, por favor. Ele assentiu levantando-a nos braços, como se fosse um ser delicado e frágil. Levou-a até o Gullfaxi que bufava,

emocionado. Colocou-a nele e montou atrás. Abraçou-a contra ele por um instante, e ela notou que ele não usava a roupa de pele.

— Vamos para casa. — Ela assentiu. Kaira os esperava no cavalo e os seguiu, deixando seus rastros na neve. Voltara a nevar.



EPÍLOGO

A mulher estava sentada junto ao rio observando como a água corria entre as pedras e as ervas do fundo. Os hematomas se apagaram de sua face quase, completamente. Estava bem protegida com sua capa nova, mas com tudo aquilo, sentiu um calafrio. Possivelmente Helga tinha razão e devia entrar em casa. Gostava de estar ali, sentia-se livre. Erik não estava, por isso podia estar fora de casa, sozinha. Ele ainda demoraria bastante tempo para deixá-la sair, estava muito assustado pela possibilidade de que voltasse a lhe acontecer alguma coisa.

Yvette olhou o celeiro e suspirou, Erik estava decidido a demoli-lo e construir outro ao lado do depósito, para que não voltasse a servir de esconderijo para ninguém. Ela se levantou para voltar, havia um vento gelado, que a convenceu a voltar. Quando já quase estava na porta, escutou ruído de cavalos. Voltou-se, porque Erik não viria daquela direção.

Vinham de fora da granja, e ele estava com Gerd e Thorlak nos campos. Não acreditava conhecer os visitantes, aproximou-se da porta no caso de precisar correr. Ela também estava

nervosa, mas conforme foram se aproximando, reconheceu os cavaleiros. Saiu correndo para eles.

— Marianus! — Ela corria chorando de felicidade. O monge freou o cavalo e se abaixou com dificuldade, ela nem sequer sabia que conseguia montar. Correu até encontrar-se entre seus ossudos braços. Soluçava como uma menina o apertando contra ela.

— Filha, fique tranquila, — ele a afastou dele. — Deixe-me olhá-la, vejo-a bem apesar de tudo.

— Acreditei que você estivesse morto.

— Graças a Deus não. Não foi tão grave quanto parecia. — Ele olhou para trás dela. — Olhe querida, Olaf veio comigo. Viemos buscá-la. Na realidade, estamos aqui graças a ele, — ela se voltou assombrada. Olaf estava em frente a ela. Ela não sabia o que fazer.

— Olá Olaf, alegro-me de vê-lo, — ele a abraçou apaixonadamente, com muita força, ela tentou se separar, mas não conseguiu. Quase não podia respirar.

— Yvette! Não parei de procurá-la, até que nos disseram onde você estava. Seu sequestrador está aqui? — Ele olhou ao redor e viu um cavalo que galopava para eles.

Yvette reconheceu Gullfaxi. Tremeu ao pensar o que seria de Olaf se Erik a encontrasse abraçada a ele.

— Olaf me solte, por favor, — afastou-se como pode e esperou Erik pensando em como lhe explicar a situação. Ele parou o cavalo em seco e desceu de um salto. Aproximou-se deles colocando-se junto a Yvette e agarrando-a pela cintura.

— Quem são eles Yvette? — Ela assinalou Marianus e o

apresentou. Erik inclinou a cabeça diante dele, mas em seguida voltou o olhar para Olaf.

— E este é Olaf. Vieram para se assegurar de que eu esteja bem.

— Não sei o que está acontecendo aqui! Mas ela é minha prometida senhor. — Erik o olhou de cima abaixo e sorriu com maldade. Igual a Gullfaxi, que mostrava a cabeça atrás de Yvette.

— Se for o que penso, deveremos disputar esse direito, porque ela vai ser minha esposa. — Yvette o olhou com os olhos que lhe saíam de órbitas. — Prefere com espadas, ou possivelmente com uma adaga?

Olaf começou a ficar daquele feio tom ameixa que lhe assentava tão mal, e se engasgou.

— Isso é primitivo! Eu sou um homem das leis, não vou brigar com o primeiro caipira que me peça isso! — Erik deu um passo ameaçador para ele, que fez com que retrocedesse dois. Erik voltou a sorrir.

— Está bem, se não quer lutar, simplesmente eu lhe arrancarei a cabeça. — Ele disse aquilo sorrindo, o que infundia mais medo, deu vários passos para o jovem que saiu correndo e montou seu cavalo. A próxima coisa que viram foi o pó que seu cavalo levantava ao galopar.

O monge movia a cabeça sorridente sabendo que gostaria daquele homem, sua menina caíra em boas mãos. Ela estava feliz. Ele notava isso.

— Que mau você é Erik! — Ela ria apoiada nele. — Você viu? Marianus veio!

Voltou-se outra vez para o monge e lhe agarrou a mão.

— Agora sou totalmente feliz! Você pode ficar conosco?

— Imagino que sim, pelo menos por uma temporada. Além disso, preciso casá-los, não lhe parece? — Ela se ruborizou e voltou a olhar para Erik que também a olhava com ternura.

— Sim, suponho. Não sei, isto está muito depressa.

— Como que muito depressa mulher? Tenha preparado seu traje de bodas, amanhã, porque não vou esperar mais. — Ele a beijou na boca diante de todos e entrou na casa.

— Vejo que, efetivamente, as bodas precisam ser rápidas.

Marianus entrou atrás do noivo para lhe fazer algumas perguntas. E ela ficou a sós com Gullfaxi.

— Não lhe parece tudo incrível? — O cavalo assentiu e...

Yvette entrou correndo na casa e gritando:

— Erik, esse seu cavalo acaba de me piscar um olho!

Gullfaxi relinchou com vontade, antes de sair galopando, outra vez pelo campo, aquilo deveria ser celebrado. Finalmente os humanos haviam tomado juízo.



Muito obrigada a todos os que escolheram esta história, encantou-me escrevê-la. Espero que tenham se divertido com os personagens que a povoam. Graças aos leitores que continuam lendo o que publico. Obrigada.

PD — Nesta ocasião, temo que me apaixonei por um cavalo.

Notas

[←1]

Bersercker — Guerreiros nórdicos ferozes, relacionados ao culto do deus Odin. Eles despertavam uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.

[←2]

Jarl: Era um título usado na Era viking e início da Idade Média (c. 900-1300) para designar o governador de uma região relativamente grande, ou o braço direito do rei.

[←3]

Valhalla: Valíala, Valhala ou Walhala - Mitologia Nórdica, um majestoso e enorme salão com 54 portas. Neste salão os heróis se juntam aos outros heróis lendários mitologia.